UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PASSO FUNDO

ESTRUTURAÇÃO URBANA DE UMA CIDADE MÉDIA GAÚCHA

DIEGO FERRETTO

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração | Planejamento Urbano e Regional

Orientadora | Profa Dra Maria Cristina da Silva Leme

São Paulo | 2012

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade do autor e anuência do orientador. O original se encontra disponível na sede do programa.

São Paulo, 02 de julho de 2012.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Email: diegoferretto@yahoo.com.br

F387p Ferretto, Diego
Passo Fundo. Estruturação urbana de uma cidade média gaúcha / Diego Ferretto. -- São Paulo, 2012.
176 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Planejamento Urbano e Regional) – FAUUSP.
Orientadora: Maria Cristina da Silva Leme

1.Estruturas urbanas – Passo Fundo (RS) 2.Cidades médias – Passo Fundo (RS) I.Título

CDU 711.41(816.52)P289

À CIDADE DE PASSO FUNDO

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP – pelo apoio financeiro, através da concessão de bolsa de mestrado no período de março de 2010 a fevereiro de 2012.

À minha orientadora, Profa Dra. Maria Cristina da Silva Leme, cuja presença constante e as colocações precisas me propiciaram um percurso tranquilo durante os três anos de desenvolvimento da pesquisa, período em que tive o privilégio de compartilhar de sua amizade e de constatar sua seriedade e competência profissional.

Ao Prof. Dr. Flávio Villaça, pelas colocações no exame de qualificação, e pela generosidade e seriedade com que conduz o grupo de estudos do qual faço parte, e finalmente pela sua essencial contribuição aos estudos urbanos no Brasil.

À Profa Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito, pelas contribuições no exame de qualificação, e também pela sua consistente produção acadêmica no campo da geografia urbana.

Aos professores ministrantes das disciplinas da pós-graduação. Na FAU: Luis Eduardo Lefebvre; Csaba Dèak, Klara Kaiser Mori, Nuno Fonseca; Beatriz Bueno e Nestor Goulart Reis Filho; Mônica Junqueira, Reginaldo Ronconi e Silvio Soares Macedo; Maria Angela Faggin Pereira Leite, Maria Cristina da Silva Leme e Luis Antônio Jorge; e na geografia, à professora Maria Adélia Aparecida de Souza.

À Profa Dra. Maria Inês Sugai, minha orientadora de TFG do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, pela contribuição essencial em minha formação acadêmica e pelos encaminhamentos que tanto me ajudaram a enfrentar a vida em São Paulo.

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, especialmente à Sibele Fiori, arquiteta da Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN); à engenheira Patrícia Michels e a Renato Vargas, da Secretaria de Habitação (SEHAB); pelo fornecimento de dados e esclarecimento de dúvidas.

Às professoras da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo, Adriana Gelpi e Rosa Maria Locatelli Kalil, por compartilharem comigo seus estudos e um pouco de sua vivência na cidade.

À amiga Angélica Bier, pela contribuição no levantamento de dados e bibliografia.

A Jorge Benhur Bilhar, diretor da agência do IBGE – Passo Fundo, pelo fornecimento de dados e esclarecimentos.

Às famílias Ferretto e Ferri, pelo amor a mim dedicado desde sempre.

À minha irmã Luciana, e minha sobrinha Lívia, pela doce e inspiradora presença.

Ao meu pai, Luiz Alberto, pelo incentivo e pela valiosa contribuição à pesquisa empírica.

À minha mãe, Inelda, pelo amor, incentivo e doação que só as mães são capazes.

À insistente, mas sempre confortante companhia de meus gatos, Tibi, Oshin e Sagui, durante a escrita da dissertação.

E à Elisa, por tudo que representa sua existência em minha vida.

RESUMO

O objetivo principal dessa dissertação consiste em analisar o processo de estruturação intra-urbana de Passo Fundo, à luz das dinâmicas socioeconômicas que a caracterizam como cidade média que desempenha funções de centro regional e de apoio ao agronegócio. Para tanto, assumindo a sobreposição de escalas analíticas como uma premissa de método, organizamos a pesquisa em duas partes. Na primeira, a partir de referencial teórico pautado em estudos da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME) e nas teorias de Milton Santos, buscamos analisar as relações horizontais que a cidade estabelece com a região, sobretudo através da oferta de comércio, saúde e educação superior; num outro nível de análise abordamos as relações verticais que se estruturam em rede, extrapolam a região e inserem Passo Fundo em circuitos econômicos globalizados relativos à produção de alimentos, como cidade de apoio ao agronegócio. Na segunda parte do trabalho, a partir dos estudos de Flávio Villaça sobre a formação do espaço intra-urbano brasileiro, analisamos a estrutura intra-urbana de Passo Fundo a partir de seus elementos principais (o centro, as áreas industriais e as áreas residenciais segundo as classes sociais) enfatizando suas localizações e a maneira como se articulam, assim como a atuação dos diferentes grupos sociais enquanto agentes produtores-consumidores do espaço intra-urbano. Em linhas gerais, observamos que as dinâmicas socioeconômicas regionais definiram o ritmo da urbanização de Passo Fundo que se intensifica na segunda metade do século XX, em função da reestruturação produtiva da agricultura e da consolidação da cidade como centro regional. Estruturada ao longo de caminhos regionais como local de passagem, a cidade passa a crescer em ritmo mais intenso após 1950, como destino principal das migrações do campo e de outras cidades do entorno. O incremento populacional gera novas demandas urbanas e evidencia a produção de uma periferia carente, em paralelo à concentração de investimentos públicos na área central, consolidada como local de moradia das classes de alta renda e objeto de valorização fundiária e imobiliária. Caracteriza-se assim um típico modelo de segregação centro-periferia, condicionado aos interesses de mercado e legitimado pelo Estado. Atualmente, o dinamismo econômico expresso pelo crescimento do setor terciário e pela industrialização da economia se manifesta na cidade a partir da inserção de novos vetores de expansão urbana, expressos pela implantação de um grande loteamento de uso misto de média e alta renda assim como de condomínios de luxo na periferia. Ressaltamos que embora se manifestem em diferentes intensidades e complexidades, os processos em Passo Fundo têm a mesma natureza daqueles observados em outras cidades médias e também nas metrópoles, uma vez que se inserem na mesma estrutura social e resultam, em última análise, da produção capitalista da cidade, legitimada pelo Estado e comandada pelas classes dominantes.

Palavras-chave: Passo Fundo; cidades médias; estrutura urbana.

ABSTRACT

This dissertation main goal is to analyze the intra-urban structuring process of Passo Fundo, focusing on the socioeconomic dynamics that qualify the city as a medium-size one, owner of functions such as regional center or supportive local for agricultural business. For such an aim, we intend to assume an overlap of analytical scales as a premiss for methodology, which has led the organization of our research to divide itself into two parts. In the first one, based on theoretic references that come from the studies of the Medium-Size Cities Researchers Web (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – RECIME) and also from Milton Santos ideas, we examined the horizontal relations between the city and its region, mainly the relations that concern to commercial and health services and also university education; in another analytic level, we observed the vertical relations, web structured, which go beyond the regional territory and place Passo Fundo in economic and globalized circuits related to food production (thanks to its already mentioned support to agricultural business). In the second part of this dissertation, taking Flávio Villaça's studies about the formation of Brazilian intra-urban space as a ground, we commented the same theme related to Passo Fundo: the main elements of the city were prioritized (the center, its industrial and residential areas – and its separation in social classes) in an investigation that emphasized the location and the way these elements articulate themselves in the city; as well as the actions of social groups, in the aspects of production and consumism of goods in the intra-urban space. Briefly, we observed the socioeconomic dynamics (located in a regional sphere) as definers to the urbanization rhythm in Passo Fundo – which has intensified itself in the second part of the XXth century, due to productive restructuration on agriculture and the consolidation of the city as a regional center. Passo Fundo was structured along regional roads and defined as a city for transition, it starts to grow faster after 1950, and it becomes the main destiny for migrants from the country and satellite cities around. Such a growth on population generates new urban demands and produces a notable needy periphery, parallelly to the concentration of public investments in the central area – which has consolidated itself as a residential place for the higher society, and also as a goal for land and housing speculation. By these means, a typic segregational model (the center-periphery one) is characterized, and it shows itself as conditioned to market interests which are state-legitimated. Currently, the economic dynamism expressed in the third and second sector manifests itself in the city through the insertion of new vectors in the urban expansion, which show themselves in the implantation of a great allotment willing to mix use (for high and middle classes), as well as luxurious condominiums in the periphery. Although these processes manifest with different intensities and complexities, we highlight them in Passo Fundo as sharing the same nature of the ones observed in medium-size and metropolitan cities, as they are inserted in the same social structure and are product, ultimately, of the capitalist development of the city, owned by the high classes and state-legitimated.

Keywords: Passo Fundo; medium-size cities; urban structure

LISTA DE MAPAS

MAPA 01	Rotas Tropeiras	p. 21
MAPA 02	Rio Grande do Sul: regionalização baseada em Alonso <i>et al</i> (1994)	p. 23
MAPA 03	Rio Grande do Sul: malha ferroviária	p. 25
MAPA 04	Rio Grande do Sul: divisão municipal	p. 35
MAPA 05	Rio Grande do Sul: meso e microrregiões (IBGE)	p. 36
MAPA 06	Região de influência de Passo Fundo (REGIC, 2007)	p. 42
MAPA 07	Rio Grande do Sul: hospitais e leitos (2008)	p. 47
MAPA 08	Rio Grande do Sul: educação superior (2009)	p. 50
MAPA 09	Planta da freguesia de Passo Fundo (1853)	p. 61
MAPA 10	Passo Fundo: ocupação urbana (1853)	p. 62
MAPA 11	Passo Fundo: expansão urbana (1853 – 1888)	p. 63
MAPA 12	Passo Fundo: expansão urbana (1888 – 1902)	p. 64
MAPA 13	Passo Fundo: expansão urbana (1902 – 1918)	p. 65
MAPA 14	Planta da cidade de Passo Fundo (1918)	p. 66
MAPA 15	Planta da cidade de Passo Fundo (1922)	p. 67
MAPA 16	Passo Fundo: expansão urbana (1918 – 1953)	p. 69
MAPA 17	Passo Fundo: expansão urbana (1953 – 2011)	p. 72
MAPA 18	Passo Fundo: implantação de loteamentos	p. 74
MAPA 19	Passo Fundo: verticalização (2000)	p. 75
MAPA 20	Passo Fundo: áreas passíveis de verticalização (II PDDU / PDDI)	p. 78
MAPA 21	Passo Fundo: setores urbanos (2005)	p. 79
MAPA 22	Passo Fundo: centralidade (2011)	p. 83
MAPA 23	Passo Fundo: linhas de ônibus (2011)	p. 86
MAPA 24	Passo Fundo: tipologias comerciais na área central (2011)	p. 95
MAPA 25	Passo Fundo: serviços de saúde – principais edifícios (2011)	p. 102
MAPA 26	Passo Fundo: localizações das indústrias	p. 108
MAPA 27	Passo Fundo: áreas de uso industrial (II PDDU / PDDI)	p. 118
MAPA 28	Passo Fundo: distribuição socioespacial (2010)	p. 121
MAPA 29	Passo Fundo: distribuição socioespacial (2000)	p. 123
MAPA 30	Passo Fundo: ocupações de alta renda	p. 128
MAPA 31	Passo Fundo: habitação social	p. 133
MAPA 32	Passo Fundo: ocupações irregulares	p. 148
MAPA 33	Passo Fundo: novos vetores de expansão urbana	p. 152
MAPA 34	Passo Fundo: Loteamento Cidade Nova – mapa de usos	p. 156

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Passo Fundo: evolução populacional (1857-2010)	p. 31
TABELA 02	Passo Fundo: evolução da população economicamente ativa – PEA (1970-2000)	p. 31
TABELA 03	Rio Grande do Sul: municípios mais importantes	p. 34
TABELA 04	Rio Grande do Sul: mesorregiões IBGE (2010)	p. 37
TABELA 05	Mesorregião Noroeste Rio-Grandense (2010)	p. 37
TABELA 06	Microrregião de Passo Fundo: indicadores populacionais (2010)	p. 38
TABELA 07	Microrregião de Passo Fundo: indicadores econômicos (2008)	p. 39
TABELA 08	Passo Fundo: número de estabelecimentos e empregados	p. 44
TABELA 09	Passo Fundo: estabelecimentos comerciais (2010)	p. 44
TABELA 10	Passo Fundo: estabelecimentos do setor de serviços (2010)	p. 46
TABELA 11	Rio Grande do Sul: pólos de saúde (2010)	p. 47
TABELA 12	Meso e microrregião de Passo Fundo: saúde (2010)	p. 48
TABELA 13	Microrregião de Passo Fundo: estabelecimentos de saúde (outubro, 2011)	p. 49
TABELA 14	Rio Grande do Sul: ensino superior (2010)	p. 50
TABELA 15	Meso e microrregião de Passo Fundo: educação (2009)	p. 51
TABELA 16	Passo Fundo: instituições de ensino superior (2011)	p. 51
TABELA 17	Passo Fundo: ensino e pesquisa voltados ao agronegócio	p. 55
TABELA 18	Passo Fundo: 50 maiores empresas segundo valor adicionado (2010)	p. 57
TABELA 19	Passo Fundo: setores urbanos	p. 80
TABELA 20	Passo Fundo: distribuição socioespacial da população por setores urbanos (2010)	p. 122
TABELA 21	Passo Fundo: produção de habitação social – COHAB –RS	p. 134
TABELA 22	Passo Fundo: produção de habitação social – PMPF	p. 138
TABELA 23	Passo Fundo: produção de habitação social – PAR	p. 140
TABELA 24	Passo Fundo: produção de habitação social – PMCMV	p. 142
TABELA 25	Passo Fundo: problemas habitacionais (2000)	p. 145
TABELA 26	Passo Fundo: problemas habitacionais por classe de renda (2000)	p. 145
TABELA 27	Passo Fundo: ocupações irregulares	p. 147
TABELA 28	Passo Fundo: condomínios fechados	p. 159

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Passo Fundo: centro principal	p. 85
FIGURA 02	Rua do Comércio (1874)	p. 87
FIGURA 03	Estação ferroviária (1937)	p. 88
FIGURA 04	Rua General Netto (1928) e Rua Bento Gonçalves (1928)	p. 88
FIGURA 05	Rua Moron (1940) e Rua General Canabarro (1940)	p. 88
FIGURA 06	Casas comerciais “A Minerva” (1915) e “Casa Preto” (1936)	p. 89
FIGURA 07	Clube Comercial (1928) e Clube Caixeiral (data não identificada)	p. 90
FIGURA 08	Hotel Internacional (início do séc. XX) e Hotel Petracco (1937)	p. 90
FIGURA 09	Rua General Netto (1961) e Turis Hotel (década de 1960)	p. 91
FIGURA 10	Praça Marechal Floriano em 1940 e atualmente	p. 91
FIGURA 11	Centro de Passo Fundo (1961)	p. 93
FIGURA 12	Centro de Passo Fundo (2010)	p. 94
FIGURA 13	Galeria Central (2011) e Galeria Luxor (2011)	p. 96
FIGURA 14	<i>Shopping</i> da Praça (2011) e <i>Shopping</i> Bento Brasil (2011)	p. 97
FIGURA 15	<i>Shopping Bella Città</i> (2011)	p. 97
FIGURA 16	<i>Shopping Bella Città</i> em fase de ampliação (2011) e maquete da obra pronta	p. 98
FIGURA 17	Rua Moron (2011)	p. 99
FIGURA 18	Hipermercado <i>Bourbon</i> (2010) e <i>Igaí</i> Eventos (2011)	p. 100
FIGURA 19	HSPV: acessos pelas ruas Teixeira Soares e XV de Novembro (2011)	p. 100
FIGURA 20	Edifícios de uso médico na Rua Uruguai (2011)	p. 103
FIGURA 21	Revendas de máquinas agrícolas na Avenida Brasil, no Boqueirão (2011)	p. 105
FIGURA 22	Subcentro Boqueirão (2011) e Subcentro Vera Cruz (2011)	p. 106
FIGURA 23	Moinhos Rio-grandense e São Luiz (1965)	p. 110
FIGURA 24	Cervejaria Serrana (data não identificada)	p. 111
FIGURA 25	Antiga cervejaria, prédio ocupado atualmente pela Faculdades Anhanguera (2010)	p. 111
FIGURA 26	Indústrias no Bairro São Cristóvão	p. 113
FIGURA 27	Frigorífico Costi – vista aérea (1950), fachada (década de 2000)	p. 114
FIGURA 28	Frigorífico Planaltina (2007)	p. 114
FIGURA 29	Unidade da Semeato na São Cristóvão	p. 115
FIGURA 30	Doux-Frangosul e o Loteamento Maggi De Cesaro	p. 116
FIGURA 31	Casarão no centro (1915) / Casarões na Rua General Netto (1940)	p. 125
FIGURA 32	Edifício Planalto (2011) / edifícios em frente à Praça Tocchetto (2010)	p. 126
FIGURA 33	Empreendimentos residenciais no centro (2011)	p. 126
FIGURA 34	Rua e residência na Vila Vergueiro (2007)	p. 129
FIGURA 35	Edifícios na Vila Vergueiro, localizados na Avenida Sete de Setembro (2011)	p. 129
FIGURA 36	Rua e residência no Bosque Lucas Araújo (2007)	p. 130
FIGURA 37	Vista do centro a partir da Vila Fátima e Altos da Petrópolis (2011)	p. 131

FIGURA 38	Conjuntos habitacionais COHAB I e II (1984)	p. 135
FIGURA 39	Conjuntos habitacionais COHAB I e II (2007)	p. 136
FIGURA 40	Zacchia: unidades habitacionais tipo “embriões” (1988)	p. 136
FIGURA 41	José Alexandre Zacchia (2010)	p. 137
FIGURA 42	Parque do Sol (2011)	p. 139
FIGURA 43	Par Boqueirão (2011) e Par Vera Cruz (2011)	p. 141
FIGURA 44	Donária II e Recanto Planaltina	p. 142
FIGURA 45	Ocupações irregulares no Zacchia	p. 149
FIGURA 46	Ocupações irregulares na beira-trilho	p. 150
FIGURA 47	Setores Santa Martha e Integração	p. 153
FIGURA 48	Loteamento Cidade Nova	p. 155
FIGURA 49	Loteamento Cidade Nova (encarte publicitário)	p. 158
FIGURA 50	Condomínio Morada Além do Horizonte (2007)	p. 161
FIGURA 51	Condomínio <i>Villa Palladio</i> (2011)	p. 161
FIGURA 52	Condomínio Vivenda das Palmeiras	p. 162

LISTA DE SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAIs	Complexos Agroindustriais
COHAB /RS	Companhia de Habitação do Rio Grande do Sul
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FJP	Fundação João Pinheiro
HSPV	Hospital São Vicente de Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
II PDDU	II Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1984)
PDDI	Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (2006)
PLHIS	Plano Local de Habitação de Interesse Social
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PMPF	Prefeitura Municipal de Passo Fundo
PRODIN	Programa de Desenvolvimento Integrado do Município de Passo Fundo
RECIME	Rede de Pesquisadores sobre cidades médias
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I : FUNÇÕES URBANAS E INSERÇÃO REGIONAL.....	18
CAPÍTULO I : PASSO FUNDO: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO	19
1.1. OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	19
1.2. PASSO FUNDO: DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO	24
CAPÍTULO II - PASSO FUNDO: CIDADE MÉDIA COM FUNÇÕES COMERCIAIS, DE SERVIÇOS E DE APOIO AO AGRONEGÓCIO	32
2.1. INSERÇÃO REGIONAL	34
2.2. A OFERTA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS ESPECIALIZADOS	44
2.3. AS FUNÇÕES DE APOIO AO AGRONEGÓCIO	53
PARTE II : ESPAÇO INTRA-URBANO	59
CAPÍTULO III : FORMAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO INTRA-URBANO.....	60
3.1. A OCUPAÇÃO INICIAL: 1827 – FINAL DO SÉCULO XIX	61
3.2. FORMAÇÃO DO CENTRO E DOS PRIMEIROS BAIROS RESIDENCIAIS: 1898 – 1950	63
3.3. EXPANSÃO PERIFÉRICA E VERTICALIZAÇÃO DA ÁREA CENTRAL: PÓS 1950	70
CAPÍTULO IV : CENTRO	81
4.1. CENTRALIDADE EM PASSO FUNDO	82
4.2. O CENTRO PRINCIPAL	84
4.3. OS SUBCENTROS DE BAIROS	104
CAPÍTULO V : ÁREAS INDUSTRIAIS.....	107
5.1. INDÚSTRIAS NA ÁREA CENTRAL.....	108
5.2. INDÚSTRIAS NOS SETORES SUDESTE E SUDOESTE.....	111
5.3. INDÚSTRIAS NO SETOR NORTE	116
CAPÍTULO VI : ÁREAS RESIDENCIAIS	119
6.1. DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA POPULAÇÃO	120
6.2. OS SETORES DE ALTA RENDA	125
6.3. OS SETORES DE BAIXA RENDA	132
6.4. OCUPAÇÕES IRREGULARES	143
CAPÍTULO VII : NOVOS VETORES DE EXPANSÃO URBANA E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	151
7.1. VETOR SUDOESTE: SETORES SANTA MARTHA E INTEGRAÇÃO	153
7.2. VETOR NORTE: LOTEAMENTO CIDADE NOVA.....	155
7.3. OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E A DISPERSÃO DA ELITE	159
7.4. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM PASSO FUNDO: NOVOS PROCESSOS.....	162
REFLEXÕES FINAIS	164
BIBLIOGRAFIA.....	171

INTRODUÇÃO

Localizado no Planalto Médio Gaúcho, na porção norte do estado, Passo Fundo está entre os municípios mais importantes do Rio Grande do Sul, com cerca de 185.000 habitantes é o 12º município mais populoso do estado e a 9ª maior economia. A cidade, por sua vez, tem papel de destaque na rede urbana gaúcha, pois desempenha as funções de centro regional, especialmente com relação à oferta de serviços de saúde e educação superior. Embora as atividades terciárias movimentem a economia urbana, o agronegócio constitui-se como o carro-chefe da economia regional, tanto que a aclamada industrialização do município, viabilizada a partir da instalação de grandes empresas nacionais e multinacionais na última década, tem profunda imbricação com o setor.

Na cidade, que concentra 97% da população municipal, destaca-se a dinâmica atuação do setor imobiliário, tanto pela produção da periferia urbana, através da implantação de loteamentos populares e mais recentemente de condomínios de luxo, como também pela verticalização da área central; em paralelo à espacialização de demandas regionais relativas aos setores de saúde e educação superior, facilmente perceptíveis pela crescente implantação de hospitais e clínicas especializadas, assim como de inúmeras novas instituições de ensino superior, que caracterizam Passo Fundo como uma cidade universitária.

Numa primeira análise, o dinamismo econômico expresso pela força do agronegócio, pela industrialização da economia, pelo crescimento dos setores de saúde e educação superior, e pela pujança do setor imobiliário conferem a Passo Fundo o *status* de cidade próspera, dotada de boas oportunidades de emprego e carreira, tanto que em 2009, de acordo com pesquisa da Fundação Getúlio Vargas¹, Passo Fundo aparece como a 44ª melhor cidade brasileira para se viver e investir, ocupando a 9ª posição na região sul. Mas em que medida as estatísticas, os índices e projeções econômicas representam a realidade urbana de Passo Fundo? Em que termos o dinamismo econômico e a centralidade regional repercutem na cidade?

Diante desse contexto, nosso objetivo principal consiste em analisar o processo de estruturação urbana de Passo Fundo, à luz das dinâmicas socioeconômicas forjadas também em outras escalas. Nesse processo, desejamos destacar a atuação dos diferentes grupos sociais enquanto agentes produtores/consumidores do espaço intra-urbano.

Com base nos estudos de Sposito (2006, 2007) e outros autores, Passo Fundo pode ser caracterizada como uma cidade média, cuja classificação extrapola o critério demográfico e diz respeito aos papéis de intermediação que a cidade exerce no espaço regional, além de sua inserção em circuitos nacionais e internacionais de produção de alimentos, como cidade de apoio ao agronegócio. Nesse sentido, Sobarzo (2010) define Passo Fundo como uma cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio.

Diante dessa classificação, partimos de uma perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar pautada, sobretudo, em estudos da RECIME², que vem investigando sistematicamente os processos de reestruturação urbana e regional relacionados às cidades médias.

¹ A pesquisa, publicada na revista *Você S/A* (julho 2009) analisou 127 municípios, considerando os mais populosos e com maiores depósitos bancários à vista. Foram avaliados indicadores de educação, saúde e vigor econômico. Na região sul, Passo Fundo aparece atrás de Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Itajaí (SC), Londrina (PR), Caxias do Sul (RS), Maringá (PR) e Canoas (RS).

² Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias, coordenada pelas geógrafas Maria Encarnação Beltrão Sposito (UNESP – Presidente Prudente) e Denise Elias (UECE). A rede reúne uma equipe multidisciplinar de pesquisadores

Sposito (2011)³ argumenta que a emergência das cidades médias como objeto específico de estudo deriva basicamente de quatro fatores: de sua crescente importância demográfica; da redefinição de seus papéis na divisão territorial do trabalho; do conjunto de relações diretas que estabelecem com cidades de outros níveis; e finalmente da inadequação da transposição teórico-conceitual das análises metropolitanas para as cidades médias.

Corrêa (2007, p.23) observa que a particularidade de uma cidade média, qualificada como objeto de estudo, está na combinação específica entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano.

“Isso significa afirmar que na construção de um objeto de estudo qualificado como cidade média, é necessário que não se considere isoladamente cada um dos três pontos aqui apresentados [...], mas uma particular combinação deles. Isso torna a tarefa mais difícil, mas, por outro lado, permite a elaboração de um quadro teórico mais consistente, evidenciando a unidade da cidade como ponto funcional em uma dada rede urbana e como organização, em outra escala, do espaço interno.” (CORRÊA, 2007, p.25)

De acordo com os estudos da RECIME, os papéis de intermediação desempenhados pelas cidades médias nas escalas regional, nacional e global, têm importantes repercussões socioespaciais no arranjo interno dessas cidades. Dessa constatação emerge uma premissa teórico-metodológica fundamental que aponta a necessidade de uma sobreposição de escalas analíticas.

Para Santos e Silveira (2010, p.11) “escolher um caminho de método significa levar em conta diversas escalas de manifestação da realidade, de modo a encontrar as variáveis explicativas fundamentais”. (p.11) Nesse sentido:

“A região e o lugar não têm existência própria. Nada mais são que uma abstração, se os considerarmos à parte da totalidade. Os recursos totais do mundo ou de um país, quer seja o capital, a população, a força de trabalho, o excedente [...], dividem-se pelo movimento da totalidade, através da divisão do trabalho e na forma de eventos. A cada momento histórico, tais recursos são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região e lugar sua especificidade e definição particular. Sua significação é dada pela totalidade de recursos e muda conforme o movimento histórico.” (SANTOS, 2009, p.165)

Sposito (2011, p.130) afirma que

“nada pode ser explicado apenas numa escala, mesmo que estejamos nos referindo à escala internacional. Toda a compreensão requer a articulação entre as escalas, ou seja, a avaliação dos modos, intensidades e arranjos, segundo os quais os movimentos se realizam e as dinâmicas e os processos se desenvolvem, combinando interesses e administrando conflitos que não se restringem a uma parcela do espaço, mesmo quando os sujeitos sociais, que têm menor poder aquisitivo, parecem atados a territórios relativamente restritos.”

vinculados a instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras (Argentina e Chile), cujas atividades de pesquisa se iniciaram sistematicamente em 2007.

³ Em conferência no IVX ENANPUR (Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR), realizado no Rio de Janeiro, de 23 a 27 de maio de 2011.

No entanto, mesmo considerando a sobreposição de escalas analíticas como uma premissa metodológica, Corrêa (2011, p.42) adverte que “a base teórica que permite explicar ou compreender fenômenos, relações e práticas é alterada quando se muda a escala espacial. Isso implica a necessidade de teorias com distintos níveis de abrangência espacial.”

Assim, num segundo nível de análise, em que assumimos o espaço intra-urbano como objeto específico de estudo, nos deparamos com a necessidade de empregar categorias analíticas específicas que dêem conta dessa escala. Buscamos então nas análises urbanas respaldo teórico-metodológico para o enfrentamento da questão e nesse campo destacamos a contribuição do arquiteto Flávio Villaça, a partir da leitura estrutural que faz do espaço intra-urbano brasileiro.

Embora reconheça que o espaço intra-urbano está sob influência de determinantes econômicas, Villaça afirma que “a questão central na análise de qualquer tipo de espaço social consiste em identificar as mediações corretas entre as macro-determinações socioeconômicas e esse espaço social, ou seja, as forças sociais que atuam nessas mediações e suas correspondentes formas de atuação.” (2001, p.44)

Segundo Villaça (2011), o reconhecimento do espaço como produto socialmente produzido pelo trabalho humano provavelmente constitui-se no maior avanço teórico ocorrido no campo da geografia em todos os tempos.

“A partir dessa concepção do espaço social, e só a partir dela, foi possível inserir seu estudo na lógica do materialismo histórico, da dominação e do conflito de classes, coisa que não só não tinha sido possível antes, como também vinha entravando o desenvolvimento da geografia, impedindo-a de ultrapassar a etapa primária de uma ciência humana que se limitava à simples descrição do espaço”. (VILLAÇA, 2011, p.37)

Nesse contexto, assumindo o espaço como social, “produto produzido”, Villaça chama atenção para uma questão que considera fundamental no entendimento da sociedade/espaço brasileiro, as brutais desigualdades de poder político e econômico:

“nenhum aspecto da sociedade brasileira poderá ser jamais explicado/compreendido se não for considerada a enorme desigualdade econômica e de poder político que ocorre em nossa sociedade. [...] Transferindo para o campo do urbano [...]: nenhum aspecto do espaço urbano brasileiro poderá ser jamais explicado/compreendido se não forem consideradas as especificidades da segregação social e econômica que caracteriza nossas metrópoles, cidades grandes e médias.” (VILLAÇA, 2001, p.37)

Daí a importância da segregação socioespacial nas cidades brasileiras como processo fundamental em sua estruturação. É a partir desses pressupostos teóricos que construímos nossa abordagem dos processos socioespaciais relativos à estruturação intra-urbana de Passo Fundo. Como forma de operacionalizar nossa análise nos utilizamos de alguns recortes, definições e categorias de análise sistematizados por Villaça na obra “Espaço intra-urbano no Brasil”, de 1998.

Partimos da definição de estrutura urbana, utilizada pelo autor para designar uma “um todo constituído de elementos que se relacionam entre si de tal forma que a alteração de um elemento ou de uma relação altera todas as demais relações”. (VILLAÇA, 2001, p.12) Ao estudar o espaço intra-urbano metropolitano, Villaça considera como elementos principais da estrutura urbana os centros principais das metrópoles, os subcentros, os conjuntos de bairros residenciais segundo as classes sociais, e as áreas industriais. À estrutura urbana estão associadas outras estruturas territoriais, como os sistemas de saneamento e transporte, a primeira, no entanto, é a mais importante porque determina e incorpora as demais.

Juntamente à noção de estrutura, Villaça destaca a questão das localizações como fundamental nos estudos urbanos, o autor observa que

“a especificidade da produção do espaço urbano não está nas formas urbanas tridimensionais, pois a produção de tais formas é comum a toda e qualquer produção material – seja de sapatos, cadeira, remédios, casas ou televisores. A especificidade da produção do espaço urbano não está na produção de edifícios, postes, infraestrutura urbana ou ruas, mas nas suas interconexões, nas suas inter-relações, ou seja, nas suas localizações e nos movimentos destas.” (VILLAÇA, 1988, p.103)

A partir de ampla pesquisa empírica acerca do processo histórico de estruturação urbana de seis metrópoles brasileiras⁴, Villaça (2001) demonstra que os movimentos que regem o processo de estruturação intra-urbana se dão “sob o domínio de forças que representam os interesses de consumo (condições de vida) das camadas de mais alta renda”. (2001, p. 328) A luta de classes se dá em torno da disputa pelas “melhores” localizações intra-urbanas, no sentido de otimizar os gastos de tempo nos deslocamentos. Nessa lógica, a segregação socioespacial nasce como um mecanismo de dominação exercido pelas elites, necessário para que haja a apropriação diferenciada das vantagens do espaço intra-urbano. A dinâmica de produção de novas localizações e acessibilidades pelas elites tem reflexos em toda a estrutura urbana, a exemplo da constituição de novas centralidades, do abandono e degradação do centro tradicional e da implantação de infra-estrutura viária que favoreça a acessibilidade dessa classe a locais de seu interesse.

Villaça argumenta que as classes dominantes se valem de mecanismos de natureza econômica, política e ideológica para garantir o processo de dominação. O primeiro deles versa sobre o controle do mercado imobiliário, no sentido de garantir privilégios locais. O segundo se manifesta através do controle do Estado, por meio da concentração de investimentos públicos e controle da legislação urbanística em áreas de interesse das elites. Dentre os investimentos públicos em infra-estrutura urbana destacam-se as obras viárias destinadas à criação de novas acessibilidades, como suporte à segregação socioespacial. Por fim, a ideologia aparece como estratégia para mascarar a atuação do Estado enquanto provedor de benefícios às elites, em detrimento ao restante da população. Para Chauí “a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade [...] e esse ocultamento é a forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. (CHAUÍ, 2002, p.7)

Não há dúvida de que os conflitos de classe e os processos intra-urbanos levantados por Villaça, como a segregação socioespacial das elites, não se restringem às metrópoles. Mas em que medida os resultados apresentados se aplicam a Passo Fundo, dado a diferença de contexto? A questão central reside em investigar como e com que intensidade esses processos se espacializam numa cidade média? Há especificidades na estruturação intra-urbana de uma cidade média, centro regional que exerce funções de apoio ao agronegócio? Em que medida as funções regionais e os arranjos econômicos interferem na estruturação do espaço intra-urbano?

4 São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

A partir desse referencial teórico-metodológico organizamos a pesquisa em duas partes, que correspondem a recortes analíticos complementares e definem a estrutura da dissertação.

Na primeira parte do trabalho, intitulada *Passo Fundo: funções urbanas e inserção regional*, fazemos um recuo histórico com intuito de evidenciar as características principais do processo de ocupação do território e do desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo. O reconhecimento desses processos nos permite compreender os atuais papéis de intermediação que a cidade desempenha no espaço regional, assim como na economia globalizada. Em linhas gerais, do ponto de vista econômico, as funções de centro regional movimentam a economia urbana, o comércio local e especialmente os serviços de saúde e educação; já as demandas urbanas do agronegócio se manifestam no desenvolvimento de um sistema financeiro voltado ao crédito agrícola, no estabelecimento de instituições de pesquisa voltadas ao agronegócio, na indústria de máquinas e implementos agrícolas dentre outros.

Na segunda parte da dissertação, intitulada *Passo Fundo: espaço intra-urbano*, analisamos a estrutura intra-urbana de Passo Fundo a partir de seus elementos principais: o centro, as áreas industriais e as áreas residenciais segundo as classes sociais (VILLAÇA, 2001). A partir daí passamos a enfatizar a análise das localizações intra-urbanas, dimensão não percebida em outras escalas. Nesse sentido, a pesquisa empírica assume papel de destaque e a dimensão espacial dos processos, ainda que vinculados a outras escalas, se torna mais perceptível. Nesse momento nos reportamos ao objetivo principal da pesquisa, e a questão central que se coloca é a seguinte: como se estrutura o espaço intra-urbano de uma cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio, localizada no interior do Rio Grande do Sul?

Diante da complexidade e abrangência de nosso objeto de análise, não idealizamos esgotar o tema em questão, mas sim apresentar uma análise crítica capaz de propiciar uma visão de conjunto dos processos intra-urbanos e de suscitar análises comparativas e rebatimentos teóricos a partir do caso de Passo Fundo.

PARTE I

FUNÇÕES URBANAS E INSERÇÃO REGIONAL

CAPÍTULO I

PASSO FUNDO: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

Nesse capítulo temos por objetivo destacar aspectos relativos ao processo histórico de ocupação do território passo-fundense, assim como às dinâmicas socioeconômicas delineadas ao longo do tempo. O conhecimento desses processos subsidia a análise apresentada no capítulo II, relativa à inserção regional do município de Passo Fundo e às funções urbanas que a cidade desempenha como centro regional e cidade do agronegócio.

1.1. OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Alves e Silveira (2008) sintetizam a ocupação do território gaúcho em três períodos, definidos pela presença de diferentes agentes colonizadores: o primeiro período marca a vinda de missões jesuíticas espanholas ao estado; o segundo está associado às doações de terras pela coroa portuguesa a militares e tropeiros, durante o século XVIII; e o terceiro diz respeito à chegada de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul, durante o século XIX.

O primeiro período se inicia nas primeiras décadas do século XVII, a partir da ocupação da porção noroeste do estado pelas missões jesuíticas espanholas que, baseadas no trabalho indígena, introduziram a pecuária (gado bovino e ovino), a extração de erva-mate e a produção de couro no estado.

Em 1632, se estabeleceu em Passo Fundo a Missão de Santa Tereza dos Pinhais, que reuniu mais de quatro mil índios catequizados (Buenos Aires somente em 1725 contaria com uma população de cinco mil pessoas). A Missão de Santa Tereza dos Pinhais, décadas antes de Santo Ângelo, São Miguel e outras, reunia população superior à maioria das cidades platinas da época. “[...] foram as missões, ainda em seu período anterior aos Sete Povos que deram origem, na região, a uma população cabocla e mestiça que viveu longo tempo da extração de couro do gado xucro trazido pelos jesuítas e da erva-mate.” (PIMENTEL, 2005. p 22)

No entanto, a prosperidade da Missão de Santa Tereza dos Pinhais logo despertou o interesse dos bandeirantes, que buscavam nos índios a mão-de-obra escrava para a atividade mineradora no centro do país. Os índios de Santa Tereza foram escravizados pelos bandeirantes e sua população acabou definhando e desaparecendo anos depois, com o fim do Bandeirantismo.

[...] Os índios (guaranis e caingangues) que habitavam estas terras há vários séculos forma vitimados, inicialmente, pela ação dos jesuítas, que, através do processo de catequização, promoviam a aculturação e, conseqüentemente, a desestruturação cultural e social dos nativos [...] Posteriormente aos jesuítas, tivemos a ação dos bandeirantes, que vinham em busca dos nativos para apreá-los e levá-los como escravos para as regiões centrais do país, onde se desenvolvia a economia mineradora. (KUJAWA, 1998, p. 56)

Batistella e Knack (2007, p.39) registram que no final do século XVII os caboclos, utilizados como mão-de-obra nas bandeiras paulistas, passaram a habitar a região de Passo Fundo, uma vez que muitos não regressaram a São Paulo e acabaram mestiçando-se com a população indígena local.

Nesse período, em função do crescimento da economia mineradora, tem início a fase do Tropeirismo, no Rio Grande do Sul essa atividade se intensifica no século XVIII, sobretudo a partir do transporte e comercialização de mulas, animais que se adaptavam ao transporte de pessoas e mercadorias. Essa atividade integrou economicamente o Rio Grande do Sul ao centro do país, a partir da formação de caminhos comerciais, como a Estrada de Laguna (1703), a Estrada dos Conventos (1827); Caminho de Viamão. (BATISTELLA, KNACK, 2007, p. 41)

Em paralelo ao desenvolvimento do Tropeirismo, depois de sucessivos tratados (Utrecht-1713 e 1715; Madri-1750; Acordo do Pardo-1761; Santo Ildefonso-1777) que dividiam o território Brasileiro entre Portugal e Espanha, o Tratado de Badajós (1801) finalmente definiu a configuração atual, salvo pequenas modificações posteriores, do Brasil e do estado do Rio Grande do Sul. Esse tratado determinou que a Colônia do Sacramento ficaria sob domínio Espanhol, enquanto o território das Missões, sob domínio Português.

A Coroa Portuguesa iniciou então a doação de sesmarias (principalmente a militares e tropeiros) como uma estratégia de posse e defesa das terras de áreas de fronteira com a Argentina e o Uruguai. O sistema de doação de sesmarias determinaria a estrutura fundiária do sul do estado, baseada nas grandes propriedades dedicadas à pecuária extensiva e altamente concentradas sob o comando de poucos proprietários. Outra frente de ocupação da metade sul do estado, ainda em meados do século XVIII, comandada pela coroa portuguesa, foi viabilizada pelo envio de centenas de famílias açorianas à região visando o povoamento e a diversificação da economia, a partir da produção agrícola.

Assim, os Sete Povos das Missões caíram definitivamente nas mãos dos Portugueses, que dividiram o território em Comandâncias Militares, ficando a região de Passo Fundo sob responsabilidade da Comandância Militar de São Borja.

Segundo Pimentel (2005), nesse período ainda não havia ocupação “oficial” do território, uma vez que seus habitantes eram índios livres e não reconheciam as autoridades dos impérios luso e espanhol, tratava-se de uma população marginal. O domínio efetivo do território era dos caciques caingangues, a eles deviam obediência as populações mestiças que nessa região habitavam (os ervateiros e toureiros) e também os tropeiros, que ao passarem próximos ao seu território, deviam pagar-lhes tributo. A região de Passo Fundo estava na importante rota do comércio de gado entre a região das Missões e da Vacaria e São Paulo, e os índios “selvagens” representavam um obstáculo ao desenvolvimento deste comércio, forçando os tropeiros a pegarem desvios, o que aumentava o trajeto e também os custos do comércio de gado.

No entanto, o ano de 1816 seria o marco da abertura do caminho para a ocupação branca do Planalto Médio Rio-grandense⁵. Esse fato deve-se à expedição militar de Atanagildo Pinto Martins, que cruzou a região, redescobrimo e mapeando o velho Caminho de Tropas, o Caminho das Missões, que se tornaria uma rota alternativa ao Caminho de Viamão, que exigia a dificultosa transposição da Serra Geral. O Caminho ou Estrada das Missões ligou os Campos de Vacaria a São Borja, passando pelo Planalto Médio (mapa 1, p.21). Esse caminho, no entanto, também tinha seus percalços, sobretudo no trecho entre

⁵ O Planalto Médio corresponde à parte central de uma das unidades geomorfológicas básicas do Rio Grande do Sul, o Planalto Meridional ou Sul-Brasileiro. (Atlas geográfico de Passo Fundo, 2009, p.31)

Passo Fundo e Lagoa Vermelha, que caracterizava a travessia do Mato Castelhan, Campo do Meio e Mato Português, área habitada pelos índios caingangues. (BATISTELLA, KNACK, 2007, p. 443,44)

MAPA 1 – ROTAS TROPEIRAS

FONTE: BATISTELLA, KNACK (2007, P.44)

Durante os séculos XVIII e XIX, o caminho dos tropeiros estruturou vários povoados que se tornariam municípios e se formaram nos pontos de parada dos tropeiros. Essa é a gênese da cidade de Passo Fundo, que cresceu exclusivamente ao longo desse caminho até o final do século XIX.

A ocupação do planalto médio se insere no segundo período de ocupação do território gaúcho, caracterizado por Alves e Silveira (2008) como o início da “ocupação branca” do território gaúcho, comandada pela coroa Portuguesa. A região passou então a ser ocupada por fazendeiros, oriundos de São Paulo e Curitiba que receberam glebas de terras para fins de ocupação do Comando Militar de São Borja. Estes fazendeiros se dedicavam principalmente à extração de erva-mate e à criação de gado.

Nesse contexto

“definiu-se a ocupação por posses e concessões e consolidou-se, com a Lei de Terras de 1850, a grande propriedade privada de vastas extensões de terras, principalmente pelos milicianos paulistas. Formavam-se, assim, a grande propriedade fundiária e a sociedade senhorial escravocrata, que viriam a caracterizar a ocupação de Passo Fundo.” (RODIGHERI, GEHM, BITENCOURT, 2004, p. 78)

A fundação das primeiras fazendas possibilitou o surgimento de povoados, sendo que em torno das casas dos fazendeiros os agregados e escravos construíram seus ranchos de acordo com as suas possibilidades. Com o passar dos anos outros moradores se estabeleceram nas redondezas. Segundo Miranda e Machado (2005), a ocupação de Passo Fundo se inicia em 1827 a partir da doação de terras a um militar da campanha Cisplatina, conhecido como Cabo Neves, que instalou numa área de aproximadamente 18 ha sua fazenda, às margens do caminho das tropas.

No entanto, a ocupação não foi pacífica, os índios assassinavam fazendeiros, isso fez com que estes construíssem suas casas umas próximas das outras. Alguns fazendeiros cederam aos costumes indígenas, mas, com o passar do tempo, os que viviam próximos aos índios foram se agregando ao povoamento inicial.

Em 1834, a região de Passo Fundo passou a constituir o 4º Distrito de Cruz Alta, tendo sido erguida no povoado, um ano depois, a primeira capela chamada de Nossa Senhora da Conceição do Passo Fundo. O distrito seria elevado à categoria de município em 1857.

O terceiro período de povoamento do território gaúcho está associado à imigração européia, que se inicia nas primeiras décadas do século XIX a partir da chegada de alemães ao estado, e se intensifica no final desse século com a vinda de italianos.

A chegada de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul pode ser caracterizada em três fases: a primeira contempla o período que se estende até 1850 e corresponde ao estabelecimento de alemães em São Leopoldo; a segunda e a terceira fase correspondem às migrações internas, primeiro para oeste, a partir de São Leopoldo, e depois, a partir de 1890, para o planalto, que corresponde à ocupação da região de Passo Fundo. (RÜCKERT, 1997, *apud* FRITZ FILHO, 2009)

Alves e Silveira (2008) observam que o processo histórico de ocupação do território gaúcho explica as marcantes desigualdades regionais do estado, que remetem a uma discussão bastante recorrente no meio acadêmico e também presente na agenda governamental.

A partir de critérios demográficos, socioeconômicos, produtivos, de estrutura fundiária e de infraestrutura, Alonso *et al* (1994) subdividem o território gaúcho em três macrorregiões (mapa 2): sul, da campanha, cujos municípios mais importantes são Pelotas, Rio Grande e Santa Maria; norte, do planalto, onde se destacam os municípios de Passo Fundo, Carazinho e Erechim; e nordeste, que compreende a região metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e a aglomeração de Caxias do Sul (ACS). Alves e Silveira (2008, p.2) sintetizam as principais características de cada macrorregião: no sul há baixa densidade demográfica e predomina a grande propriedade destinada à pecuária e à lavoura de arroz; o norte, predominantemente agrário, se caracteriza pela presença de pequenas, médias e grandes propriedades, nessa região ocorreu o processo de substituição da agricultura diversificada cultivada em pequenas propriedades pela monocultura mecanizada do trigo e soja; o nordeste se caracteriza pelas grandes concentrações urbanas com elevada densidade demográfica, além da presença de vários setores industriais.

MAPA 2

Alonso (2006) analisa que em seis décadas (de 1939 a 2000) as macrorregiões norte, nordeste e sul passaram por profundas transformações do ponto de vista econômico e demográfico. Enquanto a região norte se mantém estável com relação à participação no PIB estadual, o sul declina gradativamente, ao passo que o nordeste aumenta significativamente sua participação na economia gaúcha, respondendo, em 2000, por mais de 50% do PIB estadual. A macrorregião nordeste, já em 1939, era a mais industrializada do estado, em 2000, a região responde por 70% do PIB industrial do estado. Tendências semelhantes à indústria são observadas também em relação ao setor terciário, sendo que em 2000 as regiões norte e nordeste juntas eram responsáveis por quase 80% do PIB terciário estadual, frente a 20% da região sul. O município de Passo Fundo polariza a metade norte do estado e tem seu processo de desenvolvimento socioeconômico atrelado aos processos regionais, conforme veremos a seguir.

1.2. PASSO FUNDO: DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

A partir de autores como Beux (2003), Fritz Filho e Miguel (2008,2009), Rückert (2003), Tedesco e Sander (2005) e Wentz (2004) delimitamos três períodos relativos ao desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo. O primeiro período está relacionado à incorporação de Passo Fundo à rota dos tropeiros e à exploração da erva-mate, durante o século XIX; o segundo se inicia no final do século XIX, a partir da chegada de imigrantes europeus à região e da implantação da ferrovia, fatores que promoveram a disseminação de práticas agrícolas de subsistência e a exploração de florestas nativas; o terceiro período se inicia a partir da década de 1940 e corresponde ao período em que a agricultura se firma como a principal atividade econômica da região, inicialmente impulsionada pela produção de trigo, essa atividade passa por uma série de modernizações que resultam na formação de um complexo agroindustrial na região de Passo Fundo. Veremos, a seguir, as principais características de cada um desses períodos.

1.2.1. TROPEIRISMO, EXTRATIVISMO E PECUÁRIA

A economia do município de Passo Fundo, na segunda metade do século XIX, inserida no contexto da sociedade de pecuaristas, anterior à colonização estrangeira, pautava-se no transporte de animais muares para a feira de Sorocaba, na venda de erva-mate para o Uruguai e o Rio da Prata, bem como na exportação de pedra ágata para fábricas na Alemanha. (DAL'MORO, RUCKERT, 2004, P.31)

Tedesco e Sander (2005, p.57) observam que a porção norte do estado do Rio Grande do Sul, região atualmente polarizada por Passo Fundo, até o final do século XIX era uma das regiões menos desenvolvida do estado, caracterizada por “grandes florestas virgens, pinhais, ervais e uma incipiente pecuária, organizava sua economia mesclando extrativismo, madeira, pecuária e agricultura de baixo volume de produção.”

No final do século XIX, a pecuária bovina entrava em decadência na região, principalmente em função da concorrência com outras áreas do estado, em especial, a Campanha. O comércio de mulas também sofreu arrefecimento em função das flutuações de preços nos mercados de Sorocaba. A agricultura, por sua vez, até 1890, constituiu-se como uma atividade de subsistência, com pouca expressividade econômica, essa atividade só seria impulsionada nas primeiras décadas do século XX.

1.2.2. FERROVIA, IMIGRAÇÃO EUROPÉIA, POLICULTURA E EXPLORAÇÃO MADEIREIRA

Até o final do século XIX o crescimento populacional e econômico da região de Passo Fundo foi pouco expressivo, o quadro de estagnação se alteraria somente a partir de dois novos acontecimentos: a implantação da ferrovia e a colonização européia. A ferrovia viabilizou a articulação econômica de Passo Fundo ao estado e ao centro do país; já a colonização européia promoveu a disseminação de práticas agrícolas e também a exploração de florestas nativas, que se firmaria como a principal atividade econômica do município nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, Dal'Moro e Rückert (2004, p. 30) afirmam que somente a partir da fundação de colônias européias ao longo da ferrovia o município

de Passo Fundo efetiva-se como um pólo de desenvolvimento para a região, “centro coletor da vida econômica e social de vasta região que compreende não só o Planalto Médio [...], mas, ainda, o Alto Uruguai e parte das Missões.” Conforme veremos na segunda parte do trabalho (capítulo III), a ferrovia, além de promover a integração econômica da região ao país, definiu também as direções da expansão urbana de Passo Fundo nas primeiras décadas do século XX.

Tedesco e Sander (2005) observam que a partir de meados do século XIX a ferrovia promoveu a ocupação do interior do Brasil e, sobretudo, a expansão do capitalismo por meio da interligação de mercados distantes, do encorajamento de práticas produtivas econômicas, da transnacionalização do capital (especialmente industrial e financeiro). O Rio Grande do Sul foi um dos estados onde mais se desenvolveu a malha ferroviária, revelando interesses associados aos ideais de industrialização do final do século XIX, à presença de grupos estrangeiros (europeus e americanos), à segurança nacional (fronteira sulina) e à formação de uma estrutura modernizante. Foram construídos dois ramais ferroviários no estado, um sul, partindo de Rio Grande, e outro norte, partindo de Porto Alegre. O traçado da ferrovia fortaleceu as rotas comerciais pré-existentes e ratificou a dicotomia socioeconômica norte-sul característica do estado. O município de Passo Fundo foi interligado à ferrovia em 1898, fazendo parte do trecho Santa Maria -Cruz Alta -Passo Fundo- Marcelino Ramos e Rio Uruguai (mapa 3, p.25).

MAPA 3 – RIO GRANDE DO SUL: MALHA FERROVIÁRIA

FONTE: ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL

A construção desse ramal ferroviário foi aprovada em 1891 e permitiu uma conexão direta com a rede Paraná - Santa Catarina, Itararé - São Paulo. Os fatores que motivaram esse investimento são sobretudo econômicos e estão relacionados ao fato da região de Passo Fundo já se constituir como um corredor de passagem (tropeiros e missionários), além de dispor de vastos campos e matas propícios à produção agropecuária e ao extrativismo da madeira e da erva-mate.

Aliado à implantação da ferrovia, a chegada de imigrantes europeus, que caracteriza a última fase do povoamento gaúcho segundo Alves e Silveira (2008), contribuiu para o desenvolvimento econômico da região de Passo Fundo a partir do final do século XIX. Segundo Beux (2003), a vinda de imigrantes europeus ao Brasil, no século XIX foi a alternativa encontrada pelas oligarquias do sudeste do país, vinculadas à economia do café, de substituição da mão-de-obra escrava, a partir de 1851, como o fim do tráfico de escravos. No sul do Brasil, a imigração européia, iniciada décadas antes, estava vinculada à necessidade de povoar o território da fronteira-sul do país, constantemente ameaçado por invasões.

A partir desse momento se estabelece na região o comércio de terras pautado na atuação das companhias colonizadoras que compravam grandes áreas de terras, geralmente de fazendeiros, e vendiam pequenos lotes diretamente aos colonos. (FRITZ FILHO, 2008)

“A região da (i)migração caracterizou-se pela pequena propriedade, mesclada a uma agricultura diversificada, em alguns momentos com maior expressão comercial, em outros, menos.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p.57) Surge assim a figura do colono, o pequeno agricultor imigrante.

Entre 1890 e 1920, a expansão demográfica e melhoria dos transportes subsidiaram o crescimento da atividade agrícola nas colônias dedicadas à policultura. No entanto, se a presença do imigrante europeu no norte do Rio Grande do Sul gerou a possibilidade de produção de excedentes comercializáveis da produção agropecuária, Tedesco e Sander (2005, p.58) advertem que a consolidação de uma agricultura comercial exigia a ampliação do mercado consumidor para Porto Alegre ou para o centro do país.

Paulatinamente, em substituição a agricultura de subsistência, foi se estabelecendo a agricultura comercial, atividade mediada pelos comerciantes da região, caixeiros-viajantes, carreteiros e caminhoneiro. Foram assim se “aprofundando as relações entre o colono e ramos do capital comercial e/ou industrial e, também, ampliando as redes de comércio e de interligação inter-regional.” As relações comerciais entre os colonos (produtores) e os comerciantes eram intensas e nem sempre tranquilas. O dinamismo rural da região de Passo Fundo se deu, sobretudo, através da figura do comerciante. As trocas comerciais eram efetuadas no meio rural, estabelecia-se assim uma relação de dependência do colono em relação ao comerciante, que intermediava o escoamento da produção agrícola. As casas de comércio rurais não só receptavam os produtos coloniais como também vendiam aos colonos alguns produtos como tecidos, por exemplo. As trocas comerciais se baseavam na troca de produtos, estando pouco vinculadas a transações monetárias. (TEDESCO, SANDER, 2005, p. 58)

Tal era a força do comércio no meio rural que, entre 1900 e 1920, havia um comerciante para cada 150 pessoas, sendo que esse número cresceu 2300% nesse período. No entanto, a partir do desenvolvimento das estradas, desde a década de 1940, o número de comerciantes rurais começou a diminuir, uma vez que os colonos passaram gradativamente a não depender mais da figura do comerciante como intermediador, passando a negociar seus produtos diretamente com grandes comerciantes estabelecidos na cidade. (TEDESCO, SANDER, 2005, p.68,69)

Os imigrantes europeus, além de promoverem a inserção de práticas agrícolas que dinamizaram o comércio no meio rural e urbano, também foram responsáveis diretos pela exploração de florestas

nativas da região de Passo Fundo. A exploração da madeira emerge como uma atividade correlata à agricultura, uma vez que o desmatamento era imprescindível para a viabilização da produção agrícola. A industrialização dessa atividade promoveu a instalação de inúmeras indústrias madeireiras em Passo Fundo e em outros municípios da região. A implantação da ferrovia foi fundamental para o desenvolvimento dessa atividade que entrou em crise em meados do século XX, sobretudo em função da escassez dos recursos naturais.

1.2.3. A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Nas primeiras décadas do século XX a economia passo-fundense se caracterizou pela exploração da madeira e pela policultura praticada pelos imigrantes europeus. Na agricultura predominavam as formas tradicionais de produção, praticadas em pequenas propriedades e expressas pela exploração de recursos naturais e da mão-de-obra familiar, baseada na utilização de técnicas artesanais.

No entanto, a partir da década de 1940 a região passa por um processo de reestruturação produtiva que resultou na modernização da agricultura através da introdução das monoculturas de trigo e soja. A cultura do trigo predominou entre as décadas de 1940 e 1950 até a soja ser assumida como o principal produto agrícola da região, permitindo sua inserção em circuitos econômicos globais. Nesse período, a policultura cultivada em pequenas propriedades foi perdendo gradativamente espaço para as lavouras de trigo e soja, praticadas em grandes propriedades pelos granjeiros. A emergência da cultura do trigo pode ser caracterizada como uma transição da forma tradicional de produzir para a moderna, que se consolida a partir da introdução do cultivo de soja (TEDESCO, SANDER, 2005)

Embora já existam registros da produção de trigo na região de Passo Fundo desde 1858, o cereal era cultivado artesanalmente a partir da derrubada de matas e da preparação manual da terra. No início do século XX, a cultura do trigo passa a receber investimentos federais: em 1912 foi fundado o primeiro campo experimental no Rio Grande do Sul, em 1918 foi concedido maquinário agrícola aos sindicatos e cooperativas de cultivo de trigo e, em 1919, foram criadas várias estações experimentais no Rio Grande do Sul e Paraná.

A partir de 1928, com Getúlio Vargas à frente do governo do estado do Rio Grande do Sul, se definiram as bases para a racionalização do cultivo do cereal. O *slogan* do período era “Plantai trigo. Ele é a glória dos campos, a fartura do lar e a grandeza da pátria”. “Porém, a falta de recursos financeiros, de conhecimentos técnicos e de redes de comercialização levou a que os resultados esperados nos primeiros anos de atuação desses centros não fossem expressivos.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p. 103)

A intenção era suprir o consumo interno do trigo a preços baixos, para tanto se incentivou a importação de máquinas agrícolas. Nesse período, o Rio Grande do Sul era o maior produtor de trigo do Brasil, sendo Passo Fundo e Erechim os principais municípios. Ainda assim, a produção não era suficiente para suprir a demanda nacional.

Em 1938, no Estado Novo, o então presidente Getúlio Vargas visando dinamizar a produção de trigo, passou a desestimular a importação de bens de consumo à medida que concedia crédito às importações de bens de capital, máquinas e material de transportes. Inicialmente, os resultados não foram expressivos, dado a falta de recursos técnicos e financeiros. O aumento da produtividade só ocorreu de fato a partir da década de 1940.

Nas décadas de 1940 e 1950, período de grandes incentivos governamentais à produção de trigo, surgem diversos moinhos na região de Passo Fundo, onde se destaca, inicialmente, o complexo comercial da família Busato (imigrantes italianos) que contava com moinho, atacado de secos e molhados, varejo, representações e postos avançados de grandes grupos econômicos. O moinho São Luiz, de propriedade da família Busato, foi instalado em Passo Fundo em 1938. No entanto,

“a agricultura regional, na década de 1940, ainda se caracterizava pela presença maciça de mão-de-obra familiar; as estâncias continuavam relutando em alterar seu ramo básico de atividade. A partir da década de 1950, no entanto, com a maior intensidade da cultura do trigo, manifestou-se na região a figura do empregado rural, do meeiro/parceiro e do arrendatário. Então, a cultura do trigo passou a ganhar correspondência, saindo do pequeno agricultor familiar, de quase-subsistência, para uma agricultura moderna e de total conotação mercantil.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p. 107, 108)

A partir da década de 1950 surgem novos atores locais que contribuem para consolidação de uma agricultura moderna plenamente inserida nas lógicas de mercado e de acumulação de capital. Pecuáristas passaram a arrendar suas terras para o cultivo do trigo e na década de 1950 a terra valorizou em torno de 1000% na região.

Nessa mesma década, a lavoura de trigo finalmente experimentava substancial avanço técnico, 60% da frota de tratores do Rio Grande do Sul estava empregada na triticultura. Relativo ao surgimento da indústria gaúcha de máquinas e implementos agrícolas se destacam dois fatores: “o crescimento das lavouras de trigo e de arroz no período de 1950-1960 e a implantação, em nível nacional, da indústria de tratores em 1960.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p. 107, 108)

Em função dos progressos técnicos na lavoura de trigo e também das facilidades na obtenção de financiamentos, a triticultura torna-se um negócio atraente aos capitalistas locais, surge então a figura do granjeiro, que passa a arrendar grandes quantidades de terras e assume as lógicas capitalistas relacionadas à renda da terra no campo. Nesse momento grandes proprietários, capitalistas arrendatários e camponeses convivem na região de Passo Fundo. Grande parte das terras arrendadas nas ditas terras de campo, eram anteriormente usadas para a pecuária.

“Temos, portanto, de entender que, quando o capitalista (no caso, em grande parte, frações da burguesia urbana, ou grandes proprietários pecuaristas/rentistas) compra a terra [...] ele transforma seu capital em renda capitalizada, antecipada [...] Mediante o simples pagamento de uma renda, sem necessidade de comprar a terra, o capitalista pode concentrar a exploração capitalista no campo, simplesmente alugando parcelas de terras de diferentes proprietários, grandes ou pequenos.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p.114)

A década de 1950 marca, portanto, “o início do grande processo de industrialização da agricultura brasileira, inserido no cenário da internacionalização e do capital monopolista da economia do país.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p.119) Da mesma forma, as décadas de 1950 e 1960

“atestam a concretização do chamado modelo “moderno” em substituição ao modelo “tradicional”. Os granjeiros, as cooperativas, as agroindústrias, os comerciantes urbanos, a população urbana (mercado consumidor), as modernidades no lar e nos hábitos de convivência e de sociabilidade são alguns dos elementos/sujeitos dessa chamada “modernidade”. O que não se alterou nesse período foi a estrutura fundiária, que já vinha se consolidando pelo viés da concentração da terra e da saída do campo

de um imenso contingente de pequenos proprietários, meeiros, caboclos e índios.” (TEDESCO, SANDER, 2005, p.123)

No Rio Grande do Sul, de 1946 a 1955, a especialização e crescimento de unidades produtivas de pequeno e médio porte alavancaram a produção de trigo em 170% e a área cultivada 340. Essa fase corresponde à mecanização do campo, estimulado pelo governo a partir da importação de maquinário agrícola. (TEDESCO, SANDER, 2005, p.131)

No entanto, a partir do final da década de 1950, a produção de trigo entra em crise na região de Passo Fundo. Entre as causas estão as irregularidades climáticas, ausência de recursos para a pesquisa, a falta de conhecimento dos pequenos agricultores, a dificuldade de comercialização, armazenagem e transporte do grão, os preços baixos do trigo, etc. (TEDESCO, SANDER, 2005, p.157)

Além disso, há uma inesperada inversão das políticas públicas de incentivo à produção de trigo nacional, o governo passa a incentivar a importação do produto, a partir do acordo de importação de trigo dos Estados Unidos, de 1945, cujas vantagens aparentes diziam respeito aos preços compensadores, aos financiamentos em longo prazo e às baixas taxas de juros. O enfraquecimento da produção tritícola se dá em paralelo à emergência do cultivo da soja, configurando-se assim o binômio trigo-soja, que intercala culturas de inverno e verão, respectivamente.

A soja, inicialmente plantada como uma cultura complementar ao trigo, a partir da década de 1960 se torna o principal produto agrícola da região. Segundo Dal’Moro e Ruckert (2004, p.57), o advento da soja se insere num quadro complexo de interesses que envolvem sobretudo a internacionalização da economia da soja; a política brasileira de incentivo à produção e à consolidação da indústria de processamento do grão.

Sobre a imposição do binômio trigo-soja na região de Passo Fundo, Fritz Filho e Miguel (2008) observam que as aparentes vantagens técnicas, relativas à utilização do mesmo maquinário para ambas as culturas, assim como ao aproveitamento do solo em estações diferentes (culturas de inverno e verão), o que possibilita duas colheitas anuais, assolou as culturas de subsistência (batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho), que foram incapazes de concorrer com a produção em larga escala da soja.

Beux (2003, p. 112-113) associa à produção de soja à implantação da indústria de máquinas e insumos agrícolas a partir da década de 1960, que resultaria na formação de um complexo agroindustrial na região, “compreendido como um conjunto de atividades econômicas, agrícolas, industriais, comerciais e financeiras que apresentavam elevado grau de integração entre si.” A partir de 1970, a produção da soja se expande voltada sobretudo à exportação e o trigo, por sua vez, adquire importância secundária nesse processo. O autor destaca o papel determinante da soja na conformação de um complexo agroindustrial na região de Passo Fundo:

“A soja e a indústria da soja foram uma das expressões mais preparadas e auxiliaram na transformação agrária, constituindo-se num elemento da equação geral do modelo brasileiro de desenvolvimento internacionalizado. O desenvolvimento da soja transformou a agricultura de um sistema baseado em pequenas unidades de produção intensiva de trabalho, conduzido por arrendatários permanentes e colonos, para um sistema mecanizado, intensivo de capital, operando em larga escala. Essa transformação foi facilitada pelo fornecimento extensivo de crédito, para o desenvolvimento da soja. A oportunidade para a expansão rápida da soja, foi estimulada pela política do governo, que obteve dos agricultores, resposta rápida à

oportunidade de transformação de seu sistema de produção em atividades modernas, altamente capitalizadas e afinadas com o mercado, mudando, significativamente, a agricultura da região.” (BEUX, 2003, p.111)

Se reportando ao contexto nacional, Beux (2003) afirma que de 1960 a 1980 importantes mudanças agrícolas, pautadas em modernizações, inserem novas relações produtivas no espaço rural brasileiro. Tedesco *et al* (2005, p.53) advertem, no entanto, que a inserção de técnicas modernizadoras na agricultura brasileira, características do modo de produção capitalista conviveram (e ainda convivem) com formas não-capitalistas de produção. “Essa foi e continua sendo a marca da estruturação das relações sociais e produtivas do agro-brasileiro.”

A década de 1960 corresponde ao início da passagem do complexo rural para os complexos agroindustriais (CAIs), sendo a soja a cultura emblemática desse período. Na década de 1970, “o desenvolvimento dessa cultura, apoiado no crescimento da indústria nacional de óleos e na expansão da demanda externa, estabeleceu novas condições para a intensificação do processo de capitalização do setor rural.” (BEUX, 2003, p.113)

A imposição institucionalizada das culturas do trigo e posteriormente da soja na região de Passo Fundo, além dos aspectos técnicos, ocasionaram novas relações de trabalho e também alterações na estrutura fundiária da região. A agricultura familiar não pode competir com a agricultura empresarial, havendo assim a fragmentação gradativa das propriedades rurais e um processo de “proletarização do trabalhador rural”. (ANDRADE, 1978, *apud* BEUX, 2003, p.32)

A reestruturação produtiva e as novas relações de trabalho se expressaram na valorização da terra e na reestruturação fundiária da região de Passo Fundo, caracterizada pela aglutinação de pequenas propriedades. “Isto se caracteriza, segundo Rückert, pela venda de pequenas parcelas de terras, em torno de 200 hectares, e médias, em torno de 500 hectares, pelos proprietários fundiários tradicionais a pequenos comerciantes industrialistas.” (BEUX, 2003, p.77) As terras rurais passam a ser compradas ou arrendadas por investidores, comerciantes ou profissionais liberais que vêem na agricultura uma fonte de divisas.

Brum (1988, *apud* BEUX, 2003, p.101) observa nesse processo novas relações sociais de produção, cuja finalidade passa a ser o lucro. A agricultura se rende às lógicas de mercado e orienta-se gradativamente à monocultura, cultivada em grandes extensões de terras, dificultando a sobrevivência dos pequenos agricultores e viabilizando a grande empresa rural. Na “empresa rural” emergem as relações proprietários x empregados, que caracterizam relações de assalariamento no meio rural.

“Ocorre, assim, a chamada ‘industrialização da agricultura’ ou ‘industrialização do campo’. Esse fenômeno se expressa no fato de a agricultura, enquanto setor produtivo, se tornar uma atividade crescentemente empresarial, ao mesmo tempo em que se transforma num importante mercado de máquinas e insumos modernos produzidos pela indústria. O uso intensivo de máquinas, equipamentos, implementos e insumos modernos pela agricultura, possibilita a transformação de terras que eram vistas como imprestáveis para a produção agrícola.” (BEUX, 2003, p.102)

Beux (2003, p. 110) caracteriza três períodos referentes à modernização da agricultura na região de Passo Fundo: entre 1955 e 1965 ocorre a inserção de máquinas e insumos agrícolas; de 1965 a 1975, se constituiu o complexo agroindustrial, caracterizado pelo surgimento de indústrias de apoio à atividade agrícola, tanto à montante (indústrias que fornecem insumos à agricultura – adubos, maquinário etc.),

como à jusante (agroindústrias processadoras); a partir de 1980 a integração dos capitais sob o comando do capital financeiro.

Elias (2007) defende que o acelerado processo de urbanização brasileiro se deve, em grande medida, às novas demandas relacionadas à agricultura modernizada, a autora afirma que quanto mais complexa é a divisão do trabalho agrícola, mais complexo e intenso é o processo de urbanização. Nesse contexto, destacam-se uma série de variáveis que interferem na complexidade da urbanização:

“a modernização agropecuária associada ao setor industrial, com a conseqüente especialização dessas produções; o crescimento da produção não-material, seja associada ao consumo produtivo agrícola ou ao consumo consumptivo; o aumento da quantidade e da qualidade de trabalho intelectual; o intenso processo de êxodo rural; a existência do agrícola não-rural, a migração descendente etc. É inviável, assim, considerar apenas as antigas relações campo-cidade, pois até mesmo o urbano é diferente do que era há trinta anos atrás.” (p.120)

Passo Fundo se insere nesse processo, sendo que desde a década de 1950 a população urbana vem crescendo em ritmos acelerados (tabela 1, p.31). Esse processo é concomitante à modernização da agricultura, identificada como o último período do desenvolvimento econômico do município. O processo de urbanização nesse período está intimamente associado às migrações campo-cidade, deflagradas em função da introdução de novos nexos produtivos no campo. A evolução da população economicamente ativa (tabela 2, p.31) demonstra a redução gradativa de trabalhadores formais no meio rural. No entanto, como destaca Sobarzo (2010, p.49), os índices numéricos não representam “perda de importância das atividades do campo; ao contrário, são sinais de uma agricultura modernizada que encontra na cidade insumos para a sua reprodução e consolidação.”

PASSO FUNDO: EVOLUÇÃO POPULACIONAL (1857 - 2010)					
ANO	TOTAL	RURAL	%	URBANA	%
1857	7.586	*	*	*	*
1900	21.374	*	*	*	*
1920	65.000	59.000	90,77	6.000	9,23
1940	80.138	59.554	74,31	20.584	25,69
1950	101.887	69.658	68,37	32.229	31,63
1960	93.179	42.620	45,74	50.559	54,26
1970	93.850	22.981	24,49	70.869	75,51
1980	121.156	15.688	12,95	105.468	87,05
1991	147.239	10.023	6,81	137.216	93,19
2000	168.458	4.710	2,80	163.748	97,20
2010	184.869	4.710	2,55	180.159	97,45

TABELA 1

FONTE: 1857 (ADAPTADO DE KALIL ET AL P.45), 1900 E 1920 (ADAPTADO DE TEDESCO ET AL P. 80) / 1940 A 2010 (CENSOS IBGE).

* DADO INDISPONÍVEL

PASSO FUNDO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA - PEA (1970 - 2000)					
ANO	PEA TOTAL	PEA RURAL	%	PEA URBANA	%
1970	28.826	7.200	24,98	21.626	75,02
1980	46.620	5.428	11,64	41.192	88,36
1990	63.927	4.494	7,03	59.433	92,97
2000	83.747	2.164	2,58	81.583	97,42

TABELA 2

FONTE: IPEA (2007). DISPONÍVEL EM WWW.PFINFO.COM.BR, ACESSO EM OUTUBRO DE 2010

CAPÍTULO II

PASSO FUNDO: CIDADE MÉDIA COM FUNÇÕES COMERCIAIS, DE SERVIÇOS E DE APOIO AO AGRONEGÓCIO⁶

Para Sposito (2006, p.175), “atribui-se a denominação ‘cidades médias’ àquelas que desempenham papéis regionais ou de intermediação no âmbito de uma rede urbana, considerando-se, no período atual, as relações internacionais e nacionais que têm influência na conformação de um sistema urbano.”

Soares e Ueda (2007, p.380) classificam Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria e Pelotas como as principais cidades médias gaúchas que “articulam ‘a ordem próxima e a ordem distante’ [...] no território e funcionam como centros de referência para os núcleos situados no entorno mais ou menos imediato (a hinterlândia).”

Sobarzo (2010) observa que os papéis de intermediação exercidos por Passo Fundo se estruturam em duas escalas: regional e global. No primeiro caso estão relacionados a sua condição de centro regional, que se caracteriza pela oferta de comércio e serviços especializados; no segundo têm relação com as funções de apoio ao agronegócio que a cidade desempenha, materializadas na prestação de serviços especializados, na fabricação e venda de insumos e máquinas agrícolas, na formação de mão de obra especializada, no investimento em pesquisa e no apoio logístico à armazenagem e transporte da produção agrícola.

A partir de Milton Santos, Sobarzo (2010) destaca que esses papéis remetem a relações próximas e distantes, que se estruturam por continuidades e descontinuidades territoriais, ou seja, por horizontalidades e verticalidades. As horizontalidades são representadas pelas relações que a cidade estabelece com a região, caracterizadas pela oferta de comércio e serviços de saúde e educação superior. As verticalidades “se manifestam nas articulações do agronegócio, destinado principalmente para fora da região, nos circuitos internacionais da produção de alimentos, que se percebem pela presença de empresas com atuação global.” (SOBARZO, 2010, p.33)

⁶ Reproduzimos aqui o título utilizado por Sobarzo na publicação “Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró”, organizada por Sposito, Elias e Soares (2010). Apropriamos-nos dessa definição porque ela expressa de forma clara e direta os papéis de intermediação exercidos por Passo Fundo como cidade média.

A sobreposição de funções exercidas pelas cidades médias é denominada por Santos e Silveira (2001) como uma “encruzilhada entre as verticalidades e horizontalidades”.

“As cidades são os pontos de interseção e superposição entre as horizontalidades e as verticalidades. Elas oferecem os meios para o consumo final das famílias e administrações e o consumo intermediário das empresas. Assim, elas funcionam como entrepostos e fábricas, isto é, como depositárias e como produtoras de bens e de serviços exigidos por elas próprias e por seu entorno. Trata-se, como indicamos em outro lugar, de uma oferta destinada a prover seja o consumo consumptivo, seja o consumo produtivo. Entre as formas de consumo consumptivo, isto é, de consumo das famílias, podemos incluir o consumo de educação, de saúde, de lazer, de religião, de informação geral ou especializada e o consumo político, na forma do exercício da cidadania. Entre as formas de consumo produtivo encontram-se, entre outras, o consumo de ciência embutida nas sementes, nos clones, nos fertilizantes etc., o consumo de consultorias e o consumo de dinheiro adiantado como crédito. As atividades urbanas estão ligadas a esses tipos de consumo, e é assim que as cidades cumprem o papel de responder às necessidades da vida de relações, que recentemente aumentaram quantitativamente e se diversificaram qualitativamente.” (SANTOS, SILVEIRA, 2010, p.280)

Nesse contexto, o objetivo principal desse capítulo consiste em destacar as funções urbanas desempenhadas por Passo Fundo em dois níveis: como centro regional e como cidade de apoio ao agronegócio. No entanto, estamos cientes que essas funções se sobrepõem, sendo impossível desvinculá-las, uma vez que caracterizam processos que se auto-alimentam. O exemplo mais claro dessa interdependência diz respeito à imbricada relação entre o agronegócio e a economia urbana. Nas cidades do agronegócio é notório, e inclusive de conhecimento da população, que quando a produção agrícola está em baixa, a economia urbana também se retrai.

Organizamos nossa abordagem em quatro partes: primeiro, caracterizamos a inserção regional e os níveis de centralidade exercidos por Passo Fundo a partir dos recortes territoriais estabelecidos pelo IBGE; num segundo momento, abordamos as funções urbanas desempenhadas pela cidade relativas ao comércio e serviços especializados, e por fim as funções de apoio ao agronegócio. Essa caracterização nos será útil na segunda parte do trabalho, quando abordaremos os processos intra-urbanos à luz das dinâmicas observadas no espaço regional.

2.1. INSERÇÃO REGIONAL

Passo Fundo ocupa lugar de destaque na rede urbana gaúcha. Com 184.826 habitantes (2010) é a 12º município mais populoso do estado e a 9ª maior economia, considerando o PIB municipal de 2008 (tabela 3, p.34). No entanto, se agruparmos os municípios pertencentes à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), os considerando como um aglomerado urbano em que é praticamente impossível delimitar as economias municipais isoladamente, o município de Passo Fundo pode ser considerado o 5º município mais populoso e a 5ª maior economia do Estado.

A cidade, por sua vez, é classificada pelo REGIC (2007) como capital regional B, cuja região de influência abarca uma população de mais de 1 milhão de habitantes.

RIO GRANDE DO SUL: MUNICÍPIOS MAIS IMPORTANTES						
MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS (2010 - IBGE)			MAIORES PIB'S (2008 - FEE-RS)			
POSICÃO	MUNICÍPIO	POPULAÇÃO	POSICÃO	MUNICÍPIO	PIB (R\$ MIL)	PIB PER CAPTA (R\$)
1	PORTO ALEGRE	1.409.939	1	PORTO ALEGRE	36.774.704	25.713
2	CAXIAS DO SUL	435.564	2	CANOAS	12.580.262	38.133
3	PELOTAS	328.275	3	CAXIAS DO SUL	11.716.487	28.868
4	CANOAS	323.827	4	RIO GRANDE	5.402.761	27.624
5	SANTA MARIA	261.031	5	GRAVATAÍ	5.352.575	20.105
6	GRAVATAÍ	255.660	6	TRIUNFO*	4.550.725	181.333
7	VIAMÃO	239.384	7	NOVO HAMBURGO	4.418.162	17.262
8	NOVO HAMBURGO	238.940	8	PELOTAS	3.564.296	10.386
9	SÃO LEOPOLDO	214.087	9	PASSO FUNDO	3.492.582	18.789
10	RIO GRANDE	197.228	10	SANTA CRUZ DO SUL	3.287.130	27.129
11	ALVORADA	195.673		* PRESENÇA DO PÓLO PETROQUÍMICO DO SUL		
12	PASSO FUNDO	184.826				
TOTAL ESTADO		10.576.758	TOTAL ESTADO		176.615.073	

TABELA 3

MUNICÍPIOS PERTENCENTES À RMPA (REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE), QUE COMPREENDE 32 MUNICÍPIOS E CERCA DE 4.2 MILHÕES DE HABITANTES (CENSO IBGE, 2010)

FONTE: IBGE, FEE-RS

RIO GRANDE DO SUL : DIVISÃO MUNICIPAL

SEM ESCALA

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL

MAPA 4

Embora existam outras regionalizações⁷, a fim de caracterizar a inserção regional de Passo Fundo, consideramos os recortes territoriais estabelecidos pelo IBGE. Partimos da divisão vigente que subdivide o território brasileiro em macro, meso e microrregiões geográficas; e, posteriormente, nos reportamos ao estudo intitulado “Regiões de Influência das Cidades” (REGIC), publicado pelo IBGE, em 2007.

⁷ Destacamos a regionalização elaborada pelo estado do Rio Grande do Sul, em 1994 (Lei 10.283), que subdividiu o território gaúcho em 28 regiões administrativas submetidas a Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs). Os COREDEs evidenciam uma tentativa de descentralização da administração pública governamental, uma vez que constituem fóruns regionais, com representantes da sociedade civil, destinados a debater ações e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento regional. (Atlas geográfico do Rio Grande do Sul). O município de Passo Fundo integra o COREDE Produção, também conhecido como CONDEPRO, situado na 9ª região funcional, e composto por 24 municípios, sendo Passo Fundo o município sede. Os demais municípios integrantes são Almirante Tamandaré do Sul, Camargo, Carazinho, Casca, Chapada, Ciríaco, Coqueiros do Sul, Coxilha, David Canabarro, Ernestina, Gentil, Marau, Mato Castelhano, Muliterno, Nova Alvorada, Nova Boa Vista, Passo Fundo, Pontão, Santo Antônio do Palma, Santo Antônio do Planalto, São Domingos do Sul, Sertão, Vanini e Vila Maria.

O Rio Grande do Sul está subdividido em 7 mesorregiões e 35 microrregiões⁸ (mapa 5, p.36). As mesorregiões foram definidas a partir da identificação de uma identidade regional que tem “o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial”; já as microrregiões foram determinadas a partir da identificação de áreas internas às mesorregiões que apresentam algumas especificidades no quadro natural, social ou econômico, assim como a vida de relações locais. “Assim, a estrutura da produção para identificação das microrregiões é considerada em sentido totalizante, constituindo-se pela produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais.” (IBGE. Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, v.1, 1990, p. 8.)

RIO GRANDE DO SUL : MESO E MICRORREGIÕES (IBGE)

0 50 100 150 KM

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL

MAPA 5

⁸ As cinco grandes regiões foram instituídas pelo decreto 67.647, publicado no Diário Oficial da União em 24 de novembro de 1970, esta divisão sofreu alterações nas décadas de 1970 e 1980 em função da extinção, criação e alteração de categoria de alguns estados. As meso e microrregiões foram instituídas pela Resolução da Presidência do IBGE nº. 11, de 5 de junho de 1990. (IBGE)

RIO GRANDE DO SUL: MESORREGIÕES IBGE (2010)						
MESORREGIÃO	Nº DE MUN.	%	POPULAÇÃO	%	MUN. MAIS POPULOSO	POPULAÇÃO
NOROESTE RIO-GRANDENSE	216	43,55	1.946.510	18,20	PASSO FUNDO	184.826
NORDESTE RIO-GRANDENSE	53	10,69	1.054.203	9,86	CAXIAS DO SUL	435.564
CENTRO OCIDENTAL RIO GRANDENSE	31	6,25	536.938	5,02	SANTA MARIA	261.031
CENTRO ORIENTAL RIO-GRANDENSE	54	10,89	778.841	7,28	SANTA CRUZ DO SUL	118.374
METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE	98	19,76	4.742.302	44,35	PORTO ALEGRE	1.409.351
SUDOESTE RIO-GRANDENSE	19	3,83	723.005	6,76	BAGÉ	116.794
SUDESTE RIO-GRANDENSE	25	5,04	912.130	8,53	PELOTAS	328.275
RIO GRANDE DO SUL	496	100	10.693.929	100	PORTO ALEGRE	1.409.351

TABELA 4

FONTE: IBGE (CENSO 2010)

O município de Passo Fundo integra a mesorregião Noroeste Rio-grandense, que comporta uma população de quase dois milhões de habitantes, constituindo assim o segundo maior aglomerado populacional do estado, ficando atrás somente da mesorregião metropolitana de Porto Alegre. Com 216 municípios, que correspondem a 43,5% do total de municípios gaúchos, a rede urbana da mesorregião noroeste se caracteriza pela grande concentração de pequenos municípios de base econômica agrícola que desenvolvem intensas relações com municípios maiores para suprir suas necessidades de consumo consumptivo (tabela 4, p.37).

Dos 216 municípios do noroeste rio-grandense, Passo Fundo é o único com população superior a 100.000 habitantes; 6 municípios (menos de 3% do total), Erechim, Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa, Cruz Alta e Carazinho têm população entre 50 e 100.000 habitantes; e dos 209 municípios restantes, 33 (15.3%) tem população entre 10 e 50.000 habitantes; e a imensa maioria, os 176 municípios ou 81.5% do total têm menos de 10.000 habitantes (tabela 5, p.37).

MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE (2010)				
MICRORREGIÃO	POPULAÇÃO	%	MUNICÍPIO SEDE	POPULAÇÃO
SANTA ROSA	157.276	8,08	SANTA ROSA	68.587
TRÊS PASSOS	143.794	7,39	TRÊS PASSOS	23.965
FREDERICO WESTPHALEN	174.605	8,97	FREDERICO WESTPHALEN	28.843
ERECHIM	211.653	10,87	ERECHIM	96.087
SANANDUVA	60.636	3,12	SANANDUVA	15.373
CERRO LARGO	66.065	3,39	CERRO LARGO	13.289
SANTO ÂNGELO	196.971	10,12	SANTO ÂNGELO	76.275
IJUÍ	183.920	9,45	IJUÍ	78.915
CARAZINHO	159.953	8,22	CARAZINHO	59.317
PASSO FUNDO	327.703	16,84	PASSO FUNDO	184.826
CRUZ ALTA	150.223	7,72	CRUZ ALTA	62.821
NÃO-ME-TOQUE	42.221	2,17	NÃO-ME-TOQUE	15.936
SOLEDADE	71.490	3,67	SOLEDADE	30.044
TOTAL	1.946.510	100,00		

TABELA 5

FONTE: IBGE (CENSO 2010)

Em termos demográficos (tabela 6, p.38), o município de Passo Fundo responde por 56.4% da população da microrregião. Depois de Passo Fundo, os municípios mais populosos são Marau, Tapejara e Ronda Alta, com 36.364, 19.250 e 10.221 habitantes, respectivamente. Todos os demais municípios da microrregião (84.6%) têm população inferior a 10.000 habitantes. Da população total, 82.64% vive nas cidades. A taxa de urbanização, no entanto, precisa ser relativizada, uma vez que de fato somente Passo Fundo, Marau e Tapejara apresentam altos índices de urbanização (mais de 80%). Entre os demais 23 municípios, 13 têm taxas de urbanização inferior a 50% e o restante entre 50 e 70%.

MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO: INDICADORES POPULACIONAIS (2010)								
MUNICÍPIO	POPULAÇÃO						EMANCIPAÇÕES	
	URBANA	%	RURAL	%	TOTAL	%	MUNICÍPIO DE ORIGEM	ANO
ÁGUA SANTA	1.447	38,88	2.275	61,12	3.722	1,14	TAPEJARA, PASSO FUNDO E CIRÍACO	1987
CAMARGO	1.095	42,25	1.497	57,75	2.592	0,79	MARAU	1988
CASCA	5.090	58,84	3.561	41,16	8.651	2,64	GUAPORÉ	1954
CASEIROS	1.488	49,48	1.519	50,52	3.007	0,92	LAGOA VERMELHA	1988
CHARRUA	584	16,83	2.887	83,17	3.471	1,06	TAPEJARA, GETÚLIO VARGAS	1992
CIRÍACO	2.494	50,67	2.428	49,33	4.922	1,50	PASSO FUNDO	1965
COXILHA	1.739	61,54	1.087	38,46	2.826	0,86	PASSO FUNDO E SERTÃO	1992
DAVID CANABARRO	1.912	40,83	2.771	59,17	4.683	1,43	PASSO FUNDO	1965
ERNESTINA	1.671	54,11	1.417	45,89	3.088	0,94	PASSO FUNDO	1988
GENTIL	723	43,11	954	56,89	1.677	0,51	MARAU, PASSO FUNDO, CIRÍACO	1992
IBIRAIARAS	3.817	53,23	3.354	46,77	7.171	2,19	LAGOA VERMELHA	1965
MARAU	31.558	86,78	4.806	13,22	36.364	11,10	PASSO FUNDO E GUAPORÉ	1954
MATO CASTELHANO	521	21,09	1.949	78,91	2.470	0,75	PASSO FUNDO	1992
MULITERNO	508	28,02	1.305	71,98	1.813	0,55	CIRÍACO, D. CANABARRO E IBIRAIARAS	1992
NICOLAU VERGUEIRO	636	36,96	1.085	63,04	1.721	0,53	MARAU	1992
PASSO FUNDO	180.120	97,45	4.706	2,55	184.826	56,40	CRUZ ALTA	1857
PONTÃO	1.559	40,42	2.298	59,58	3.857	1,18	PF, SARANDI, RONDA ALTA E CARAZINHO	1992
RONDA ALTA	6.867	67,19	3.354	32,81	10.221	3,12	SARANDI E NONOÁI	1963
STA CECÍLIA DO SUL	480	29,00	1.175	71,00	1.655	0,51	TAPEJARA	1996
STO ANTÔNIO DO PALMA	681	31,84	1.458	68,16	2.139	0,65	CASCA	1992
SÃO DOMINGOS DO SUL	1.748	59,74	1.178	40,26	2.926	0,89	CASCA	1987
SERTÃO	3.387	53,81	2.907	46,19	6.294	1,92	PASSO FUNDO	1963
TAPEJARA	17.080	88,73	2.170	11,27	19.250	5,87	PASSO FUNDO	1955
VANINI	1.001	50,45	983	49,55	1.984	0,61	CASACA E DAVID CANABARRO	1987
VILA LÂNGARO	366	17,01	1.786	82,99	2.152	0,66	TAPEJARA	1995
VILA MARIA	2.249	53,28	1.972	46,72	4.221	1,29	MARAU E CASCA	1988
TOTAL	270.821	82,64	56.882	17,36	327.703	100,00		

TABELA 6

FONTE: IBGE (CENSO 2010)

Relativo aos indicadores econômicos (tabela 7, p.39) podemos observar que Passo Fundo e Marau respondem por quase 70% do PIB da microrregião, sendo o município de Passo Fundo responsável por cerca de 51%. Relativo ao valor adicionado municipal, 15 dos 26 municípios, quase 60%, têm na

agropecuária sua principal fonte de divisas; 10 têm o setor terciário mais desenvolvido e somente no município de Marau o valor adicionado da indústria é superior aos demais setores da economia.

MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO: INDICADORES ECONÔMICOS (2008)										
	PIB - R\$ MIL (2008)			VALOR ADICIONADO BRUTO (2008)						
	PIB	%	PER CAPTA	AGROPECUÁRIA	%	INDÚSTRIA	%	COMÉRCIO E SERVIÇOS	%	TOTAL
ÁGUA SANTA	81.471	1,19	22.395	35.016	45,43	3.959	5,14	38.101	49,43	77.075
CAMARGO	53.707	0,79	21.095	27.271	53,43	3.884	7,61	19.886	38,96	51.041
CASCA	166.665	2,44	19.886	65.215	34,78	29.784	15,89	92.483	49,33	187.482
CASEIROS	206.727	3,02	23.924	18.402	45,54	2.609	6,46	19.399	48,01	40.409
CHARRUA	48.752	0,71	13.328	25.076	53,10	1.875	3,97	20.277	42,93	47.228
CIRÍACO	72.533	1,06	14.374	37.384	53,48	3.741	5,35	28.781	41,17	69.905
COXILHA	48.142	0,70	16.058	25.890	55,59	2.280	4,89	18.406	39,52	46.576
DAVID CANABARRO	80.041	1,17	16.503	40.488	52,35	3.357	4,34	33.494	43,31	77.338
ERNESTINA	60.058	0,88	19.411	31.068	54,00	2.431	4,23	24.033	41,77	57.533
GENTIL	46.493	0,68	29.186	26.281	58,88	1.250	2,80	17.106	38,32	44.637
IBIRAIARAS	134.799	1,97	18.440	45.760	36,70	5.827	4,67	73.099	58,63	124.685
MARAU	1.107.506	16,20	30.850	97.843	9,75	518.958	51,71	386.719	38,54	1.003.520
MATO CASTELHANO	51.211	0,75	18.814	28.221	57,23	2.742	5,56	18.345	37,20	49.308
MULITERNO	32.507	0,48	17.439	18.948	59,79	858	2,71	11.883	37,50	31.689
NICOLAU VERGUEIRO	48.327	0,71	26.774	24.181	52,86	1.452	3,17	20.109	43,96	45.743
PASSO FUNDO	3.492.582	51,09	18.789	82.499	2,66	603.487	19,43	2.419.974	77,91	3.105.960
PONTÃO	115.856	1,69	28.741	13.538	12,22	3.270	2,95	42.554	38,43	110.742
RONDA ALTA	140.130	2,05	14.167	48.334	36,61	7.906	5,99	75.783	57,40	132.022
STA CECÍLIA DO SUL	32.905	0,48	18.580	18.781	58,95	1.114	3,50	11.961	37,55	31.857
STO ANTÔNIO DO PALMA	36.302	0,53	15.859	19.701	56,31	1.645	4,70	13.638	38,98	34.984
SÃO DOMINGOS DO SUL	34.405	0,50	11.659	15.504	46,55	3.815	11,45	13.988	42,00	33.308
SERTÃO	129.689	1,90	19.282	68.600	54,91	7.616	6,10	48.726	39,00	124.943
TAPEJARA	443.566	6,49	23.721	38.033	9,68	166.821	42,45	188.110	47,87	392.964
VANINI	26.389	0,39	12.987	11.449	44,71	1.639	6,40	12.520	48,89	25.607
VILA LÂNGARO	43.273	0,63	18.872	22.978	55,15	1.446	3,47	17.242	41,38	41.666
VILA MARIA	101.541	1,49	23.664	40.903	43,29	11.374	12,04	42.208	44,67	94.485
TOTAL	6.835.579	100,00		927.364	15,25	1.395.142	22,94	3.708.823	60,97	6.082.709

TABELA 7

FONTE: FEE-RS

Analisando os valores absolutos relativos à microrregião, temos que 60.97% do total de riquezas são provenientes do setor de serviços, seguidas por 22.94% da indústria e 16.25 da agropecuária. A predominância do setor de serviços, no entanto, assim como o alto índice de urbanização da região, precisa ser relativizada. A soma do valor adicionado do setor terciário dos municípios de Passo Fundo e Marau, as maiores economias regionais, corresponde a 75% do total, ou seja, a ínfima participação dos demais municípios nos indicadores econômicos dá margem a interpretações equivocadas. De fato, o setor primário da economia, ligado especialmente à agricultura, é bastante representativo para todos os pequenos municípios da região, sendo que para mais de 50% (13 municípios) o valor adicionado da agricultura é predominante frente aos outros setores. Entre os municípios maiores, os indicadores

revelam que Passo Fundo constitui-se o município cuja economia é mais dependente do setor terciário, uma vez que 77,91% do valor adicionado municipal está vinculado a essas atividades. Assim como Passo Fundo, Marau também apresenta um setor primário pouco representativo, no que diz respeito ao valor adicionado. Relativo ao setor secundário da economia, Marau é o município que apresenta maior dinamismo, com mais de 50% do seu valor adicionado oriundo da produção industrial, seguido pelos municípios de Tapejara (42.45%), Passo Fundo (19.43%) e Casca (15.89%).

Embora os indicadores econômicos relativos a Passo Fundo e Marau indiquem a predominância do setor terciário, a região continua fortemente vinculada à agricultura, e os demais setores da economia dependem, em grande medida, dessa atividade. O maior exemplo dessa interdependência é o desenvolvimento da indústria metal-mecânica especializada em máquinas e implementos agrícolas e os frigoríficos de aves e suínos. Essa imbricação entre os setores primário e secundário possibilitaram a conformação de um complexo agroindustrial na região (conforme veremos no item 2.3.2 desse capítulo).

Ressaltamos que a dinâmica socioeconômica e populacional da microrregião de Passo Fundo é muito semelhante ao conjunto da mesorregião noroeste, que se caracteriza por uma rede urbana composta majoritariamente por pequenos municípios que dependem em larga escala das cidades maiores para ter acesso a bens e serviços não encontrados nesses pequenos núcleos, como comércio diversificado, educação superior e serviços de saúde especializados. Os municípios-sede de cada microrregião, como Erechim, Carazinho, Santo Ângelo e Cruz Alta, cumprem as funções de centro regional, assim como Passo Fundo o faz para a microrregião que polariza. No entanto, na escala da mesorregião, os centros regionais (municípios-sede das microrregiões) são dependentes de Passo Fundo, cidade que ocupa o grau mais elevado na hierarquia da rede urbana da mesorregião noroeste rio-grandense.

A formação da rede urbana da região norte do Rio Grande do Sul está atrelada ao processo de ocupação do território, que baseado na pequena propriedade agrícola originou uma série de pequenos municípios a partir das colônias agrícolas e também dos inúmeros desmembramentos político-administrativos que ocorreram em todo o Estado especialmente nas últimas décadas do século XX. O caso de Passo Fundo ilustra esse processo, uma vez que desde sua formação, a partir do município de Cruz Alta, em 1857, o município sofreu 20 desmembramentos⁹, caracterizando a redução de 97% do território original, que passou de 24.802 km² para 780 km².

Sobarzo (2010, p.37) afirma que “ao mesmo tempo em que o município perdia território, o núcleo urbano começou a se firmar como um pólo importante na incipiente rede de cidades que começava a se concretizar.” Nesse sentido, a cidade tem desempenhado papéis regionais desde a sua fundação.

Avançaremos na caracterização dos papéis regionais de Passo Fundo a partir do estudo elaborado pelo IBGE, intitulado “Região de Influência das Cidades” – REGIC (2007).

⁹ Palmeira das Missões (1874), Soledade (1875), Guaporé (1903), Erechim (1918), Carazinho (1931), Getúlio Vargas (1934), Sarandi (1939), Marau (1954), Tapejara (1955), Sertão (1963), Ciriaco (1965), David Canabarro (1965), Ibiaçá (1965), Victor Graeff (1965), Água Santa (1987), Ermenstina (1988), Coxilha (1992), Gentil (1992), Mato Castelhano (1992) e Pontão (1992). Se considerarmos os desmembramentos indiretos esse número se eleva para 93 municípios, mais de 18% do total de municípios gaúchos.

O REGIC classifica a rede urbana brasileira em cinco grandes categorias: metrópoles; capitais regionais (A, B, C); centros sub-regionais (A,B); centros de zona (A,B) e centros locais. Passo Fundo é caracterizada como capital regional B, que engloba as cidades com “capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios.”¹⁰

Para delimitar os níveis de centralidade das cidades, a metodologia desenvolvida pelo IBGE privilegiou a função de gestão do território como característica determinante, onde o “centro de gestão do território [...] é aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas” (CORRÊA, 1995, p. 83 *apud* REGIC, 2007). Além disso, como variáveis complementares consideraram-se a presença de equipamentos e serviços, como comércio, saúde e ensino superior, atividade financeira, transporte aéreo e redes de televisão aberta.

A partir desses critérios, o IBGE classificou e hierarquizou toda a rede urbana brasileira. Passo Fundo está entre os 43 centros urbanos de “alto nível”, que inclui as metrópoles e as capitais regionais. Seu nível de centralidade só está abaixo das metrópoles e se compara as cidades gaúchas de Santa Maria e Caxias do Sul; à Joinville, em Santa Catarina; a Ribeirão Preto, em São Paulo; e a Uberlândia, em Minas Gerais.

No âmbito do estado do Rio Grande do Sul, Passo Fundo está sobre a área de influência de Porto Alegre, capital do estado classificada como metrópole cuja região de influência engloba mais de 700 municípios nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (incluindo a capital, Florianópolis), somando uma população de mais de 15 milhões de habitantes.

A região de influência de Passo Fundo, por sua vez, abarca uma população de aproximadamente um milhão de pessoas, incluindo os centros sub-regionais Erechim, Carazinho e Frederico Westphalen, os centros de zona como Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Sarandi e Soledade, além de inúmeros centros locais (mapa 6, p.42).

Em comparação às outras duas capitais regionais gaúchas de mesmo nível, Caxias do Sul e Santa Maria, a região de influência de Passo Fundo contempla praticamente a mesma população da região de influência de Caxias do Sul, cerca de um milhão de habitantes, e 25% a mais do que Santa Maria. No entanto, o que chama atenção é a diferença expressiva do número de municípios polarizados. Enquanto Caxias do Sul e Santa Maria têm sobre sua área de influência 46 e 40 cidades, respectivamente, a região de influência de Passo Fundo abarca 132 municípios.

¹⁰ A publicação REGIC não apresenta numeração de páginas.

Características	Região de Influência de Passo Fundo (A)	Participação da região de influência de Passo Fundo no Brasil (A)x100/Valor Brasil	Núcleo da rede (Passo Fundo) (B)	Participação de Passo Fundo em sua região de influência (B)x100/(A)
População total (2007)	1 079 810	0,59	183 300	16,98
Área (km²)	33 096,22	0,39	780,36	2,36
Densidade demográfica (hab./km²)	32,63	150,99	234,89	719,95
Número de municípios	1 321	2,37	1	0,08
Intensidade de relacionamento (I)	1 443	-	475	32,92
PIB 2005 total (1 000 R\$)	11 717 831	0,55	2 402 738,73	20,50
Valor adicionado serviços (exceto administração pública)	4 865 907	0,53	1 377 260,09	28,30
Valor adicionado indústria	2 610 173	0,48	430 331,29	16,49
Valor adicionado agropecuária	1 458 799	1,30	24 534,47	1,68
Valor adicionado administração pública	1 594 470	0,58	254 429,26	15,96
Impostos	1 188 483	0,39	316 183,45	26,60
PIB per capita (R\$)	10 852	92,99	13 108,23	120,79
Centros identificados	Centro Subregional A: Erechim (RS); Centros Subregionais B: Carazinho e Frederico Westphalen (RS); Centros de Zona A: Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Sarandi e Saldaia (RS); Centros de Zona B: Avarezinha, Casca, Constantina, Espumoso, Getúlio Vargas, Rodão Bonito, Sananduva, São Valentim, Serafina Corrêa e Tapejara (RS).			

(1) A Intensidade de relacionamento indica o número de vezes que o município foi citado no questionário aplicado pelo IBGE.

Fonte: IBGE, Contagem da População 2007; Área territorial oficial, Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm>. Acesso em: mar. 2008; PIB dos municípios, Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/diretorios.php?caminho=.pub/PIB_Municipios>. Acesso em mar. 2008.

MAPA 06 – REGIÃO DE INFLUÊNCIA DE PASSO FUNDO

FORNTE: IBGE – REGIC (2007)

Partimos de dois argumentos para explicar tamanha variação numérica. Primeiro, a rede urbana das mesorregiões norte e nordeste do estado é mais densa que a do sul, havendo além de maior concentração populacional, maior número de pequenas cidades subsidiárias. Na mesorregião sul, a exemplo de Santa Maria, a rede urbana é mais dispersa, sendo assim o número de cidades que orbitam no entorno dessa capital regional é muito menor. No entanto, esse argumento não é suficiente para compararmos Passo Fundo a Caxias do Sul, uma vez que os dois municípios têm características semelhantes no que diz respeito a sua inserção na rede urbana. Nesse caso, argumentamos que a proximidade de Caxias do Sul à região metropolitana de Porto Alegre explica o menor número de cidades sob sua área de influência, ou seja, a proximidade de uma centralidade metropolitana confere uma dinâmica diferenciada à Caxias. No caso de Passo Fundo, sua localização geográfica distante de grandes centros urbanos lhe confere uma centralidade regional muito forte, cuja região de influência abarca municípios com certo grau de importância na região, como Erechim e Carazinho, classificados como centros subregionais, mas também uma grande quantidade de pequenos municípios, classificados como centros de zona e centros locais.

O REGIC 2007 justifica o papel de centralidade regional exercido por Passo Fundo a partir da oferta de atividades comerciais (medida pela diversidade de empresas e pelos deslocamentos para compras) e, além disso, destaca o setor de prestação de serviços de saúde e educação. Em termos produtivos, ainda com base no estudo do IBGE, Sobarzo (2010, p. 45) destaca dois aspectos relevantes no papel de intermediação na rede urbana exercido por Passo Fundo: “o primeiro está relacionado com a gestão empresarial, que coloca a cidade como a mais importante do estado localizada fora do eixo Porto Alegre-Caxias do Sul”, esse aspecto diz respeito às relações que a cidade estabelece com seu entorno, mas também com cidades maiores e mais distantes, como Porto Alegre e São Paulo. O segundo aspecto se refere “à produção agropecuária, para a qual a cidade não representa um destino importante, mas sim um nó que concentra parte da produção regional, para seu posterior transporte aos destinos finais, representando mais uma vez o papel de intermediação na rede urbana.”

2.2. A OFERTA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS ESPECIALIZADOS

Os setores de comércio e serviços têm grande representatividade na economia passo-fundense. Quase 80% do valor adicionado municipal advém desse setor. Em 2008, o terciário empregava quase 70% dos trabalhadores formais. Relativo ao número de estabelecimentos, em 2010, os serviços representavam 65,56% do total, seguidos pelos estabelecimentos comerciais, com 31,42%, os dois juntos resultam em 18.588 estabelecimentos (tabela 8, p.44).

PASSO FUNDO: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E EMPREGADOS					
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS (2010)*			NÚMERO DE EMPREGADOS (2008)**		
SETOR	Nº	%	SETOR	UNIDADES	%
SERVIÇOS COMÉRCIO INDÚSTRIA	12.566 6.022 579	65,56 31,42 3,02	SERVIÇOS	18.414	39,51
			COMÉRCIO	13.346	28,64
			INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	9.249	19,85
			ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	2.896	6,21
			CONSTRUÇÃO CIVIL	1.508	3,24
			AGROPECUÁRIA	920	1,97
			SERVIÇOS INDUSTRIAIS DE UTILIDADE PÚBLICA	200	0,43
			EXTRATIVISMO MINERAL	69	0,15
TOTAL	19.167	100		46.602	100

TABELA 8

* FONTE: PMPF (SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA), DISPONÍVEL NA PUBLICAÇÃO "PÓLO DE DESENVOLVIMENTO"

**RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS/MTE (2008), DISPONÍVEL NO ANUÁRIO 2009-2010 "PASSO FUNDO, GIGANTE DO NORTE"

Entre os estabelecimentos comerciais (tabela 9, p.44), observamos a predominância do comércio varejista em geral, com 2.218 estabelecimentos (36,84% do total); em seguida se destacam os ramos de produtos alimentícios (26,53%) e vestuário (20,61%); e por fim, os 491 estabelecimentos voltados ao comércio de veículos, peças e acessórios, que perfazem 8,16% do total.

PASSO FUNDO: ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS (2010)		
RAMO	UNIDADE	%
COMÉRCIO VAREJISTA EM GERAL	2.218	36,84
COMÉRCIO VAREJISTA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	1.597	26,53
COMÉRCIO VAREJISTA DE VESTUÁRIO	1.241	20,61
COMÉRCIO DE VEÍCULOS, PEÇAS E ACESSÓRIOS	491	8,16
COMÉRCIO VAREJISTA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E VETERINÁRIOS	176	2,92
COMÉRCIO VAREJISTA E/OU ATACADISTA	121	2,01
COMÉRCIO ATACADISTA EM GERAL	106	1,76
COMÉRCIO AMBULANTE EM GERAL	70	1,16
TOTAL	6.020	100,00

TABELA 9

FONTE: PMPF (SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA), DISPONÍVEL NA PUBLICAÇÃO "PÓLO DE DESENVOLVIMENTO"

Entre os centros de compras destacam-se o *Shopping Bella Città* e o Hipermercado *Bourbon*.

O *Shopping Bella Città*, localizado no centro da cidade, inaugurado em 1998, conta com 50.000 m² de área construída (sendo 15.000 m² de área bruta locável – ABL), onde funcionam mais de 120 lojas, praça de alimentação, cinema e estacionamento. Segundo informações da administração do *shopping*, sua região de abrangência compreende 60 municípios e aproximadamente 800.000 habitantes. Mensalmente, circulam 600.000 pessoas pelo *shopping*. Dessa maneira, o *Shopping Bella Città* se caracteriza como um centro de compras regional, referencial urbano para as populações das pequenas cidades que vêm a Passo Fundo fazer compras. Embora a oferta regional de comércio não esteja restrita ao *shopping center*, no centro da cidade há uma série de outros estabelecimentos que também cumprem esse papel, no entanto, o *shopping* é “vendido” como um espaço multiuso que oferece uma série de atividades num só lugar e apresenta algumas vantagens em relação ao comércio de rua, como por exemplo, estacionamento coberto e segurança.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à maneira como o *shopping* introduz novos padrões de consumo, ditados por grandes redes de lojas de departamentos e de *fast food*. Embora o *Bella Città* seja um empreendimento oriundo de capital local¹¹, conforme observa Sobarzo (2010), no *shopping* há uma série de lojas vinculadas a grandes redes, como as lojas Renner e Marisa (lojas âncora), e as redes de *fast food* Mac Donald's, Giraffas, Burger King e Subway.

O *Bourbon* Hipermercado conta, além do supermercado, sua loja âncora, com mais 50 lojas satélites, cinema, praça de alimentação e estacionamento. Embora em menor escala que o *Bella Città*, o *Bourbon* também desempenha funções regionais. A rede *Bourbon* pertence ao Grupo Zaffari-Bourbon¹². Além dos Grupos Zaffari *Bourbon* e Comercial Zaffari, Sobarzo (2010) destaca outro grupo empresarial local, o Grupo Grazziotin¹³, que tem sede em Passo Fundo e filiais nos três estados do sul.

Assim como acontece no *Shopping Bella Città* para os setores alimentício e de vestuário, Sobarzo (2010) observa a presença de grandes redes de eletrodomésticos na cidade. Entre as redes que atuam nos estados do Rio Grande do Sul, destacam-se Berlanda, Benoit, Quero-Quero e Volpato; entre as redes nacionais estão presentes a Colombo, a Ponto Frio e a Magazine Luiza.

Relativo aos estabelecimentos voltados ao comércio de veículos, que representam um número expressivo (8.16%) do total de estabelecimentos comerciais da cidade, destacamos a presença de diversas concessionárias autorizadas à revenda de carros, motos, e máquinas agrícolas.

Entre os estabelecimentos do setor de serviços destacam-se os profissionais liberais diversos, que representam 23.38% do total, seguidos pelos profissionais liberais com formação universitária (14.98%). Destacam-se também os estabelecimentos de corretagens diversas e intermediações, e o fornecimento de mão-de-obra para a construção civil (8.05%).

¹¹ Propriedade da Família Zaffari, proprietária também da rede de supermercados Comercial Zaffari. No local onde foi implantado o *Shopping Bella Città* já existia um supermercado da família que foi incorporado ao empreendimento como uma das lojas âncora.

¹² A família Zaffari é de Erechim (RS), a matriz do grupo fica em Porto Alegre e há filiais no Rio Grande do Sul e na capital Paulista. Embora o sobrenome seja o mesmo, os grupos Zaffari-Bourbon e Comercial Zaffari pertencem a famílias diferentes, a primeira de Erechim (*Bourbon*), e a segunda de Passo Fundo (*Bella Città*). (SOBARZO, 2010, p.65)

¹³ A família Grazziotin iniciou suas atividades atuando no ramo do setor alimentício, nas primeiras décadas do século XX, tendo posteriormente diversificado as atividades para diversos ramos, entre eles o de vestuário.

PASSO FUNDO: ESTABELECIMENTOS DO SETOR DE SERVIÇOS (2010)		
RAMO	UNIDADE	%
CONCERTOS E RESTAURAÇÕES	843	6,71
PROFISSIONAIS LIBERAIS UNIVERSITÁRIOS	1.883	14,98
SOCIEDADES DE PROFISSIONAIS LIBERAIS UNIVERSITÁRIOS	251	2,00
PROFISSIONAIS LIBERAIS DIVERSOS	2.938	23,38
FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL	1.012	8,05
AGENCIAMENTO, CORRETAGENS DIVERSAS E INTERMEDIações	1.817	14,46
DIVERSÕES PÚBLICAS	149	1,19
HOTÉIS SIMILARES	73	0,58
SERVIÇOS DE BELEZA, CONFECÇÕES E LIMPEZA DO VESTUÁRIO	814	6,48
DEPÓSITOS, GUARDA DE QUALQUER TIPO DE BENS	101	0,80
REPROD. DE QUALQUER ESPÉCIE, SERVIÇOS DE MONTAGEM DE TEXTOS	158	1,26
SERVIÇOS DE LIMPEZA E HIGIENE	197	1,57
SERVIÇOS DE TRANSPORTE	682	5,43
SERVIÇOS DE ENSINO	244	1,94
DIVERSAS NÃO ESPECIFICADAS	1.404	11,17
TOTAL	12.566	100,00

TABELA 10

FONTE: PMPF (SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA), DISPONÍVEL NA PUBLICAÇÃO "PÓLO DE DESENVOLVIMENTO"

Analisando os dados de 2006 relativos aos estabelecimentos do setor de serviços Sobarzo (2010, p.60) observa dois aspectos que permanecem atuais se comparados aos dados de 2010 (tabela 10, p.46): primeiro, o dinamismo do setor imobiliário, expresso pelos 1.012 estabelecimentos que se dedicam a oferta de mão de obra à construção civil e pelos 1.817 estabelecimentos que trabalham com agenciamento, corretagens diversas e intermediações; segundo, o expressivo número de estabelecimentos voltados aos serviços de transporte, que evidenciam a condição de Passo Fundo como nó logístico¹⁴. Sobre o primeiro aspecto, em que o autor se refere ao dinamismo do setor imobiliário, ressaltamos o intenso processo de verticalização que começou a se intensificar a partir da década de 1980 na área central e atualmente se expande ao longo dos eixos viários principais e também pelos bairros residenciais próximos ao centro. As repercussões da verticalização na cidade, assim como as lógicas que determinam a localização dos edifícios, e ainda outros investidas do mercado imobiliário serão abordados na segunda parte desse trabalho, em que discutiremos o espaço intra-urbano. Por ora, nos interessa ressaltar que a verticalização da cidade está intimamente associada às demandas regionais, sobretudo de estudantes universitários oriundos de outras cidades. Segundo anuário 2009/2010, a cidade recebe cerca de 10.000 novos estudantes anualmente, além de novos moradores em busca de oportunidades de trabalho.

¹⁴ Aprofundaremos essa discussão no capítulo II.

2.2.1. OS SERVIÇOS DE SAÚDE

A cidade de Passo Fundo cumpre um importante papel no estado do Rio Grande do Sul no que se refere à oferta de serviços de saúde (tabela 11, p.47). Em 2010, Passo Fundo aparece como a 3ª cidade com o maior número de hospitais no estado, atrás somente de Porto Alegre e Santa Maria e à frente de cidades como Caxias do Sul e Pelotas; referente ao número de leitos, a cidade aparece na 4ª posição; e quanto ao número de internações aparece na 2ª, depois de Porto Alegre. Excluindo a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), o município de Passo Fundo é o que mais se destaca na porção norte do estado em relação à oferta de serviços de saúde.

RIO GRANDE DO SUL: PÓLOS DE SAÚDE (2010)								
HOSPITAIS			LEITOS			INTERNAÇÕES (2010)		
POSICÇÃO	MUNICÍPIO	Nº	POSICÇÃO	MUNICÍPIO	Nº	POSICÇÃO	MUNICÍPIO	Nº
1º	PORTO ALEGRE	31	1º	PORTO ALEGRE	8.192	1º	PORTO ALEGRE	180.074
2º	SANTA MARIA	10	2º	CAXIAS DO SUL	1.294	2º	PASSO FUNDO	33.083
3º	PASSO FUNDO	8	3º	PELOTAS	1.168	3º	CAXIAS DO SUL	26.424
4º	PELOTAS	7	4º	PASSO FUNDO	1.137	4º	PELOTAS	25.006
4º	CAXIAS DO SUL	7	5º	SANTA MARIA	985	5º	SANTA MARIA	14.976
5º	NOVO HAMBURGO	5	6º	NOVO HAMBURGO	421	6º	NOVO HAMBURGO	12.151
6º	CRUZ ALTA	4	7º	CRUZ ALTA	389	7º	BAGÉ	10.340
7º	BAGÉ	3	8º	SANTO ÂNGELO	365	8º	CANOAS	8.968
7º	CANOAS	3	9º	BAGÉ	305	9º	SANTO ÂNGELO	7.935
7º	SANTO ÂNGELO	3	10º	CANOAS	296	10º	CRUZ ALTA	5.503

TABELA 11

FONTE: FEE-DADOS

MAPA 07 – RIO GRANDE DO SUL: HOSPITAIS E LEITOS (2008)

FONTE: ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL

Na mesorregião noroeste, Passo Fundo responde por 14.73% dos leitos e 23.13% das internações, em 2010. O número de hospitais é proporcionalmente menos relevante frente à mesorregião, no entanto, é preciso ponderar que os hospitais de Passo Fundo oferecem serviços de alta complexidade que não são encontrados nas cidades menores. Na microrregião, a cidade concentra 8 dos 20 hospitais (tabela 12, p.48).

MESO E MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO: SAÚDE (2010)						
MESORREIGIÃO NOROESTE						
	HOSPITAIS	%	LEITOS	%	INTERNAÇÕES (2010)	%
PASSO FUNDO	8	5,88	1.137	14,73	33.083	23,13
DEMAIS MUNICÍPIOS	128	94,12	6.580	85,27	109.958	76,87
TOTAL	136	100,00	7.717	100	143.041	100
MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO						
	HOSPITAIS	%	LEITOS	%	INTERNAÇÕES (2010)	%
PASSO FUNDO	8	40,00	1.137	83,60	33.083	86,14
DEMAIS MUNICÍPIOS	12	60,00	223	16,40	5.324	13,86
TOTAL	20	100,00	1.360	100	38.407	100

TABELA 12

FONTE: FEE-DADOS

Na microrregião de Passo Fundo há 876 estabelecimentos de saúde (tabela 13), sendo 630 (71.92%) em Passo Fundo. Os serviços de maior complexidade, como os hospitais e pronto-socorros especializados, assim como a maior parte das clínicas e ambulatórios especializados estão em Passo Fundo. Na cidade, há 399 consultórios isolados, comandados por profissionais da saúde como médicos, dentistas, fisioterapeutas e nutricionistas, esse número representa mais de 80% do total da microrregião. No estado do Rio Grande do Sul, Passo Fundo é a 4ª cidade com o maior número de consultórios isolados, ficando atrás das cidades de Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas. A cidade dispõe de 566 médicos, atendendo em 69 especialidades. (O NACIONAL, ANUÁRIO 2010 – 2011, p. 54)

A cidade de Passo Fundo conta com 8 hospitais, sendo 2 especializados e 6 gerais. Entre os hospitais gerais têm destaque o Hospital da Cidade (HC) e o Hospital São Vicente de Paulo (HSPV), fundados respectivamente em 1914 e 1918. As duas instituições são classificadas pelo Ministério da Saúde como beneficentes (sem fins lucrativos), já que reservam mais de 70% de sua capacidade de atendimentos a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Ambos são também hospitais-escola, o HSPV oferece estágio aos alunos das universidades locais e cursos de graduação e pós-graduação; e o HC oferece cursos profissionalizantes na área da saúde.

Mais de 50% dos atendimentos dessas duas instituições são oferecidos para pessoas de outras cidades da região. Em 2010, o HSPV atendeu a pacientes de 477 municípios; no HC, 61% dos atendimentos ambulatoriais foram direcionados a pacientes de outras cidades. (O NACIONAL, ANUÁRIO 2010 – 2011, p. 54) Embora essas duas instituições cumpram efetivamente um papel regional de destaque, o HSPV tem destaque, tanto na cidade como na região, em função dos serviços de alta complexidade, como transplantes, centro oncológico e um equipado centro de diagnóstico.

Segundo o Relatório Social do HSPV, o hospital é referência regional para mais de dois milhões de pessoas, tendo recebido, nesse ano, pacientes de 488 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e outros estados, o que representou 56% das internações realizadas.

MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO: ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE (OUTUBRO - 2011)					
TIPO DE ESTABELECIMENTO	PASSO FUNDO	%	MICRORREGIÃO	%	TOTAL
CENTRAL DE REGULAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE	1	100,00	0	0,00	1
CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	2	100,00	0	0,00	2
CENTRO DE APOIO A SAÚDE DA FAMÍLIA	0	0,00	1	100,00	1
CENTRO DE SAÚDE/UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE	49	57,65	36	42,35	85
CLÍNICA ESPECIALIZADA/AMBULATÓRIO ESPECIALIZADO	128	76,19	40	23,81	168
CONSULTÓRIO ISOLADO	399	82,27	86	17,73	485
COOPERATIVA	7	100,00	0	0,00	7
HOSPITAL ESPECIALIZADO	2	100,00	0	0,00	2
HOSPITAL GERAL	6	33,33	12	66,67	18
POLICLÍNICA	0	0,00	4	100,00	4
POSTO DE SAÚDE	5	20,83	19	79,17	24
PRONTO SOCORRO ESPECIALIZADO	2	100,00	0	0,00	2
SECRETARIA DE SAÚDE	2	8,00	23	92,00	25
UNIDADE DE ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA	0	0,00	1	100,00	1
UNIDADE DE SERVIÇO DE APOIO DE DIAGNOSE E TERAPIA	26	54,17	22	45,83	48
UNIDADE DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE	1	50,00	1	50,00	2
UNIDADE MÓVEL TERRESTRE	0	0,00	1	100,00	1
TOTAL DE ESTABELECIMENTOS	630	71,92	246	28,08	876

TABELA 13

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE - CNES

2.2.2. OS SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Os dados relativos à educação, de 2010, apresentam Passo Fundo como a 2ª cidade do estado com maior número de instituições de ensino superior¹⁵, 7ª em relação ao número de matrículas, e 6ª com maior número de cursos superiores. Assim como ocorre no setor de saúde, a cidade de Passo Fundo é o maior centro universitário da porção norte do Rio Grande do Sul, com mais de 17.000 alunos matriculados em cursos de graduação presenciais (tabela 14, p.50).

¹⁵ Na mesma posição de Caxias do Sul.

MAPA 08 – RIO GRANDE DO SUL: EDUCAÇÃO SUPERIOR (2009)

FONTE: ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL

RIO GRANDE DO SUL: ENSINO SUPERIOR (2010)					
INSTITUIÇÕES		MATRÍCULAS		CURSOS DE GRADUAÇÃO	
MUNICÍPIO	Nº	MUNICÍPIO	Nº	MUNICÍPIO	Nº
PORTO ALEGRE	29	PORTO ALEGRE	81.233	PORTO ALEGRE	331
PASSO FUNDO	9	CAXIAS DO SUL	28.440	SANTA MARIA	154
CAXIAS DO SUL	9	CANOAS	23.405	CAXIAS DO SUL	139
SANTA MARIA	7	SÃO LEOPOLDO	23.544	CANOAS	137
PELOTAS	5	SANTA MARIA	23.394	PELOTAS	125
BENTO GONÇALVES	3	PELOTAS	18.287	PASSO FUNDO	95
CANOAS	3	PASSO FUNDO	17.050	SÃO LEOPOLDO	68
IJUÍ	3	NOVO HAMBURGO	14.137	NOVO HAMBURGO	67
NOVO HAMBURGO	3	SANTA CRUZ DO SUL	10.661	SANTA CRUZ DO SUL	64
SÃO LEOPOLDO	3	RIO GRANDE	9.833	RIO GRANDE	62
RS	110	RS	353.592	RS	2123

TABELA 14

FONTE: IBGE (CENSO 2010)

Na mesorregião noroeste (tabela 15, p.51), Passo Fundo responde por 33.05% das matrículas no ensino superior, abrangendo 21.41% dos cursos superiores, em 2009; na microrregião detém mais de 91% das matrículas, concentrando 91 dos 105 cursos superiores.

MESO E MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO: EDUCAÇÃO (2009)						
MESORREIGIÃO NOROESTE						
	ESTABELECIMENTOS	%	MATRÍCULAS	%	CURSOS	%
PASSO FUNDO	*	*	15.991	33,05	91	21,41
DEMAIS MUNICÍPIOS	*	*	32.397	66,95	334	78,59
TOTAL	*	*	48.388	100	425	100
MICRORREGIÃO DE PASSO FUNDO						
	ESTABELECIMENTOS	%	MATRÍCULAS	%	CURSOS	%
PASSO FUNDO	*		15.991	91,82	91	86,67
DEMAIS MUNICÍPIOS	*	*	1.424	8,18	14	13,33
TOTAL	*	*	17.415	100	105	100

TABELA 15

FONTE: FEE-DADOS

* DADO INDISPONÍVEL

A 7ª Coordenadoria Regional de Educação aponta a presença de 60 mil estudantes na cidade, destes aproximadamente 25 mil¹⁶ de nível superior, matriculados em cursos de graduação e pós-graduação. Dado que confirma que o ensino superior tem lugar de destaque em Passo Fundo, uma vez representa mais de 40% do total de estudantes. Na cidade existem dez instituições de ensino superior (tabela 16), cinco faculdades e uma universidade, a Universidade de Passo Fundo – UPF, a maior e mais antiga instituição de ensino superior da cidade. Predominam as instituições privadas, com exceção da FASURGS e do Instituto Federal Rio Grandense.

PASSO FUNDO: INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (2011)					
	FUNDAÇÃO	Nº ALUNOS		Nº DE CURSOS	
		GRAD.	PÓS-GRAD.	GRAD.	PÓS-GRAD.
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF)	1968	17.248	1.374	59	51
FACULDADE ANHANGUERA-FAPLAN ***	2001	*		16	
FACULDADE MERIDIONAL (IMED)	2005	1.158	683	7	
FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAC PASSO FUNDO	2003	*		1	
FACULDADE PORTAL	2005	*	*	5	6
INSTITUTO SUPERIOR DE FILOSOFIA BERTHIER (IFIBE) ****	1981	60	40	1	1
FACULDADE JOÃO PAULO II	2011	300	*	3	
FACULDADE ANGLO AMERICANO	2009	400	*	9	11
FASURGS	2009	*	*	*	
INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDENSE	*	*	*	*	

TABELA 16

FONTE: CONSULTA ÀS INSTITUIÇÕES

* DADO INDISPONÍVEL

*** ANHANGUERA COMPROU FACULDADE PLANATO – FAPLAN, EM 15/02/2008

**** CREDENCIADA PELO MEC COMO INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR EM 2004

¹⁶ Número superior ao apresentado na tabela 14 (p.50). Não temos elementos para explicar essa diferença numérica.

A UPF, fundada em 1968, atualmente possui cerca de 19 mil alunos matriculados no ensino superior¹⁷, distribuídos em 12 unidades de ensino e 6 *campi*, instalados nas cidades da região (Casca, Carazinho, Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Sarandi e Soledade). A universidade é reconhecida como uma das principais instituições superiores do sul do Brasil.

Todas as demais instituições começaram a funcionar na última década, o que demonstra o crescimento do setor. Embora a UPF se mantenha como a maior instituição da cidade, investidas recentes de grandes redes de faculdades, a exemplo das faculdades Anhanguera e Anglo Americano, ampliam a oferta de vagas, de cursos e oferecem custos reduzidos, demonstrando que Passo Fundo constitui-se efetivamente como um mercado atrativo nessa área, tanto pelo seu tamanho demográfico, como principalmente pela sua condição de centro regional.

¹⁷ A instituição oferece também ensino médio e cursos de idiomas.

2.3. AS FUNÇÕES DE APOIO AO AGRONEGÓCIO

Sobarzo (2010, p.47) afirma que Passo Fundo “apresenta desde sua fundação uma relação direta com as atividades agrícolas. Nesse sentido, a cidade sempre tem exercido um papel de nó articulador regional de apoio às atividades do campo.” Sua importância regional se estrutura a partir dessas relações.

Conforme vimos no capítulo I, o povoado que surgiu ao longo da rota dos tropeiros e até hoje é conhecido como “terra de passagem” já nas primeiras décadas do século XX exercia funções polarizadoras, condição que seria fortalecida e consolidada nas décadas seguintes. A economia, inicialmente vinculada à exploração da erva-mate e depois da madeira, encontra na agricultura sua principal fonte de divisas. Na década de 1940, a produção de trigo é institucionalizada no Brasil e a região de Passo Fundo, já familiarizada e naturalmente propícia à exploração da cultura, assume importante papel na produção nacional. A partir de 1950, a região passa por um intenso processo de reestruturação produtiva baseado, sobretudo, na mecanização da agricultura, processo esse que seria dinamizado nas décadas seguintes, a partir da introdução da cultura da soja na região, que resultaria no binômio trigo-soja. A partir de 1950, as modernizações da agricultura e o aumento da produtividade propiciaram à instalação de indústrias à montante e à jusante, promovendo o surgimento de um complexo agroindustrial.

A cidade de Passo Fundo assume papel fundamental nesse processo e efetiva-se como uma “cidade do agronegócio” que atende às demandas do setor, expressas pelo consumo produtivo. A economia urbana é até hoje, em grande medida, dependente da “lavoura”. A recente e aclamada industrialização do município, apoiada na instalação de unidades de grandes empresas nacionais e multinacionais tem profunda imbricação com o agronegócio. A condição de pólo regional, por sua vez, contribuiu para o fortalecimento e diversificação da economia urbana, sobretudo por meio do comércio e dos serviços de saúde e educação.

As sucessivas modernizações agrícolas e a consolidação de um complexo agroindustrial na região de Passo Fundo caracterizam o município, nos termos de Milton Santos, como um ponto luminoso do território. Elias (2007, p.118) observa que a difusão do agronegócio exige especializações territoriais e a cidade cumpre papel fundamental na realização dessa atividade, à medida que oferece os “a grande maioria dos aportes técnicos, financeiros, jurídicos, de mão-de-obra e de todos os demais produtos e serviços necessários a sua realização. Quanto mais modernas se tornam essas atividades, mais urbana se torna a sua regulação.” Nesse sentido, o processo de reestruturação produtiva da agropecuária brasileira e a difusão do agronegócio globalizado constituem-se possíveis caminhos metodológicos para a interpretação da estruturação dos espaços urbanos não-metropolitanos no Brasil, com destaque ao papel das cidades médias e a organização de um novo sistema urbano. Essa temática tem sido explorada pela RECIME como um eixo investigativo dos papéis das cidades médias no período atual.

Elias (2007, p.116) identifica como resultantes das novas relações campo cidade as migrações (ascendente e descendente), a dinamização do terciário e da economia urbana, e a “evidência de que é na cidade que se realizam a regulação, a gestão e a normatização das transformações verificadas nos pontos luminosos do espaço agrícola.” Ou seja, a cidade propicia as condições materiais à reprodução do capital do agronegócio e se reestrutura em função de suas demandas. Assim, a cidade média, além das necessidades de consumo consumptivo (de educação, saúde, lazer, etc.) passa a atender também as demandas associadas ao consumo produtivo. Entre as formas de consumo produtivo destacam-se “o consumo de ciência embutida nas sementes, nos clones, nos fertilizantes etc., o consumo de

consultorias e o consumo de dinheiro adiantado como crédito. As atividades urbanas estão ligadas a esse tipo de consumo”. (SANTOS, SILVEIRA, 2001, p.280) Destacamos a seguir as principais demandas urbanas do agronegócio identificadas em Passo Fundo.

2.3.1. ENSINO E PESQUISA ESPECIALIZADA

A cidade de Passo Fundo concentra uma série de empresas voltadas à pesquisa agrícola, assim como diversos cursos de formação de profissionais da área, seja em nível técnico ou superior.

A região de Passo Fundo conta com 11 empresas¹⁸ dedicadas à pesquisa agrícola, estando nove concentradas em Passo Fundo. Segundo pesquisadores locais¹⁹, a cidade é um centro de referência nacional nesse setor, tanto em função do número de empresas instaladas, como pelo número de pesquisadores e culturas envolvidos. O melhoramento genético é um dos principais focos da pesquisa na cidade sendo desenvolvido em cultivares de trigo (Embrapa Trigo, OR Sementes e Biotrigo); aveia (Curso de Agronomia da UPF); cevada (Embrapa Trigo e Ambev); soja (Embrapa Trigo, Monsanto e Brasmax); milho (Pionner, Semilha e Monsanto. (O NACIONAL, ANUÁRIO 2010 – 2011, p. 79)

A Embrapa Trigo, instalada em 1974 em Passo Fundo, como a primeira unidade descentralizada da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é a pioneira da região. A Embrapa Trigo trabalha desde o desenvolvimento genético de sementes até o aprimoramento de maquinário agrícola. A atuação da Embrapa em Passo Fundo contribuiu também para o desenvolvimento do setor metal-mecânico, que agregou os avanços alcançados pela empresa em sua produção. (SOBARZO, 2010, p. 56)

Sobarzo (2010) observa também o papel da educação superior como subsídio ao desenvolvimento do agronegócio. Sobressai-se, nesse sentido, a atuação da Universidade de Passo Fundo (UPF), que oferece curso de doutorado em Agronomia, e as graduações em Agronomia, Engenharia e Engenharia Mecânica. Recentemente a UPF vem oferecendo também cursos tecnológicos voltados ao agronegócio: Tecnologia do Agronegócio, Tecnologia e Logística Empresarial e Tecnologia em Fabricação Mecânica. A Faculdade de Agronomia da UPF foi criada em 1961, sendo um dos primeiros cursos instalados, o que demonstra a importância do agronegócio para a região.

Além da UPF, há outras instituições atuantes no setor, como as faculdades Anhanguera e Anglo Americano, além do Instituto de Ciências Agrônômicas (INCIA). A tabela 17 (p.55) mostra que a maioria das instituições surgiu na última década, o que demonstra o crescimento do setor.

¹⁸ Ambev, Biotrigo, Brasmax, Embrapa Trigo, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UPF, Fundação Pró-sementes Monsanto, OR Sementes, Pionner (Coxilha), Seeds – Laboratório e Pesquisa Agrícola, Semilha (Coxilha).

¹⁹ Em depoimento registrado no Anuário 2010-2011 (O NACIONAL)

PASSO FUNDO: ENSINO E PESQUISA VOLTADOS AO AGRONEGÓCIO		
ENSINO		
GRADUAÇÃO	INSTITUIÇÃO	IMPLANTAÇÃO
AGRONOMIA	UPF	1961
MEDICINA VETERINÁRIA	UPF	1996
AGRONEGÓCIO (CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA)	UPF	2008
AGRONEGÓCIO (CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA)	ANGLO AMERICANO	2011
LOGÍSTICA (CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA)	FACULDADE ANHANGUERA	2010
PÓS GRADUAÇÃO		
MESTRADO EM AGRONOMIA	UPF	1996
DOUTORADO EM AGRONOMIA	UPF	2004
PÓS-DOUTORADO EM AGRONOMIA	UPF	2009
AGRONEGÓCIO (MBA)	UPF	DEC. 2000
GESTÃO ESTRATÉGICAS DE AGRONEGÓCIOS	FACULDADES PORTAL	DEC. 2000
PRODUÇÃO VEGETAL: ECOFISIOLOGIA E MANEJO DE CULTURAS DE LAVOURA (MBA)*	INICIA***	DEC. 2000
PECUÁRIA DE LEITE (MBA)*	INICIA	DEC. 2000
SUINOCULTURA INDUSTRIAL (MBA)*	INICIA	DEC. 2000
AVECULTURA INDUSTRIAL (MBA)*	INICIA	DEC. 2000
PESQUISA		
ESCRITÓRIO REGIONAL DA EMATER/RS - ASCAR**		1984
EMBRAPA TRIGO (CENTRO NACIONAL DE PESQUISAS DO TRIGO)	EMBRAPA	1974

TABELA 17

FONTE: CONSULTA ÀS INSTITUIÇÕES

* CURSOS OFERECIDOS EM PARCERIA COM O INSTITUTO DIDATUS - LOCALIZADO EM CURITIBA - PR

** EMATER (ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL SULINO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL)

*** INICIA (INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS)

2.3.2. COMÉRCIO ESPECIALIZADO E AGROINDÚSTRIA

Se por um lado o agronegócio depende da cidade (serviços e mão-de-obra especializada, por exemplo), por outro esse setor colabora com a dinamização da economia urbana. Em Passo Fundo, na última década, de 2000 a 2007, o PIB e o PIB per capita municipal aumentaram consideravelmente, com destaque ao período entre 2006/2007, cujo aumento do PIB atingiu 17,3%. O Anuário 2009/2010 afirma que o crescimento econômico acelerado se deve à instalação de grandes empresas na cidade, além da consolidação das já existentes e da contribuição do setor de saúde e educação.

Com relação ao comércio de apoio ao agronegócio, Sobarzo (2010, p.55) lista a presença de 12 empresas de comercialização de insumos agropecuários, 34 de produtos veterinários, 29 de máquinas agrícolas, oito empresas especializadas na comercialização de cereais, quatro voltadas ao transporte de cereais, 13 à comercialização de sementes, 12 empresas de adubos e fertilizantes, 09 de defensivos agrícolas, 09 de acessória técnica, além de 02 empresas especializadas em irrigação e 01 em aviação agrícola.

O desenvolvimento econômico recente de Passo Fundo está diretamente atrelado à diversificação da economia municipal e especialmente ao crescimento do setor industrial. Nos últimos anos, a política municipal de doações de lotes industriais e incentivos fiscais visando atrair a instalação de grandes

empresas no município tem sortido efeito, uma vez que empresas como a BSBios (Indústria e Comércio de Biodiesel), a Italac (Indústria de Laticínios) e a Ambev (maltaria) instalaram unidades no município.

Além dos incentivos municipais à instalação das grandes empresas em Passo Fundo, alguns fatores são determinantes à expansão do setor: localização estratégica (logística), mão-de-obra qualificada e matéria-prima abundante.

O desenvolvimento industrial de Passo Fundo está intimamente relacionado ao agronegócio, entre as maiores indústrias do município, segundo número de funcionários, têm destaque aquelas cujas atividades têm relação com a produção agropecuária, na produção de embalagens, equipamentos e máquinas agrícolas, além do processamento de frangos e da fabricação de biocombustíveis. A tabela 18 (p.57) mostra que entre as 50 maiores empresas do município de Passo Fundo (em valor adicionado), várias têm relação com o agronegócio. Entre elas destacam-se entre as 10 maiores a Bsbios, a Semeato, a Italac e a Kuhn Metasa. Essas empresas destacam-se também pela oferta de empregos, a Doux-Frangosul, com 1924 funcionários, é a empresa que mais emprega em Passo Fundo, seguida pela Semeato, que atua na fabricação de máquinas e implementos agrícolas e conta com 1249 empregados.

Sobarzo (2010, p.53) destaca que as “principais indústrias associadas ao agronegócio não se limitam a uma atuação regional”, pelo contrário, estão incorporadas em ciclos produtivos mais abrangentes, inclusive com presença de capital internacional. A Frangosul, indústria local processadora de frangos, por exemplo, hoje pertence ao Grupo Doux, francês. A Metasa, fabricante de máquinas e implementos agrícolas, hoje faz parte do grupo Kuhn, também com sede na França. Destacamos ainda a atuação da Semeato, terceira maior empresa em valor adicionado do município, como exemplo de uma empresa familiar, de capital local, fundada na década de 1960, que atualmente tem atuação global, exportando máquinas agrícolas para diversos países.

PASSO FUNDO: 50 MAIORES EMPRESAS SEGUNDO VALOR ADICIONADO (2010)			
EMPRESA	EMPREGADOS	EMPRESA	EMPREGADOS
1º GRAZZIOTIN S/A	434	26º NESTLE BRASIL LTDA	0
2º BSBIOS IND E COM DE BIODIESEL	215	27º COML DE COSMETICOS AZAMBUJA	113
3º SEMEATO S/A	1249	28º COML BUFFON COM E TRANSP	95
4º IPIRANGAPROD DE PETROLEO S/A	0	29º ONIZ DISTRIB LTDA	90
5º GOIASMINAS IND E COM (ITALAC)	254	30º KIN MASTER PROD QUIM LTDA	50
6º PETROBRAS DISTRIBUIDORA S/A	1	31º HOUSECAR CENTER VEICULOS LTDA	36
7º COM DE MEDIC BRAIR (FARM. SÃO JOÃO)	511	32º LOJAS RENNER S/A	72
8º CIA ZAFFARI	372	33º CVI REFRIGERANTES LTDA	135
9º COML ZAFFARI LTDA	648	34º OLEOPLAN S/A (+produção primária)	10
10º KUHN METASA IMPL AGRICOLAS S/A	361	35º GAMBATTO AUTO LTDA	47
11º DIMED S/A DISTR DE MEDICAMENTOS	212	36º CIA ULTRAGAZ S/A	10
12º DOUX FRANGOSUL	1924	37º SPONCHIADO JARDINE VEICULOS LTDA	67
13º DISFONTE DISTR DE BEBIDAS LTDA	182	38º COM DE CEREAIS FERLIN (+produção primária)	9
14º LIQUIGAS DISTRIB S/A	55	39º GUARACAR COM DE AUTOMOVEIS LTDA	100
15º BUNGE ALIMENTOS (+produção primária)	104	40º MAKRODAL DISTRIB ALIMENTOS LTDA	33
16º SHV GAS BRASIL (MINASGAS)	41	41º PITTOL COPETTI E CIA LTDA	96
17º PEPSICO DO BRASIL LTDA	41	42º COSAN DISTRIB COMB E LUBRIFIC S/A	0
18º NET SERVS DE COMUNICAÇÃO	57	43º MECÂNICA COML E IMPRA LTDA	34
19º COTRIJAL COOP. AGROP (+produção primária)	42	44º PETRONAR COM DE DERIVADOS DE PETROLEO	9
20º CASTOR SUL IND E COM DE COLCHÕES	288	45º JR COM DE CIMENTO E CONCRETO LTDA	69
21º RADIO E TV UMBU - RADIO ATLANTIDA	44	46º CIMPASSO COM DE CIMENTO PASSO FUNDO	21
22º NOBLE BRASIL S/A	4	47º MAGAZINE LUIZA S/A	63
23º TONIAL CEREAIS (+ produção primária)	5	48º COML JACUI LTDA	126
24º GERMANN E SOKABE LTDA	18	49º CIA MINUANO DE ALIMENTOS	483
25º ARCOM S/A	0	50º PRODUTECNICA COM E REPR LTDA	13

TABELA 18

FONTE: PMPF (SECRETARIA DA FAZENDA)

2.3.3. LOGÍSTICA

A origem da cidade de Passo Fundo está ligada ao traçado de rotas comerciais ou caminhos regionais. Sua localização estratégica, entre os países do Mercosul e o centro do país, ocasiona um intenso fluxo de cargas, mais de 3.400 veículos de carga passam diariamente pelo pedágio de Coxilha (RS-325), desses mais da metade fazem parada na cidade. (O NACIONAL, ANUÁRIO 2010 – 2011, p. 66)

Sobarzo (2010, p.57) observa que Passo Fundo “constitui-se numa plataforma logística que polariza uma região produtora e possibilita a armazenagem, o processamento (em menor medida) e a distribuição da produção.” Nesse sentido, o autor destaca a atuação da empresa Pradodem (Comércio, Serviços e Transporte), que possui alta capacidade de armazenagem de grãos, oriundos de municípios da região. A produção chega ao município através do transporte feito por caminhões, e o escoamento se dá através de transporte ferroviário, efetuado pela Empresa América Latina Logística (ALL). Diariamente Passo Fundo recebe cerca de 80 vagões oriundos de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, carregados com combustíveis, cimento e fertilizantes. Esses vagões saem da cidade carregados de soja,

farelo de soja, milho e cevada. O combustível é destinado a abastecer o Terminal Petrolífero²⁰ da cidade, instalado no Distrito Industrial Invernadinha, que abastece mais de 550 municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. “Dados da Secretaria de Desenvolvimento indicam que a área de influência logística de Passo Fundo abrange 299 empresas exportadoras sediadas em 43 municípios, que tiveram, somente em 2009, um volume exportado de US\$ 1,4 bilhão, o equivalente a 7.7% das exportações gaúchas.” Desde 2009 a cidade tem se mobilizado para integrar a rota da Ferrosul, ferrovia que irá conectar os estados do Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina ao porto de Rio Grande. Além disso existe também projeto de implantação de uma plataforma intermodal no município, numa área de cerca de 200 ha, a ser viabilizada através de empréstimo do BID (Banco Interamericano de desenvolvimento). (O NACIONAL, ANUÁRIO 2009 – 2010, p. 90)

Entre os investimentos do governo municipal, já em curso, estão as melhorias de infra-estrutura dos distritos industriais e a oferta de lotes e incentivos fiscais às empresas do setor.

A seguir, avançaremos para a segunda parte da pesquisa, em que nosso objeto de estudo passa ser o espaço intra-urbano. As análises apresentadas até aqui, que compõem a primeira parte da pesquisa, subsidiam as análises que seguem no sentido de propiciar ao leitor uma visão de conjunto das funções urbanas que Passo Fundo desempenha na qualidade de cidade média, pólo regional e cidade de apoio ao agronegócio. Essas funções, mesmo que indiretamente, interferem na estruturação do espaço intra-urbano, conforme discutiremos a seguir.

²⁰ Formado pelas empresas Petrobrás, Ipiranga e Cosan.

PARTE II

ESPAÇO INTRA-URBANO

CAPÍTULO III

FORMAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO INTRA-URBANO

Nesse capítulo, temos por objetivo analisar a formação e estruturação do espaço intra-urbano de Passo Fundo, abarcando um amplo recorte temporal que cobre desde o início da formação do aglomerado urbano, nas primeiras décadas do século XIX, aos dias atuais.

Embora estejamos partindo da análise da forma urbana²¹, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos adotados nessa pesquisa, sabemos que essa categoria, isoladamente, se revela insuficiente para a análise espacial. Assumindo a cidade como produto socialmente produzido, temos que a forma urbana resulta de uma complexidade de relações e contradições que regem a sociedade, constituindo-se assim, numa primeira aproximação de dada realidade socioespacial. Desvinculada da função e da estrutura social em que se insere a forma urbana, por si só, constitui-se uma abstração da realidade. (SANTOS, 2005)

A análise processual, que pressupõe a dialética tempo/espaço, assume papel de destaque nesse capítulo, evidenciando a necessidade de uma periodização voltada à escala intra-urbana, que implica o reconhecimento das variáveis características a cada período. Definimos os períodos a partir da identificação dos momentos de ruptura nas lógicas dominantes de produção e expansão da cidade, ocasionados pela emergência de novas determinantes que vão caracterizar o período seguinte.

Nesse sentido, identificamos três grandes períodos relativos à estruturação urbana de Passo Fundo: o primeiro se inicia em 1827, início da ocupação urbana, e se estende até o final do século XIX, caracterizado pela expansão paulatina da ocupação ao longo da Estrada das Tropas; o segundo período se inicia com a passagem da ferrovia por Passo Fundo, em 1898, e se estende até a metade do século XX, caracterizado pela emergência da ferrovia como um novo vetor de expansão urbana, pela formação do centro nas imediações da estação férrea e dos primeiros bairros no entorno do centro; o último período tem início na década de 1950 e é caracterizado pela expansão horizontal da cidade, através da implantação de loteamentos periféricos, e também pela verticalização da área central, sobretudo a partir da década de 1970. Embora se trate de uma periodização intra-urbana, ressaltamos que os momentos identificados como rupturas derivam de acontecimentos associados a processos econômicos estruturados em outras escalas, sendo os dois primeiros relacionados ao traçado de rotas comerciais regionais (a Estrada das Tropas e a ferrovia) e o último à intensificação do processo de urbanização da região de Passo Fundo após 1950, que em última análise determinou o crescimento horizontal da cidade. A partir dessa periodização, esperamos oferecer ao leitor uma visão de conjunto do processo de estruturação urbana de Passo Fundo, em que destacamos períodos, lógicas e agentes fundamentais. Nos capítulos seguintes, IV, V e VI, aprofundaremos a análise aqui apresentada, a partir da abordagem

²¹ A análise da forma urbana e das direções da expansão da malha se apóia numa série de mapas históricos e levantamentos aerofotográficos que nos permitem observar a cidade, ou os limites da ocupação urbana, em diferentes momentos. Entre o material consultado estão: a planta da freguesia de Passo Fundo, de 1853, elaborada por Antônio Trolla; o mapa de 1918, elaborado por Renato Sá Britto; o mapa de 1922, elaborado por Arthur Souto Ribeiro; o mapa de 1953, que consta no Plano Diretor de 1953; o mapa de 1979, que consta no Plano Diretor de 1979; a foto aérea de 1984; a planta de zoneamento atualizada de 2011, que consta no II PDDI (2006); e a foto aérea Google Earth, de 2007; além dos mapeamentos apresentados na obra “Passo Fundo: presentes da memória” (MIRANDA, MACHADO, 2005)

articulada dos elementos principais da estrutura intra-urbana: o centro, as áreas industriais e as áreas residenciais. (VILLAÇA, 2001)

3.1. A OCUPAÇÃO INICIAL: 1827 – FINAL DO SÉCULO XIX

A planta de 1853 (mapa 9, p.61) é o primeiro registro gráfico da aglomeração urbana da então freguesia de Passo Fundo, quatro anos antes de ser elevada à categoria de cidade, a partir do desmembramento do município de Cruz Alta, em 1857. A planta representa uma série de edificações²² agrupadas em quarteirões de formatos irregulares, tendo como eixo estruturador a antiga Estrada das Tropas²³.

MAPA 9 – PLANTA DA FREGUESIA DE PASSO FUNDO (1853)

FONTE: GOSH (2002)

A sobreposição da planta de 1853 à planta atual da cidade (mapa 10, p.62) revela um agrupamento edificações ao longo da Estrada das Tropas entre às atuais Rua dos Andradas (oeste) e Rua XV de Novembro (leste), havendo algumas edificações dispersas a leste do aglomerado, com destaque a primeira capela do povoado (1835) e ao cemitério.

²² Segundo Miranda e Machado (2005, p. 25), a planta de 1853 registra 36 construções em pedra e 20 ranchos. A população do povoado seria de aproximadamente 370 habitantes.

²³ Conforme vimos no capítulo I, a Estrada das Tropas ou Caminho das Tropas promoveu o surgimento de inúmeros povoados que posteriormente se tornariam cidades, a exemplo de Passo Fundo.

MAPA 10

A localização do casario a oeste da capela, na direção do Boqueirão, é justificada por Miranda e Machado (2005, p.26) a partir de três argumentos: a proximidade de água (Arroio do Chafariz), a topografia plana da área (Boqueirão) que se estendia a oeste, e a segurança do povoado frente às invasões indígenas. Sobre esse último ponto os autores justificam, a partir de Oliveira (1990), que a presença de mata nativa ao sul e ao norte contribuiu para que a ocupação se estruturasse ao longo da estrada, no sentido leste oeste, amenizando assim o perigo das invasões indígenas.

Dessa maneira, as primeiras condicionantes à localização do povoado estão relacionadas primeiramente ao traçado da Estrada das Tropas, caminho regional responsável pela estruturação do povoado, tanto do ponto de vista econômico (rota do comércio), como espacial; mas também às determinantes físicas, como disponibilidade de água e topografia plana, condições que definiram que a ocupação se voltasse inicialmente a oeste, no sentido Boqueirão.

Até o final do século XIX, a expansão urbana se deu lentamente em torno da Rua do Comércio²⁴, preferencialmente na direção oeste, sentido Boqueirão (mapa 11, p.63). Nesse período, o crescimento do povoado nas outras direções foi pouco significativo: ao norte a ocupação avançou até as atuais ruas

²⁴ O trecho urbano da Estrada das Tropas foi denominado Rua do Comércio, em 1858 (Sessão da Câmara, de 26 de maio), passando a ser chamado de Avenida Brasil, a partir de 1913 (Ato nº 203, de 13 de dezembro). (MIRANDA; MACHADO, 2005, p.71)

Paissandú e Uruguai; ao sul até a atual Rua Moron; a leste, a capela ainda não havia sido efetivamente incorporada ao núcleo urbano. Nesse momento, a população era de aproximadamente 3000 habitantes. (MIRANDA; MACHADO, 2005, p.37)

MAPA 11

3.2. FORMAÇÃO DO CENTRO E DOS PRIMEIROS BAIRROS RESIDENCIAIS: 1898 – 1950

Entre o final do século XIX e a metade do XX ocorreu a formação do centro e dos primeiros bairros residenciais de Passo Fundo, caracterizando uma ocupação relativamente compacta. O ano de 1898 é entendido como um momento de ruptura com o período anterior porque corresponde à implantação de um novo vetor de expansão urbana, a ferrovia. A partir da década de 1890 a direção predominante da expansão urbana se inverte de oeste (sentido Boqueirão) para sudeste, no entorno da estação ferroviária (mapa 12, p.64).

EQUIPAMENTOS

1. PRAÇA BOA VISTA (DECADA DE 1880) - ATUAL INSTITUTO EDUCACIONAL
2. PRAÇA TAMANDARÉ (DECADA DE 1880)
3. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (1898)

MAPA 12

O antigo centro, que se desenvolvia ao longo da Rua do Comércio, se deslocou para o sul, nas proximidades da estação ferroviária, onde já existia a capela, e se desenvolveu junto à Praça Marechal Floriano (conforme veremos no capítulo IV). O traçado da ferrovia também definiu a localização de inúmeros estabelecimentos industriais e comerciais (serrarias, madeireiras, depósitos, hotéis de viajantes, etc.). Gosh observa que

“a região periférica à estação ferroviária passou a concentrar praticamente toda a atividade urbana – serviços, comércio e lazer – e fez surgir um novo pólo de atração entre ela e a Rua do Comércio (atual avenida Brasil), dinamizado pela igreja matriz. A estação ferroviária deslocou o antigo centro, que se desenvolvia ao longo do caminho de tropas, para o entorno da atual praça Marechal Floriano onde se desenvolveu o centro comercial e financeiro da cidade. Essa inversão na estrutura da urbanização da cidade valorizou a área próxima à estação férrea e proporcionou o surgimento de bairros residenciais de classe operária que passaram a se desenvolver no seu entorno.” (2005, p.77)

A configuração do centro no entorno da estação ferroviária não descaracterizou, no entanto, a importância da então Rua do Comércio como principal eixo estruturador da ocupação. Embora o núcleo urbano inicial tenha se estabelecido no Boqueirão, em função da proximidade da água e do perigo das invasões indígenas, no início do século XX esses fatores já não limitavam a expansão a leste, tanto que em 1902 iniciaram-se as obras de urbanização da Rua do Comércio, sentido Rio Passo Fundo, acompanhadas pela implantação da Praça da República (atual Ernesto Tocchetto), em 1913, e pela construção Hospital de Caridade (atual Hospital da Cidade – HC), em 1914.

Em 1918, a cidade seguindo o eixo da Rua do Comércio, que a partir de 1913 passa a ser denominada Avenida Brasil, atinge o Rio Passo Fundo. A ocupação urbana avança também em outras direções, ao norte da Avenida Brasil, em torno dos então recém inaugurados Hospital de Caridade (1914) e Hospital São Vicente de Paulo (1918). A ocupação também se estende ao sul da Avenida Brasil, a sudoeste da Estação Ferroviária, além de um pequeno avanço na direção do Boqueirão, a oeste (mapa 13, p.65).

EQUIPAMENTOS

1. PRAÇA MARECHAL FLORIANO (1913)
2. PRAÇA GENERAL DEODORO (...) - ATUAL COLÉGIO NOTRE DAME
3. PRAÇA DA REPÚBLICA (1913) - ATUAL PRAÇA ERNESTO TOCCHETTO
4. PRAÇA HOSPITAL DE CARIDADE (DÉCADA DE 1910) - ATUAL PRAÇA ANTONINO XAVIER
5. HOSPITAL DE CARIDADE (1914) - ATUAL HOSPITAL DA CIDADE (HC)
6. HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO - HSPV (1918)
7. PAÇO MUNICIPAL - ANTIGA PREFEITURA (1916) - ATUAL MUSEU HISTÓRICO REGIONAL
8. CEMITÉRIO DA VERA CRUZ (1902)

MAPA 13

A planta urbana de 1918 (mapa 14, p.66), elaborada por Renato Sá Brito, demonstra uma ocupação ainda compacta, estruturada em torno da Avenida Brasil, atingindo a estação ferroviária ao sul, a Rua Lava Pés, ao norte; a Rua Castanho da Rocha, a oeste; e a leste, o Rio Passo Fundo.

MAPA 14: PLANTA DA CIDADE DE PASSO FUNDO (1918)

FONTE: GOSH (2002)

Em 1918, a cidade contava com sete praças, sendo que algumas não existem mais: Praça da Boa Vista (década de 1880), ocupada pelo Instituto Educacional, em 1920; Praça da República (1913), atual Praça Ernesto Tochetto, cuja metade sul foi ocupada pelo Colégio Protásio Alves (1929); Praça Marechal Deodoro, ocupada posteriormente pelo Colégio Notre Dame.

A planta de 1918 foi a base cartográfica utilizada pelo engenheiro sanitariano Saturnino de Brito realizar o primeiro plano urbano de Passo Fundo, o Plano de Saneamento de 1919. Além das técnicas discutidas à luz dos ideais higienistas do período, o plano traz algumas considerações interessantes sobre a estruturação da cidade, as quais reproduzimos aqui.

Em primeiro lugar, o engenheiro destaca o papel estruturador da Avenida Brasil:

“A cidade se desenvolve, presentemente, ao longo da avenida Brasil, na direção SO-NE, com cerca de 3km de extensão; as ruas transversais são de pequena extensão. [...] Indubitavelmente, mais tarde, cessará a passagem das tropas de animais pela avenida; o trânsito será mudado e então será oportuno dela fazer um logradouro agradável pelo aspecto estético, tirando-se partido dos acidentes em planta e em perfis, longitudinal e transversais; às vezes a diferença de nível é notável entre os dois lados da avenida, e ela pode ser convenientemente conservada no projeto de melhoramentos, formando-se duas vias, em altitudes diferentes, concordadas por uma taludamento gramado e arborizado.” (BRITO, 1943, p. 164)

Relativo à expansão urbana, Brito observa que a área entre a estação ferroviária (sul) e o Rio Passo Fundo (leste), por estar “sobre uma ponta de um contraforte, com uma sanga de cada lado” (1943, p.165) tem grande potencial de ocupação. No sul inclusive já existia na época o projeto do loteamento então denominado como “Villa F”, que posteriormente seria chamado de Vila Rodrigues. Na área livre entre a Villa F e o rio, Brito destaca que “existem terrenos onde se poderá formar com vantagens o *bairro industrial*, pois terá aí água em abundância e gratuitamente para todo o uso.” (1943, p. 165, grifo no original) Por outro lado, o engenheiro rejeita a ocupação a oeste da estação ferroviária, pois essa parte da cidade “descamba para duas vertentes; os seus despejos terão de ser elevados por bombas para terem o mesmo destino dos da primeira parte [a área a leste da estação ferroviária], a saber, a descarga no Passo-Fundo, após depuração.” (1943, p.165,166)

A planta de 1922 (mapa 15, p.67), por sua vez, embora represente o curto intervalo de tempo de quatro anos em relação ao mapa de 1918, demonstra uma expansão considerável da malha urbana de Passo Fundo, principalmente ao sul da Avenida Brasil, a partir da formação de novos bairros residenciais. Em 1922, a área urbana correspondia a 6.89 km².

MAPA 15: PLANTA DA CIDADE DE PASSO FUNDO (1922)

FONTE: GOSH (2002)

Nesse momento, o traçado da ferrovia e a localização da estação ferroviária, que há duas décadas havia propiciado a conformação do centro da cidade em suas imediações, influenciaram também a implantação de um bairro operário a sudeste da estação, a Vila Rodrigues (1922-1928). A ferrovia promoveu também a instalação de armazéns e madeireiras ao longo do seu traçado, inclusive na área

urbana, sendo um eixo dinamizador da urbanização e uma determinante fundamental à localização das indústrias no início do século XX, conforme discutiremos no capítulo V. Na porção sul da Avenida Brasil, além da Vila Rodrigues, a malha urbana se estende também na direção sudoeste, a partir da formação das Vilas Luiza e São João, entre 1918 e 1922 (MIRANDA; MACHADO, 2005, p.57), contrariando as restrições observadas por Saturnino de Brito, em 1919, pois “essa parte da cidade ‘descamba para duas vertentes’”, dificultando assim a coleta de esgoto. A topografia desfavorável e a presença de cursos d’água não impediram, no entanto, a ocupação da área.

Na porção norte da Avenida Brasil, às margens da Rua Teixeira Soares²⁵, futuro eixo indutor da expansão urbana na direção norte, é implantado o Quartel do Exército, construído entre 1922 e 1926.

A planta de 1922 revela ainda que no limite da ocupação urbana havia grandes glebas vazias de propriedade de famílias locais: a nordeste da Avenida Brasil havia terras de propriedade de Nicolau de Araújo Vergueiro; a noroeste, terras de José da Silva Loureiro; ao sul da estação ferroviária, terras de Lucas Araújo; e finalmente, a leste da recém criada Vila Rodrigues, havia ainda uma grande área de propriedade de Ângelo Pretto e João Lângaro. Essas glebas, nas décadas seguintes, foram todas loteadas originando, respectivamente, as Vilas Vergueiro, Vera Cruz, Lucas Araújo, e a leste as Vilas Popular e João Lângaro. Esses bairros, então arrabaldes da cidade nas primeiras décadas do século XX, atualmente são considerados bairros centrais, altamente valorizados, conforme abordaremos no capítulo VI.

No início da década de 1950, mais de 30 anos depois da elaboração do Plano de Saneamento de Saturnino de Brito, Passo Fundo ganha o seu primeiro plano diretor²⁶, que segundo Gosh (2002) representa a consolidação regional de Passo Fundo, conferindo certo grau de importância ao município.

O Plano Diretor de 1953, além de diretrizes de zoneamento, propõe a implantação de grandes equipamentos urbanos como centro cívico, estádio e mercado municipal. Sua repercussão espacial é praticamente nula na cidade, se limitando assim a um registro histórico daquele período, à medida que apresenta uma consistente análise da cidade, destacando aspectos relativos à expansão urbana através de mapas temáticos, dos quais nos apropriamos para a definição dessa periodização.

A simples observação do traçado viário do mapa base do plano de 1953 nos permite identificar que entre 1922 e 1953, a expansão urbana se deu em todas as direções, com destaque a formação de novos bairros ao norte da Avenida Brasil, Vila Vergueiro (década de 1940), Vila Vera Cruz (década de 1950) e Vila Santa Terezinha²⁷ (década de 1930); a sudoeste, vilas Cruzeiro (década de 1920) e Santa Maria (década de 1930); a sudoeste, vizinha à Vila Luiza, a Vila São João (década de 1930); e finalmente a Vila Petrópolis, na porção leste da cidade, às margens da Avenida Brasil. Parte da Vila Petrópolis foi loteada em 1928, no entanto sua ocupação efetiva se iniciou na década de 1950 (mapa 16, p.69).

Nesse período, a cidade quase não se expandiu para oeste, confirmando a tendência de expansão a leste, acompanhada também pelo surgimento de novos bairros a norte e sul. Segundo Gosh (2002, p. 97), o crescimento da cidade para o leste, na direção do Rio Passo Fundo, foi determinado pela consolidação da estrada que liga Passo Fundo à Lagoa Vermelha e Vacaria (BR-285), reafirmando o acesso rodoviário sentido São Paulo e Rio de Janeiro, e também significando uma alternativa de acesso a Porto Alegre.

²⁵ Então denominada “Alameda dos Eucalyptos”.

²⁶ Elaborado em 1953 por uma equipe de arquitetos e urbanistas, entre eles Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Eduardo Paiva²⁶ e Francisco Macedo e sancionado em 1957, pela Lei Nº 744, de 12 de junho.

²⁷ Denominada posteriormente de Vila Fátima, conforme Lei 1088, de 1º de junho de 1964.

MAPA 16

Assim, se a Petrópolis reforçou o principal eixo de expansão urbana (Avenida Brasil) no sentido leste, a Vila Cruzeiro e a Vila Vera Cruz denunciavam a configuração de outros dois importantes eixos de expansão, um no sentido sudeste – Avenida Presidente Vargas (então Avenida Progresso), e outro no sentido norte - Rua Teixeira Soares/Avenida Rio Grande. Esses caminhos viabilizaram a ocupação das porções norte e sul da cidade e até hoje, juntamente à Avenida Brasil, constituem as três vias intra-urbanas mais importantes de Passo Fundo.

O crescimento na direção sudeste, no eixo da atual Avenida Presidente Vargas, é justificado por Gosh (2002) como resultado das boas condições técnicas da estrada que conectava Passo Fundo à rodovia de acesso à capital do estado (RS-324), passando por colônias agrícolas prósperas, a exemplo de Marau, que se desmembraria dos municípios de Passo Fundo e Guaporé em 1954. Já a via de acesso noroeste (sentido Nonoai e Pontão) que originou o traçado da atual Avenida Rio Grande, segundo o plano de

1953, teria importância secundária, uma vez que os depósitos e serrarias ali existentes passaram a se concentrar principalmente na porção sul da estação ferroviária, assumindo a atual Avenida Presidente Vargas como caminho rodoviário principal para o escoamento da produção em direção a Porto Alegre.

Nesse sentido, até a metade do século XX, o crescimento da cidade se deu principalmente ao longo de caminhos regionais, caracterizados como eixos indutores da urbanização e definidores das direções preferenciais do crescimento da cidade. No entanto, nas décadas seguintes, a cidade de Passo Fundo passa a crescer a ritmos muito mais acelerados que nos permitem definir a emergência de um novo período, cujas especificidades discutiremos a seguir.

3.3. EXPANSÃO PERIFÉRICA E VERTICALIZAÇÃO DA ÁREA CENTRAL: PÓS 1950

A partir da década de 1950 o crescimento urbano de Passo Fundo se intensifica a partir da implantação de inúmeros loteamentos periféricos. Essa nova dinâmica, atrelada à produção privada da cidade, nos permite identificar a emergência de um novo período que se diferencia do precedente sobretudo pela intensidade dos processos identificados. Em paralelo à expansão periférica da cidade, a partir da década de 1970, ocorre também a verticalização da área central, que definimos como um processo de mesma natureza da periferização, pois os dois, em última análise refletem as lógicas de produção da cidade capitalista, em que a terra urbana é assumida definitivamente como mercadoria, sendo no primeiro caso destinada à população de baixa renda que vai ocupar a periferia e, no segundo caso, às classes de média e alta renda, que embora já ocupassem o centro da cidade, passam a residir também em edifícios de apartamentos. Isso não quer dizer que nas primeiras décadas do século não houvesse um mercado de terras estruturado a partir de interesses econômicos privados, no entanto, a partir de 1950 essa lógica de produção da cidade se intensifica, caracterizando a emergência de um novo período.

Defendemos que esses dois processos simultâneos, relacionados à formação de uma periferia carente em contraposição à consolidação do centro rico, definem os traços fundamentais do crescimento urbano de Passo Fundo das últimas seis décadas, e explicam, em última análise sua estrutura territorial, que caracteriza a emergência de um típico modelo de segregação centro-periferia. Nesse sentido, consideramos que todas as tentativas de “ordenamento urbano” empreendidas pelo poder público, traduzidas em políticas públicas, planos urbanísticos e investimentos em infra-estrutura e/ou equipamentos urbanos, assim como os investimentos privados associados ao capital fundiário e imobiliário reforçaram essa lógica desigual de produção da cidade.

O mapa 17 (p.72) mostra que a partir de 1950, ainda que os principais eixos viários se conservem como elementos estruturadores da ocupação, a cidade cresce em todas as direções indiscriminadamente, sendo a disponibilidade de áreas urbanas livres, ou de terras rurais passíveis de urbanização, fatores determinantes à implantação de novos loteamentos, localizados inclusive em áreas impróprias à ocupação, às margens de córregos e do Rio Passo Fundo.

Em paralelo ocorre uma série de investimentos relacionados à implantação de grandes equipamentos e infra-estrutura viária que condicionam ou induzem a expansão urbana, atuando como elementos estruturadores. Nesse sentido, associamos, por exemplo, a expansão nordeste à implantação da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Bairro São José, na década de 1970; e a urbanização da porção sudeste da cidade, nos bairros São Cristóvão e Planaltina, à implantação de indústrias entre as décadas de 1950 e 1970.

No entanto, as localizações das infra-estruturas (viárias, de saneamento, etc.), assim como dos equipamentos urbanos na cidade, ou seja, estão subjugadas às articulações estabelecidas entre os elementos principais da estrutura urbana: o centro, as áreas residenciais e as áreas industriais. (Villaça, 2001) No caso de Passo Fundo, acreditamos que especialmente a partir de 1950 têm maior peso na estruturação intra-urbana as articulações estabelecidas entre o centro e as áreas residenciais, a indústria, assim como outros elementos relacionados ao meio físico, por exemplo, tem menor importância estruturadora, daí a necessidade de enfatizarmos as articulações centro-periferia como uma questão central pós-1950.

Vejamos a seguir, algumas especificidades relativas ao processo de formação da periferia urbana, em paralelo à verticalização do centro.

PASSO FUNDO EXPANSÃO URBANA (1953 - 2011)

■ URBANIZAÇÃO ATÉ 1953
 — PERÍMETRO URBANO
 — VIAS ESTRUTURAIS
 — FERROVIA — FERROVIA (ATÉ 1982)

0 500 1500 2500m
 FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
 DADOS: PLANO DIRETOR DE 1953; PDI (1979); II PDI (2006)
 FOTO AÉREA (1984); FOTO AÉREA GOOGLE EARTH (2007)

EQUIPAMENTOS

1. PREFEITURA MUNICIPAL (1976)
2. TERMINAL RODOVIÁRIO (1975)
3. UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - UPF (1973)
4. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (1982)
5. PARQUE DA GARE (1982)

CONJUNTOS HABITACIONAIS

6. EDMUNDO TREIN - COHAB I (1979)
7. LUIZ SECCHI - COHAB II (1983)
8. JOSÉ ALEXANDRE ZACCHIA - PROMORAR (1984)

MAPA 17

De acordo com a planta de loteamentos, cedida pela SEPLAN da PMPF, Passo Fundo contava, em maio de 2010, com 127 loteamentos²⁸. Desses, quase 80 % (101 loteamentos) foram abertos a partir de 1950 (mapa 18, p.74). Associamos o crescimento horizontal da mancha urbana às expressivas taxas de urbanização, uma vez que a população urbana aumentou quase seis vezes nesse período, passando de 32.229 para 184.869 habitantes. Conforme discutimos na primeira parte do trabalho, por um lado as elevadas taxas de urbanização deflagradas nesse período estão relacionadas diretamente ao êxodo rural, resultado da reestruturação produtiva da agricultura regional, que ocasionou, em última análise, a expulsão de um grande contingente de trabalhadores do campo que buscaram na cidade novos meios de sobrevivência; no entanto, por outro lado expressam a consolidação de Passo Fundo como centro regional, cuja oferta de empregos, de serviços e de bens de consumo constituem-se atrativos à fixação de novos moradores, oriundos de cidades menos desenvolvidas ou mesmo do campo.

O grande incremento populacional promoveu uma série de novas demandas urbanas, que classificariamos como socioespaciais, uma vez que estão relacionadas à inserção social e material dessa população na cidade. Ressaltamos a demanda por habitação como a mais pungente, por caracterizar-se como um bem material imprescindível, mas também como o símbolo maior de cidadania, de dignidade e pertencimento social. Diante das novas demandas por habitação, o mercado, representado pelos proprietários fundiários e promotores imobiliários, intensificou sobremaneira sua atuação na produção privada de loteamentos periféricos, agora claramente destinados às camadas de baixa renda, sendo boa parte desses loteamentos comercializada sem condições básicas de infra-estrutura e acessibilidade. O poder público, por sua vez, se por um lado admitiu a produção da periferia carente, aprovando esses loteamentos, por outro lado buscou por meio de políticas públicas intervir nesse processo, promovendo habitação de interesse social. A partir de 1960 foram implementados diversos programas habitacionais pelo Estado, na figura institucional da COHAB-RS e da própria PMPF, tendo sido produzidos vários conjuntos habitacionais, entre os quais destacariamos entre os maiores, os conjuntos Edmundo Trein – COHAB I (1979), Luiz Secchi – COHAB II (1983) e José Alexandre Zacchia (1984), os três construídos pela COHAB-RS. No entanto, embora tenha havido um enfrentamento da questão habitacional pelo Estado, do ponto de vista locacional a atuação pública no provimento de habitação social tem reproduzido e reforçado o modelo de segregação centro-periferia. Aprofundaremos essa discussão no capítulo VI.

²⁸ Acrescentamos à planta de loteamentos da PMPF o Loteamento Cidade Nova, atualmente em fase de comercialização dos lotes. Abordaremos a implantação desse loteamento no Capítulo VII.

PASSO FUNDO IMPLANTAÇÃO DE LOTEAMENTOS

1. VILA INDUSTRIAL	35. VILA ARMANDO ANNES	67. VILA GRAEFF	99. LOT. PQ DOM RODOLFO
2. LOT. PIO XII	36. VILA PETRÓPOLIS	68. PARQUE DOS COMERCIÁRIOS	100. LOT. DOM FELIPE
3. VILA VERA CRUZ	37. VILA ENTRE RIOS	69. LOT. SÃO JOÃO DA ESCÓCIA	101. LOT. SÃO BENTO
4. VILA 1º CENTENÁRIO	38. VILA FERROVIÁRIOS	70. VILA AMBROZINA	102. LOT. PROF. SHISLER
5. VILA DONA ELIZA	39. VILA ALICE	71. VILA FÁTIMA	103. LOT. MORADA DO SOL
6. VILA SANTA TEREZINHA	40. LOT. NOVA ESTAÇÃO	72. LOT. ÍTALO BENEGRNÚ	104. LOT. JARDIM AMÉRICA
7. VILA NICOLAU VERGUEIRO	41. VILA ISABEL	73. PARQUE BELA VISTA	105. LOT. SGRABI
8. VILA LAGOA DO POTREIRO	42. CHÁCARA BELA VISTA	74. LOT. M. EDU REIS E L. CASSAROS	106. LOT. ATEL - COSTA VERDE
9. VILA POLIDORO ALBUQUERQUE	43. LOT. PARQUE FARROUPILHA	75. LOT. WOLMAR SALTON	107. LOT. INVERNADINHA
10. LOT. NONOAI	44. BAIRRO SÃO JOSÉ	76. LOT. CÉSAR SANTOS	108. VILA MATTOS
11. VILA DR. GALVES	45. LOT. VICTOR ISSLER	77. NÚCLEO HAB. LUIS SECCHI	109. MORADA ALÉM DO HORIZONTE
12. VILA OPERÁRIA	46. BAIRRO LUIZ GONZAGA	78. LOT. PEDRO CERATTI	110. LOT. ASSOC. ATL. BANCO DO BRASIL
13. VILA INDEPENDENTE	47. VILA GRACIOSA	79. LOT. PLANALTO	111. LOT. JOSÉ ALEXANDRE ZACCHIA
14. VILA LUIZA	48. LOT. SÃO CRISTÓVÃO	80. LOT. NOSSA SENHORA DA SAÚDE	112. LOT. MORADA DA COLINA
15. VILA JARDIM	49. LOT. ESCOLA RURAL	81. LOT. IMOBILIÁRIA CHARRUA	113. LOT. CIDADE UNIVERSITÁRIA
16. VILA TUPINAMBÁ	50. VILA PLANALTINA	82. LOT. BOQUEIRÃO	114. LOT. MANOEL DA SILVA CORRALO
17. VILA REIS	51. VILA SIMON	83. VILA BERTHIER	115. DISTRITO INDUSTRIAL VALINHOS
18. VILA SCHEL	52. VILA CARMEN	84. LOT. SAGRADA FAMÍLIA II	116. LOT. MENINO JESUS
19. VILA LUCAS ARAÚJO	53. VILA GUILHERME MORSCH	85. LOT. JOÃO LÂNGARO	117. LOT. LEONARDO ILHA
20. VILA IVO FERREIRA	54. VILA SÃO JOÃO	86. LOT. MORENO A. SANTOS	118. LOT. GARDEN
21. VILA EXPOSIÇÃO	54A. VILA SÃO JOÃO	87. BAIRRO IRMÃOS REBECHI	119. LOT. PAMPA
22. LOT. STO ANTONIO	55. VILA BOA VISTA	88. VILA FEROLDI	120. LOT. SÃO CRISTÓVÃO II
23. BAIRRO COPACABANA	56. LOT. FORÇA E LUZ	89. LOT. PARQUE TURÍSTICO	121. LOT. VIA SUL
24. LOT. MAUÁ	57. VILA 20 DE SETEMBRO	90. LOT. JABOTICABAL	122. LOT. IPANEMA
25. VILA ESPLANADA	58. VILA SANTA MARTA	91. LOT. PARQUE DO SOL	123. LOT. CEL. MASSOT
26. BAIRRO RICCI	59. VILA DONÁRIA	92. NÚCLEO HAB. EDMUNDO TREIN	124. LOT. SANTO AFONSO
27. VILA LEOPOLDINA	60. VILA NOSSA SENHORA APARECIDA	93. LOT. PARQUE LEÃO XIII	125. LOT. BOM JESUS
28. LOT. SÃO LUIZ	61. VILA GERÔNIMO COELHO	94. LOT. NENE GRAEFF	126. LOT. HÍPICA
29. VILA Z. DE COSTI	62. BAIRRO RECREIO	95. LOT. MAGI	127. LOT. VILA NOVA
30. VILA REINALDO PATUSSI	63. VILA XANGRILÁ	96. LOT. SANTA RITA	128. LOT. CIDADE NOVA
31. VILA SANTA MARIA	64. VILA SÃO MIGUEL	97. LOT. JARDIM ANDRÉ REBECHI	
32. VILA CRUZEIRO	65. VILA DONA JÚLIA	98. LOT. SÃO GERALDO	
33. VILA RODRIGUES	66. VILA AGOSTINHO CARRÃO		
34. VILA POPULAR			

MAPA 18

Em paralelo à formação da periferia urbana, a verticalização da área central se inicia timidamente já na década de 1960, e se intensifica a partir do final da década de 1970, promovendo o adensamento e valorização fundiária e imobiliária do centro. Além disso, a verticalização significou também o fortalecimento do valor simbólico do centro, tanto por traduzir um ideário de progresso e modernização calcado na renovação das formas, expressas pela construção de edifícios de apartamentos, como também por concentrar os locais de moradia das classes de média e alta renda, que incorporam sem restrições um novo estilo de morar e permanecem vivendo no centro da cidade.

MAPA 19

No processo de verticalização da área central, novamente mercado e Estado atuam de forma complementar, sendo a atuação do mercado é legitimada pelo Estado através do segundo plano diretor de Passo Fundo, o II PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo), elaborado em 1979 e aprovado em 1984.

Para Gosch (2002), um dos objetivos do plano era associar a imagem de Passo Fundo, a partir verticalização do centro, a um pólo-regional dinâmico, centro econômico e cultural. Para tanto, o zoneamento urbano expresso no II PDDU estabeleceu altos índices de aproveitamento dos lotes na área central, permitindo assim o adensamento, a verticalização e a consequente valorização e especulação excessivas do solo na área central. Duas décadas depois, O PDDI (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado), em vigor desde 2006, reproduz diretrizes semelhantes às expressas no II PDDU, à medida que mantém os maiores coeficientes de aproveitamento na área central e em seu entorno imediato (mapa 20, p.78).

Ressaltamos que por trás do discurso que envolve os planos urbanos e versa sobre o bem comum há interesses privados, geralmente econômicos, que norteiam sua elaboração. Esses interesses estão vinculados à produção capitalista da cidade, e geralmente são determinados pelos grupos dominantes que detêm o poder político e econômico. Villaça (2005), ao analisar o processo de elaboração do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, elaborado em 2002, demonstra claramente a atuação dos grupos dominantes e as pressões que exercem sobre o poder público especialmente na definição do zoneamento urbano e dos índices urbanísticos nas áreas de seu interesse. Nesse sentido, no caso de Passo Fundo, os altos coeficientes de aproveitamento para a área central, definidos no II PDDU (1984), e reproduzidos no PDDI (2006) simplesmente legitimam a atuação do setor imobiliário na área mais valorizada da cidade, o centro.

A título de comparação avançamos numa pequena síntese dos zoneamentos previstos nos planos de 1984 e 2006. No II PDDU, os lotes passíveis de verticalização estão delimitados em zonas comerciais, as ZCs 1, 2, 3 e 4, que correspondem respectivamente ao centro da cidade e aos eixos das principais avenidas (Brasil, Presidente Vargas, Sete de Setembro e Rio Grande). Se considerarmos os índices urbanísticos, a ZC 1 é a zona onde se permite os maiores índices de aproveitamento (IA)²⁹, entre 6 e 7 vezes a área do lote. Nas ZC-2, ZC-3 e ZC-4 o IA corresponde respectivamente a 4, 3 e 2, denotando uma gradação decrescente do centro pra os bairros, seguindo o eixo das principais avenidas. A taxa de ocupação do lote (TO) em todas as zonas comerciais varia entre 60 e 66%. Chama atenção no zoneamento de 1984, a grande área passível de verticalização ao longo da Avenida Brasil, do Boqueirão à Petrópolis.

Já no PDDI (2006) as quatro zonas que identificamos como passíveis de verticalização, caracterizadas pelos maiores coeficientes de aproveitamento (CA), são definidas como áreas adensáveis, são elas: ZOI-1 (Zona de Ocupação Intensiva 1); ZOI-2 (Zona de Ocupação Intensiva 2); ZT (Zona de Transição) e EI (Eixo Indutor). No PDDI o centro é classificado como ZOI-1³⁰, que corresponde a uma área próxima àquela delimitada como ZC1, do II PDDU, e corresponde a zona com maior coeficiente de aproveitamento previsto no plano, equivalente a quatro vezes a área do lote. Os bairros no entorno imediato ao centro (Vila Rodrigues, Vila Annes, partes do Boqueirão e da Vera Cruz; parte da Vila

²⁹ O IA e o CA, expressos respectivamente no II PDDU e no PDDI tem o mesmo significado.

³⁰ Delimitada pelas ruas Fagundes dos Reis, General Canabarro, Paissandú, e pela Avenida Sete de Setembro.

Cruzeiro; etc.) são classificados como ZOI-2 (CA=3.6), assim como toda a extensão da Avenida Brasil, e trechos das Avenidas Presidente Vargas e Rio Grande. Áreas um pouco mais periféricas, como trechos das vilas Fátima, São Cristóvão e Petrópolis, assim como as extremidades das avenidas Presidente Vargas e Rio Grande são caracterizadas como Zonas de Transição, admitindo coeficiente de aproveitamento de 2.8. O PDDI classifica algumas vias como Eixos Indutores, passíveis de verticalização (IA: 1.8)

Comparando os zoneamentos de 1984 e 2006, percebemos que embora mantenha a mesma diretriz de verticalização da área central, o PDDI amplia as áreas passíveis de verticalização para bairros no entorno da área central, e também permite a verticalização de algumas vias que estabelecem conexões inter-bairros, denominadas Eixos Indutores.

O tratamento dado ao eixo da Avenida Brasil é semelhante nos dois planos, que delimitam praticamente toda a extensão dessa avenida como áreas passíveis de verticalização, com IA=4 (II PDDU) e CA=3.6 (PDDI). Já a Avenida Presidente Vargas, outro importante eixo viário, passa a ser tratada da mesma forma que a Avenida Brasil em sua porção norte até a Avenida Aspirante Jenner, na Vila Santa Maria.

Assim, esperamos ter destacado aquelas que consideramos as determinantes principais à estruturação intra-urbana de Passo Fundo em cada período identificado. Nos capítulos que seguem, analisaremos os elementos principais da estrutura urbana, segundo Villaça (2011): o centro (capítulo IV), as áreas industriais (capítulo V), as áreas residenciais (capítulo VI), e por último aqueles que consideramos como novos vetores de expansão urbana (capítulo VII).

Antes de avançarmos, no entanto, apresentaremos a subdivisão oficial da cidade de Passo Fundo, instituída recentemente pela PMPF³¹, em 22 setores urbanos, que correspondem a um conjunto de vilas, bairros e loteamentos. Utilizaremos essa setorização nos capítulos seguintes para localizarmos determinado elemento em questão na cidade. No entanto, ressaltamos que os 22 setores urbanos não são reproduzidos na pesquisa como recortes analíticos espaciais. O mapa 21 (p.79) e a tabela 19 (p. 80) mostram as localizações dos setores urbanos e os classificam a partir de critérios demográficos.

³¹ De acordo com Lei Complementar nº 143, de 21 de junho de 2005. O IBGE, no censo 2010, classifica os 22 setores urbanos como subdistritos.

PASSO FUNDO
ÁREA PASSÍVEIS DE VERTICALIZAÇÃO
(II PDDU/PDDI)

PERÍMETRO URBANO
 VIAS ESTRUTURAIS
 FERROVIA

0 500 1500 3000m

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: ZONEAMENTO URBANO - II PDDU (1984) | PDDI (2006)

PASSO FUNDO
SETORES URBANOS (2005)

PERÍMETRO URBANO
VIAS ESTRUTURAIS
FERROVIA

0 500 1500 3000m

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: PMPF

MAPA 21

PASSO FUNDO: SETORES URBANOS						
SETOR	BAIRROS/VILAS/LOTEAMENTOS	POPULAÇÃO *		ÁREA **		DENSIDADE
		HAB.	%	KM²	%	HAB/KM²
1 - CENTRO	CENTRO E VILA VERGUEIRO	25314	14,10	3,21	4,01	7885,98
2 - BOQUEIRÃO	BAIRRO BOQUEIRÃO, VILA OPERÁRIA, VILA INDEPENDENTE, LOT. PAMPA, NH JOSÉ SECHI, NH EDMUNDO TREIN, VILA BERTHIER, MORADA DA COLINA, LOT. MENINO DEUS	19500	10,86	4,81	6,02	4054,05
3 - VERA CRUZ	BAIRRO VERA CRUZ, LOT. NONOAI, VILA DONA ELIZA, PQ. LEÃO XIII, SÃO BENTO, HÍPICA	19797	11,03	4,31	5,39	4593,27
4 - PETRÓPOLIS	BAIRRO PETRÓPOLIS, LOT. INVERNADINHA (DIST. INDUSTRIAL), LOT. CID. UNIVERSITÁRIA	12084	6,73	6,39	7,99	1891,08
5 - SÃO LUIZ GONZAGA	BAIRRO SÃO LUIZ GONZAGA, PARQUE FARROUPILHA, LOT. MANOEL CORRALO, LOT. NOVA ESTAÇÃO, VILA ENTRE RIOS, VILA FERROVIÁRIA, VILA ISABEL, PQ. BELA VISTA	10757	5,99	5,65	7,07	1903,89
6 - CRUZEIRO	VILA CRUZEIRO E VILA ALICE	2478	1,38	0,45	0,56	5506,67
7 - LUCAS ARAÚJO	BAIRRO LUCAS ARAÚJO, VILA SCHELL, VILA REIS, VILA SIMON, VILA CARMEM LOT. PARQUE DON RODOLFO	8532	4,75	3,99	4,99	2138,35
8 - SANTA MARTHA	BAIRRO SANTA MARTHA, BAIRRO N. 5ª APARECIDA, LOT. JD AMÉRICA, VILA DONÁRIA VILA 20 DE SETEMBRO, LOT. FORÇA E LUZ	5355	2,98	5,61	7,02	954,55
9 - INTEGRAÇÃO	BAIRRO PROF. SHISSLER, BAIRRO INTEGRAÇÃO, VILA XANGRI-LÁ, LOT. RECREIO, J. COELHO, LOT. BOQUEIRÃO, LOT. PQ. DO SOL OU VIAJANTES, LOT. MORADA DO SOL, VILA IPIRANGA	7829	4,36	4,56	5,70	1716,89
10 - VICTOR ISSLER	VILA VICTOR ISSLER	3806	2,12	1,97	2,46	1931,98
11 - SÃO JOSÉ	BAIRRO SÃO JOSÉ, LOT. LEONARDO ILHA I E II, LOT. DA BRIGADA MILITAR, CAMPUS UPF	8240	4,59	3,23	4,04	2551,08
12 - SÃO CRISTÓVÃO	BAIRRO SÃO CRISTÓVÃO, RICCI, J. ANDRÉ REBECHI, COPACABANA, LOT. CÉSAR SANTOS, LOT. SÃO CRISTÓVÃO II, LOT. VIA SUL, LOT. STO ANTÔNIO	11154	6,21	5,04	6,30	2213,10
13 - ROSELÂNDIA	BAIRRO SANTA RITA E COMPLEXO TURÍSTICO ROSELÂNDIA	1469	0,82	2,93	3,66	501,37
14 - VILLA MATTOS	LOT. MAGGI DE CÉSARO, VILA MATTOS, PARTE DO LOT. VIA SUL	1484	0,83	1,88	2,35	789,36
15 - FÁTIMA	VILA ANNES, VILA FÁTIMA, PARTE DA VILA DONA ELIZA, STA TEREZINHA	5875	3,27	1,24	1,55	4737,90
16 - JOSÉ A. ZACCHIA	BAIRRO JOSÉ A. ZACCHIA	3342	1,86	1,27	1,59	2631,50
17 - VALINHOS	BAIRRO VALINHOS, LOT. INDUSTRIAL E SÃO LUCAS, LOT. PIO II, PARQUE DOS COMERCIÁRIOS, DISTRITO INDUSTRIAL (VALINHOS)	4122	2,30	6,81	8,52	605,29
18 - LUIZA	VILA LUIZA, VILA TUPINAMBÁ, VILA JARDIM, VILA AMBROZINA VILA BOA VISTA, VILA GUILHERME MORCH, LOT. EDU REIS	7980	4,44	1,99	2,49	4010,05
19 - RODRIGUES	VILA RODRIGUES, VILA POPULAR	5195	2,89	1,11	1,39	4680,18
20 - SANTA MARIA	VILA SANTA MARIA, VILA SANTA MARIA, VILA REINALDO PATUSSI, VILA NOVA	4516	2,52	8,76	10,96	515,53
21 - PLANALTINA	REGIÃO DO BAIRRO PLANALTINA, VILA PLANALTINA VILA IVO FERREIRA BOM JESUS, LOT. ESCOLA RURAL, LOT. DOM FELIPE	6384	3,56	1,9	2,38	3360,00
22 - NENÊ GRAEFF	VILA NENÊ GRAEF, LOT. GARDEN, LOT. NENÊ GRAEFF	4335	2,41	2,85	3,56	1521,05
TOTAL		179.548		79,96		2245,47

TABELA 19

FONTE: PMPF / IBGE (CENSO 2010)

* CENSO 2010

**ÁREA APROXIMADA DOS SETORES, EXTRAÍDA DA BASE DWG, FORNECIDA PELA PMPF

CAPÍTULO IV

O CENTRO

Sposito (1997, p. 27) observa que a abordagem da centralidade urbana admite duas escalas territoriais distintas: a regional (da rede urbana) e a intra-urbana (da cidade). Na primeira parte dessa pesquisa abordamos a centralidade regional de Passo Fundo, contemplando sua importância na rede urbana gaúcha; nesse capítulo, procuramos “enfocar as diferentes formas de expressão dessa centralidade tomando como referência o território da cidade ou da aglomeração urbana, a partir de seu centro ou centros.”

Partimos da distinção conceitual entre os termos centro e centralidade, comumente empregados como sinônimos. Tourinho (2004, p.411) observa que a idéia de centralidade indica a

“aptidão que certos elementos urbanos têm para promover e impulsionar fluxos de intercâmbio de idéias, mercadorias e serviços. A centralidade se identifica [...] com uma parte específica e diferenciada da cidade que pode viabilizar e potencializar ditos fluxos de intercâmbio, seja este o Centro ou qualquer outro espaço com aquelas características que possa existir ou vir a existir na cidade.”

Assim, a centralidade não se constitui um atributo exclusivo do centro principal ou tradicional, podendo assumir diversas outras formas de expressão na cidade capitalista contemporânea, que se espacializam em subcentros de negócios, comércio e serviços, ou mesmo em grandes equipamentos de consumo coletivo, como os *shopping centers*.

A centralidade e o centro, no entanto, precisam ser entendidos como parte do processo de produção do espaço urbano, comandado por uma série de agentes sociais movidos por interesses diversos. Nesse sentido, Villaça (2001, p.238) desenvolve dois argumentos: primeiro, a natureza do centro urbano está associada à motivação das pessoas em se aglomerar em determinadas áreas da cidade, tendo em vista minimizar os desgastes com os deslocamentos espaciais necessários a sua sobrevivência material; segundo, a produção da centralidade é um processo dialético, pois toda a aglomeração (aproximação) gera também afastamento. “[...] Nenhuma área é (ou não é) centro; torna-se ou deixa de ser centro.”

No entanto, Villaça adverte que

“Só nos casos mais simples e elementares de aglomeração essa disputa se dá pela minimização dos tempos de deslocamento. À medida que a aglomeração e a sociedade se tornam complexas, é possível que famílias, grupos ou classes optem por aumentar os tempos de deslocamento – as classes que podem optar se deslocam para a periferia, por exemplo -, mas isso ocorre trocando-se aumento de tempo de deslocamento por alguma vantagem (um lote grande, por exemplo). **O que as classes sociais procuram – e do que a classe dominante não abre mão – é a possibilidade de controle do tempo de deslocamento, possibilidade de opção.**” (p.239, grifo nosso)

O controle ou a possibilidade de escolha do tempo de deslocamento numa sociedade de classes, mediada pelo poder político e econômico, está nas mãos da classe dominante. As classes dominantes elegem as localizações que lhe forem mais convenientes. Conforme afirma Villaça, no caso da proximidade do centro a variável tempo de deslocamento só teria papel determinante “nos casos mais

simples e elementares de aglomeração”, já em realidades mais complexas, a exemplo das metrópoles, cidades grandes e algumas cidades médias brasileiras, a disputa pelas localizações urbanas envolve uma série de outras variáveis.

Visando compreender as especificidades desse processo em Passo Fundo, estruturamos esse capítulo em três partes: primeiro, identificamos as expressões da centralidade intra-urbana, para em seguida analisarmos as duas principais manifestações dessa centralidade - o centro principal e os subcentros de bairros.

4.1. CENTRALIDADE EM PASSO FUNDO

Conforme mostra o mapa 22 (p.83), identificamos quatro formas de expressão da centralidade em Passo Fundo, que cumprem diferentes funções na estrutura urbana: o centro principal ou tradicional; uma área contínua a esse em que há concentração de serviços de saúde e caracterizamos como uma especialização do centro principal; quatro subcentros de bairros, associados aos principais eixos viários; e por fim grandes equipamentos de uso coletivo como a Universidade de Passo Fundo (UPF), o *Shopping Center Bella Città*, e o hipermercado *Zaffari Bourbon*. Entre os equipamentos, o *Shopping Bella Città*, devido a sua localização central, será tratado como parte do centro principal; já o Hipermercado *Bourbon*, localizado a leste do centro principal, às margens do Rio Passo Fundo (setor Petrópolis) evidencia a função dos principais eixos viários como estruturadores do comércio, que embora mais denso no centro, se dilui linearmente ao longo das avenidas Brasil, Presidente Vargas e Rio Grande; a UPF, por sua vez, situada na periferia urbana (setor São José), por promover deslocamentos cotidianos de milhares de pessoas, oriundas da cidade de Passo Fundo e de municípios da região, configura-se como um importante pólo-gerador de fluxos.

Ressaltamos que com exceção dos subcentros de bairros, que atendem ao conjunto de bairros de seu entorno imediato, as demais centralidades identificadas têm abrangência regional: o centro principal, pela oferta de comércio e serviços diversificados, com destaque aos estabelecimentos de saúde e ao *shopping center*; o Hipermercado *Bourbon*, pela abrangência regional; e a UPF, pela oferta de educação superior a Passo Fundo e diversas cidades da região.

Abordaremos o centro principal e os subcentros de bairros isoladamente, a fim de destacar suas especificidades e a forma como se articulam com os demais elementos da estrutura urbana.

4.2. O CENTRO PRINCIPAL

Na estrutura urbana o centro principal, também denominado centro tradicional, se sobrepõe a todas as outras expressões da centralidade, destacando-se por concentrar, de forma contínua, estabelecimentos comerciais e de serviços. O centro principal, além de constituir-se no principal destino dos deslocamentos intra-urbanos cotidianos, tanto em função da concentração de empregos terciários, como da oferta de comércio e serviços à população, possui grande valor simbólico perante a sociedade, sendo, em vários momentos, sua proximidade valorizada pelas elites. (VILLAÇA, 2011, p.249)

Nosso ponto de partida para análise do centro principal de Passo Fundo consiste numa delimitação geográfica do centro atual, aliada ao reconhecimento das funções urbanas e do valor simbólico que o centro exerce na cidade. A partir daí recuamos no tempo a fim de destacar períodos e acontecimentos relevantes na formação e expansão do centro. Identificamos um primeiro momento, que se estende até a década de 1950, como um período de formação e consolidação do centro, localizado entre a estação ferroviária e a Avenida Brasil, no entorno da Praça Marechal Floriano; num segundo momento, a partir dos anos de 1950, período em que se intensifica a expansão horizontal da cidade (conforme vimos no capítulo III), novos processos alteram sobretudo a configuração formal e funcional da área central, entre eles destacamos: a verticalização, que se inicia já na década de 1960, mas se intensifica a partir do final da década de 1970, legitimada pelo plano diretor de 1984; o surgimento de novas tipologias comerciais a partir da década de 1980, expressas inicialmente pelas galerias e depois pelo *shopping center*, na década de 1990; e por fim, a especialização dos serviços médicos na porção noroeste do centro principal, processo que se inicia também na década de 1970 e segue em curso atualmente.

4.2.1. DELIMITAÇÃO ATUAL DO CENTRO

Nossa delimitação do centro principal de Passo Fundo se baseia na definição de Villaça que considera como centro da cidade a área em que há concentração diversificada e contínua de comércio e serviços. A partir dessa definição e de observação empírica, reconhecemos como o centro principal de Passo Fundo o polígono conformado pelas ruas Fagundes dos Reis, General Canabarro, Sete de Setembro, Teixeira Soares, Marcelino Ramos e Avenida Brasil, Capitão Araújo e Uruguai (figura 1). Nesse polígono, destacam-se entre as principais referenciais da centralidade, a Praça Marechal Floriano, situada entre as ruas Bento Gonçalves, General Netto, Moron e Independência; a Catedral Nossa Senhora Aparecida, situada em frente à praça, na Rua General Netto; e, mais recentemente, o *Shopping Center Bella Città*, construído na esquina das avenidas Brasil e Sete de Setembro, uma das esquinas mais centrais da cidade. Ao noroeste do centro principal há uma grande concentração de serviços de saúde em torno do Hospital São Vicente de Paulo (HSPV), na Rua Teixeira Soares. Nessa área não há a mesma diversidade de comércio e serviços que existe no centro principal, no entanto, por estar contínua a este, a denominaremos como uma especialização do centro principal.

FIGURA 1 – PASSO FUNDO: CENTRO PRINCIPAL

FONTE: GOOGLE (2007)

A delimitação do centro principal que propomos aqui não corresponde aos limites do setor urbano 1 – Centro, uma vez que este abarca inclusive um bairro estritamente residencial, a Vila Vergueiro. A área aqui definida como centro principal se aproxima da Zona de Ocupação Intensiva 1 - ZOI-1, expressa no PDDI-2006 (mapa 21, p.79). Na ZOI-1 é permitida a maioria dos usos comerciais e os usos residenciais unifamiliar e multifamiliar vertical, conforme vimos no capítulo III.

Ressaltamos, no entanto, a dificuldade em definir limites precisos para o centro, principalmente ao longo da Avenida Brasil, nas direções leste e oeste. A Avenida Brasil tem uso comercial em praticamente toda a sua extensão, porém, consideramos que especialmente entre as ruas Marcelino Ramos (oeste) e Fagundes dos Reis (leste) há maior concentração e diversidade de comércio e serviços, o que nos permite classificar esse trecho da avenida como parte do centro principal.

Antes de investigarmos os processos específicos que influenciaram a configuração do centro de Passo Fundo, é possível afirmarmos com segurança que este permanece como o destino principal dos deslocamentos intra-urbanos, em função da oferta de comércio e serviços e da conseqüente concentração de empregos, que geram os deslocamentos cotidianos bairro-centro/centro-bairro. A implantação do *Shopping Bella Città*, assim como a concentração dos serviços de saúde na área central destacam a importância do centro tradicional, e ratificam, nas palavras de Sobarzo (2010), a “quase que monocentralidade” de Passo Fundo.

Embora não existam pesquisas de origem-destino, o mapa das linhas de ônibus da cidade (mapa 23, p.86) demonstra que todas as rotas (das três empresas que atendem a cidade) passam necessariamente pelo centro. Os trechos representados nas cores laranja e vermelho representam sobreposições de linhas de duas ou três empresas, respectivamente. As rotas têm como eixos estruturais as Avenidas Brasil, Presidente Vargas e Rio Grande. No centro da cidade, as ruas com maior fluxo de ônibus são: Bento Gonçalves, Sete de Setembro e Coronel Chicuta.

MAPA 23

Outro aspecto marcante, que extrapola o papel funcional do centro, e nos parece essencial à compreensão de sua inserção na estrutura urbana, diz respeito à permanência das camadas de alta renda vivendo no centro (conforme veremos no capítulo VI), permanência essa que garante a manutenção do prestígio social da área e sua conseqüente valorização imobiliária, expressa sobretudo pela verticalização.

4.2.2. FORMAÇÃO DO CENTRO

Conforme vimos no capítulo III, o centro de Passo Fundo se estruturou inicialmente ao longo da antiga Estrada das Tropas, atual Avenida Brasil. Em 1888, o incipiente centro urbano era composto por 22 estabelecimentos dedicados ao comércio de “fazendas, miudezas, roupas, calçados, drogas, louça, ferragens, secos e molhados e produtos da terra conjuntamente.” (OLIVERIA, 1990, p. 407)

FIGURA 2 – RUA DO COMÉRCIO (1874)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Já no final do século XIX, a passagem da linha férrea (Passo Fundo – Santa Maria) pela cidade e a conseqüente implantação da estação ferroviária (1898) constituiu-se um novo vetor de expansão urbana na direção sudeste, área então periférica à ocupação inicial do Boqueirão, ocasionando o deslocamento da centralidade para o entorno da estação.

“Se num primeiro momento o antigo caminho dos tropeiros paulistas foi a grande rota econômica, geradora da atividade urbana, num segundo, a ferrovia colaborou decisivamente para que a urbanização se desenvolvesse ao longo de seu percurso, aparecendo como novo fator de ordenamento urbano. (88) A região periférica à estação ferroviária passou a concentrar praticamente toda atividade urbana - serviços, comércio e lazer - e fez surgir um novo pólo de atração entre ela e a Rua do Comércio (atual avenida Brasil), dinamizado pela igreja Matriz, construída na colina onde atualmente se localiza a Catedral Nossa Senhora Aparecida. A estação ferroviária deslocou o antigo centro, que se desenvolvia ao longo do caminho das tropas, para o entorno da atual praça Marechal Floriano, onde se desenvolveu o centro comercial e financeiro da cidade.” (GOSH, 2002, p. 52,53)

Assim como a Avenida Brasil, a ferrovia caracterizou-se, desde sua implantação, como um eixo indutor da urbanização, no entanto, a construção da estação ferroviária, próxima a um local propício à ocupação urbana devido a sua topografia relativamente plana, foi o diferencial à configuração do centro em suas imediações. Podemos afirmar então que, no início do século XX, o centro da cidade de Passo Fundo se desenvolvia entre a estação ferroviária e a Avenida Brasil, sendo a Rua General Netto o principal eixo de conexão. As ruas Bento Gonçalves, Moron, Independência, Capitão Eleutério e General Canabarro também já se destacavam nesse momento.

FIGURA 3 – ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (1937)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

FIGURA 4 – RUA GENERAL NETTO (1928) E RUA BENTO GONÇALVES (1928)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

FIGURA 5 – RUA MORON (1940) E RUA GENERAL CANABARRO (1940)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Knack (2007, p.47) observa que a instalação da ferrovia, além de um grande investimento em transporte, é o primeiro grande símbolo do progresso da cidade, que “começa a crescer e desenvolver áreas até então incipientes, como o comércio, pequenas indústrias madeireiras e a agricultura.”

O centro é um desses espaços que se desenvolvem à esteira da ferrovia, um novo vetor de expansão urbana, dotado de grande valor simbólico. De fato nesse momento se inicia a construção de um “novo centro”, renegando a ocupação inicial do Boqueirão. A construção do novo é envolta por um discurso progressista que se materializa no espaço urbano por meio de investimentos públicos empregados em uma série de modernizações. Knack afirma, a partir de autores como Miranda e Machado (2005), que no início do século XX, a cidade de Passo Fundo passava por uma série de modernizações, como iluminação pública, instalação de rede telefônica, abertura do primeiro banco, chegada de cinema e hotéis. Em 1902, a remoção do cemitério municipal localizado ao lado da antiga capela (atual Catedral) para a Vera Cruz, então “arrabalde” da cidade, constituiu a primeira grande intervenção do poder público na área central.

“Através dessas alterações, o poder público não apenas redesenhava a cidade, ou higienizava o centro urbano, mas eliminava, paulatinamente, um modo de vida, substituía um modo de organização do espaço por outro. A identidade urbana pretendida pelo mundo capitalista não permitia, bem como não permite, a existência de núcleos “pobres” dentro dos limites do espaço central da cidade, pois esse constituía, e ainda constitui, o ‘cartão postal’ de uma cidade ‘progressista’, principalmente quando existe a intenção de modernização.” (KNACK, 2007, p. 47,48)

A associação de Knack entre a conformação do centro tradicional e os investimentos públicos em melhorias urbanas nos permite destacar dois argumentos essenciais: o primeiro refuta o determinismo dos transportes como “geradores de centralidade”, ou seja, ainda que o traçado da ferrovia, e em especial a localização da estação, tenha sido a determinante inicial da ocupação de seu entorno, até então desocupado, a consolidação do centro urbano no local só foi possível por ser encampada pelo poder público como parte do projeto modernizador da cidade, recebendo uma série de investimentos; o segundo ratifica a formação da centralidade como um processo dialético, que gera proximidade e afastamento ao mesmo tempo.

O comércio, os edifícios públicos e privados mais importantes e também os equipamentos urbanos concentravam-se nas imediações da estação e na Avenida Brasil.

FIGURA 6 – CASAS COMERCIAIS “A MINERVA” (1915) E “CASA PRETO” (1936)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Entre os edifícios, merecem destaque: a prefeitura, então Intendência Municipal (1911), localizada na Avenida Brasil (atual Museu Histórico Regional); o Banco da Província (1922 – atual Banco Itaú), na esquina das ruas Moron e Bento Gonçalves; os clubes da elite da época - o Clube Pinheiro Machado (1912 - atual Teatro Municipal), na Avenida Brasil; o Clube Comercial (1912) também na Avenida Brasil; e a Sociedade Iolanda Margherita (atual Clube Caixeral Campestre), na Rua Bento Gonçalves.

FIGURA 7 – CLUBE COMERCIAL (1928) E CLUBE CAIXERAL (DATA NÃO IDENTIFICADA)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Os hotéis Internacional (1900), esquina da Avenida Brasil com Sete de Setembro; Hotel dos Viajantes (início do século XX), esquina das ruas General Netto e General Canabarro; Hotel Avenida (1928), esquina da Rua General Netto com Avenida Brasil; Hotel Glória (1927), esquina das ruas General Canabarro e Capitão Eleutério.

FIGURA 8 – HOTEL INTERNACIONAL (INÍCIO DO SÉC. XX) E HOTEL PETRACCO (1937)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Os cinemas: salas Pathê (1911), na General Netto; Central, esquina da Avenida Brasil com Sete de Setembro; o primeiro grande cinema da cidade, Cine Coliseu (1920-1948) também na General Netto, que muda de proprietário em 1953 passando a ser denominado Cine Real, funcionando até o final da década de 1970 no mesmo endereço; o Cine Imperial, aberto no final da década de 1930, na esquina das Ruas Bento Gonçalves e Gal Osório e posteriormente transferido para a rua General Netto. Ainda na década de 1930, outras duas salas de cinema foram instaladas na cidade, o Cine Avenida, situado na Rua Moron, e o Cine Rex, situado na Avenida Brasil, entre as ruas Bento Gonçalves e General Netto. Em 1962, inaugura-se o Turis Hotel, o primeiro grande e luxuoso hotel da cidade, situado em frente à Praça Marechal Floriano, na Rua Bento Gonçalves. Junto ao Hotel havia também uma sala de cinema e

espetáculos, o Cine Teatro Pampa, que exibiu filmes até 1995, e foi desativado em 2005, dando lugar a um estacionamento.

FIGURA 9: RUA GENERAL NETTO (1961) E TURIS HOTEL (DÉC. 1960)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Entre os equipamentos urbanos, destacamos a Praça da Matriz (denominada Praça Marechal Floriano em 1913) que se configura, já nas primeiras décadas do século XX, como um importante referencial urbano e local de encontro da população, recebendo consecutivas melhorias ao longo do tempo e sendo, até hoje, reconhecida como o “centro do centro”.

FIGURA 10: PRAÇA MARECHAL FLORIANO (1940) E ATUALMENTE

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Assim como as atividades administrativas (prefeitura), de serviços (hotéis), de lazer (cinemas, cafés, clubes), nas primeiras décadas do século XX, as localizações dos estabelecimentos comerciais se restringiam à área delimitada pela estação ferroviária e pela Avenida Brasil. Na obra “Comércio Século XX Passo Fundo”, Hexsel e Gárate (2002) demonstram que os mais tradicionais estabelecimentos comerciais da cidade, fundados nas primeiras décadas do século XX, estavam localizados sobretudo na Avenida Brasil e nas ruas Bento Gonçalves, General Netto, Moron, General Canabarro. Ainda que não contemple a totalidade dos estabelecimentos, essa amostragem denota a concentração das atividades comerciais nessas ruas centrais.

Além da concentração de atividades institucionais, comerciais, de serviços e de lazer na área central, chamamos atenção para o uso residencial. O antigo casario localizado sobretudo na Avenida Brasil e nas ruas General Netto, Bento Gonçalves, Moron e Independência, era ocupados pelas famílias tradicionais

passo-fundenses, compostas por proprietários de terras, comerciantes e profissionais liberais. Essa elite morava, trabalhava e se sociabilizava no centro da cidade, freqüentando os clubes, cafés e cinemas (trataremos dessa questão no capítulo VI).

Assim, nas primeiras décadas do século XX, o centro urbano de Passo Fundo, onde se concentravam o comércio e os serviços, e também os espaços de lazer como os cinemas e os clubes da elite local, se desenvolvia no entorno da Praça Marechal Floriano, sobretudo nas ruas General Netto, Bento Gonçalves, Moron e Independência. Desde o início do século, conforme afirma Knack (2007), o centro se modernizava a partir de investimentos do poder público, ocasionando a substituição de edifícios e a consequente valorização e elitização da área.

4.2.3. CONSOLIDAÇÃO, EXPANSÃO E VERTICALIZAÇÃO DO CENTRO

A expansão do centro de Passo Fundo se insere num contexto de expansão urbana e crescimento demográfico, processo notável sobretudo a partir da década de 1950, quando se iniciam os grandes fluxos migratórios campo-cidade e também à medida que Passo Fundo vai se consolidando como centro regional. A partir de então, ocorre o crescimento periférico da mancha urbana, e o centro, por sua vez, se consolida como o lugar das elites, símbolo maior da cidade que naquele momento buscava firmar-se como capital regional. Knack (2007) observa que a modernização da cidade constituía-se uma condicionante do progresso, o instrumento político para viabilizar a modernização do espaço urbano foi o primeiro plano diretor da cidade, de 1953.

“A elaboração de um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano em 1953, além de atribuir um *status* político à cidade, também redefiniu o traçado urbano, redistribuindo os espaços das atividades em Passo Fundo. Foi um marco político na busca pela modernidade na região, que iniciou a transformação de uma cidade provinciana, ainda com características de uma vila, em uma cidade com cara de “capital do planalto”. Identidade que começava a marcar definitivamente o imaginário popular do município, que se deparava com o crescimento populacional, o surgimento de novos sujeitos no quadro social, a emergência de um segmento proletário que necessitava de um espaço próprio, dando início a um processo de ‘segregação socioespacial’ elitizando o acesso à ‘nova cidade’.” (KNACK, 2007, p.55)

Para o autor, o plano de 1953 caracterizou-se como um marco político, forjado ideologicamente pelas elites locais, como um instrumento de modernização do espaço urbano, capaz de garantir à cidade ares de capital regional, cujas diretrizes gerais para o centro definiam basicamente a remoção de edifícios “obsoletos” em prol de novas formas que valorizassem a imagem do centro e consequentemente da cidade. Essa substituição das formas e a busca constante do novo se deram por meio da expulsão das famílias de baixa renda que ainda moravam no centro.

Na década de 1960, começam a aparecer os primeiros edifícios na área central, o Turis Hotel (1961), construído em frente à Praça Marechal Floriano, na Bento Gonçalves, que abrigava além de hotel, cinema e teatro; o edifício Planalto (década de 1960), na Rua Independência, o primeiro edifício residencial da cidade; o edifício do Banco do Brasil (1976), na esquina da Avenida Brasil com a Rua Bento Gonçalves. A figura 11 (p.93) mostra o início da verticalização do centro.

FIGURA 11: CENTRO DE PASSO FUNDO (1961)

FONTE: DEONILDES CZAMANSKI

Conforme vimos no capítulo III, a verticalização da área central se intensifica na década de 1980, sendo legitimada pelo II PDDU (1984), que permitiu a construção de edifícios com até sete vezes a área do lote ($IA = 7$). É interessante destacar aqui que esse processo promoveu alterações bruscas na paisagem e na forma urbana: o casario cedeu lugar, gradativamente, aos edifícios de apartamentos. Se do ponto de vista formal o centro sofreu marcante transformação a partir dos anos de 1980, o uso misto (comércio/serviços e residências) se manteve predominante. Até hoje, a grande maioria dos edifícios localizados na área central ou tem uso misto (térreo comercial + torre residencial) ou somente residencial (figura 12, p.94).

FIGURA 12: CENTRO DE PASSO FUNDO (2010)

FONTE: RONALDO CZAMANSKI

Comparando nossa delimitação atual do centro principal às primeiras décadas do século XX, quando praticamente todos os estabelecimentos comerciais e os serviços se concentravam na Avenida Brasil e nas ruas General Netto, Bento Gonçalves e Moron, identificamos a expansão do comércio em todas as direções, com exceção da direção sul, onde está situada a estação ferroviária. A leste, em direção ao Rio Passo Fundo, o centro se expandiu até a Rua Fagundes dos Reis. Ao norte, extrapolou a antiga Rua do Comércio (atual Avenida Brasil), chegando até a Rua Uruguai; a oeste, a expansão se deu até a Avenida Sete de Setembro, e ao sul, a estação ferroviária permanece como limite. Acreditamos que os atuais limites sul e oeste têm relação com o traçado da ferrovia, que até 1982 passava pelo centro da cidade, no eixo da Avenida Sete de Setembro, sua remoção da área central, na década de 1980, foi acompanhada da implantação do Parque da Gare, às margens da Avenida Sete de Setembro, na porção sul da estação férrea.

4.2.4. NOVAS TIPOLOGIAS COMERCIAIS: DAS GALERIAS AO SHOPPING CENTER

A partir da década de 1980, em paralelo à verticalização da área central, que caracteriza a emergência de uma nova tipologia, sobretudo residencial, foram construídas também novas tipologias comerciais no centro da cidade: as galerias comerciais e o *shopping center* (mapa 24, p.95).

MAPA 24

Em 1986 foi inaugurada a primeira galeria comercial de Passo Fundo: a galeria Mazzoleni, localizada na Rua General Netto, entre a Praça Marechal Floriano e a Avenida Brasil. O pavimento térreo da galeria conecta a Rua General Netto à Rua Moron, e a torre, de 9 pavimentos, comporta 100 salas comerciais. Em 1991, outras duas novas galerias foram inauguradas: Central e Luxor. A galeria Central está localizada no quarteirão conformado pela Avenida Brasil, e pelas ruas Paissandú, Capitão Eleutério e Fagundes dos Reis. Os 3 primeiros pavimentos, com acesso pela Avenida Brasil, e pelas ruas Paissandú e

Capitão Eleutério, comportam 18 salas comerciais. Acima, existem 2 torres residenciais de 12 pavimentos, uma com acesso pela Rua Capitão Eleutério e a outra pela Avenida Brasil.

A galeria Luxor está situada quase em frente à galeria Central, no quarteirão conformado pela Avenida Brasil e pelas ruas Capitão Eleutério, Fagundes dos Reis e Moron, sendo o térreo acessível pelas quatro ruas. A galeria tem 2 pavimentos, e acima da área comercial há uma torre residencial com 8 pavimentos (figura 13, p.96).

FIGURA 13: GALERIA CENTRAL (2011) E GALERIA E LUXOR (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

Ainda na década de 1990, surgem três novos empreendimentos comerciais em Passo Fundo, que caracterizamos como uma transição entre as galerias e o *shopping center*, pois embora denominados *shoppings*, têm escala e tipologia muito mais próxima das galerias pré-existentes. Possivelmente incorporação da denominação “*shopping*” exprime uma estratégia de *marketing* dos empreendedores imobiliários, uma vez que nesse período o “prestígio” do *shopping center* como equipamento de consumo coletivo já estava arraigado à sociedade brasileira, especialmente nas metrópoles e grandes cidades, mas também em diversas cidades médias.

Os três empreendimentos, denominados *Shopping da Praça*, *Shopping Plaza* e *Shopping Bento Brasil* estão localizados no centro da cidade. O *Shopping da Praça*, localizado na esquina das ruas Moron e Bento Gonçalves, em frente à Praça Marechal Floriano, inaugurado em 1992, tem 18 salas comerciais distribuídas em 3 pavimentos, acima da área comercial há uma torre residencial de 8 pavimentos. Em 1992, foi inaugurado também o *Plaza Shopping*, localizado entre as ruas XV de Novembro e Sete de Setembro), conta 62 salas comerciais, distribuídas em três pavimentos, sendo o térreo e o primeiro acessíveis, respectivamente, pela Avenida Sete de Setembro e pela Rua XV de Novembro, acima da área comercial há uma torre de 9 pavimentos com 61 salas ocupadas por profissionais liberais. O *Shopping Bento Brasil*, último empreendimento do gênero inaugurado em Passo Fundo, em 1998, tem aproximadamente 25 salas comerciais, que se distribuem em 3 pavimentos, com acessos pela Avenida Brasil e pela Rua Bento Gonçalves (figura 14, p.97).

FIGURA 14: SHOPPING DA PRAÇA (2011) E SHOPPING BENTO BRASIL (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

No mesmo ano da inauguração do *shopping* Bento Brasil, 1998, foi inaugurado o *Shopping Bella Città*, equipamento que viria efetivamente consolidar-se como um *shopping center*, em termos de escala³² e também de tipologia. O embasamento, em pleno funcionamento, é composto por 4 pavimentos onde funcionam 120 lojas, cinema, supermercado, além de estacionamento no subsolo. No momento, estão em construção duas torres voltadas ao uso hoteleiro e residencial, estando prevista a conclusão de uma delas em 2012. As torres têm 18 pavimentos cada, sendo os seis primeiros destinados ao hotel Arcor-Íbis³³, e os demais destinados ao uso residencial (fig. 15, p.97; fig. 16, p.98).

FIGURA 15: SHOPPING BELLA CITTÀ (2011)

FONTE: SHOPPING BELLA CITTÀ / DIEGO FERRETTO

³² SOBARZO (2010, p. 65) afirma que segundo a definição do BNDS, a área bruta locável (ABL) mínima de um *shopping center* deve ser de 10.000 m². O *shopping Bella Città* possui 15.000 m² de ABL e 50.000 m² de área construída.

³³ Esse é o primeiro empreendimento hoteleiro vinculado a uma grande rede a instalar-se em Passo Fundo.

FIGURA 16: SHOPPING BELLA CITTÀ EM FASE DE AMPLIAÇÃO (2011) E MAQUETE DA OBRA PRONTA

FONTE: SHOPPING BELLA CITTÀ

Conforme vimos no capítulo II, a construção de um centro comercial do porte do *Shopping Bella Città* em Passo Fundo se justifica pelas funções regionais que a cidade desempenha. A inserção desse grande equipamento na cidade, no entanto, tem reflexos importantes na estrutura urbana.

A primeira questão a ser destacada diz respeito à localização do *shopping* na cidade. Sposito (1997, p.28) observa que “as novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados e de grande porte determinam mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal, ou tradicional, o que provoca uma redefinição de centro, de periferia e da relação centro-periferia.” No caso de Passo Fundo, a construção do *shopping* no centro somente reforçou a centralidade principal e manteve as relações centro-periferia.

Por outro lado, ao mesmo em tempo que reforçou a centralidade principal, a presença do *shopping* ocasionou certa elitização do comércio na área central, provocando sim uma reestruturação das localizações do comércio no centro, uma vez que esse equipamento passa a concentrar a maior parte do comércio destinado à população de mais alta renda. Antes do *shopping*, essas lojas distribuíam-se exclusivamente pelas ruas do centro em espaços abertos diretamente para o passeio público, com destaque a Rua Moron³⁴ (figura 17, p.99), que concentra várias lojas de alto padrão, principalmente na área de vestuário. Ainda que não tenha significado o abandono da Rua Moron por esse tipo de comércio, há uma clara tendência de o “comércio chique” de Passo Fundo se concentrar no *shopping*.

³⁴ Especialmente no trecho da rua compreendido entre as ruas Fagundes do Reis e Coronel Chicuta.

FIGURA 17: RUA MORON (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

Uma segunda questão a ser ressaltada diz respeito à maneira como o *shopping center* repercute na cotidiano da população, não somente como um centro de compras, mas também como uma opção de lazer. A adoção do *shopping* como uma opção de lazer atrelada ao consumo resulta, por um lado, dos valores e padrões comportamentais característicos da sociedade capitalista contemporânea; mas por outro reflete a escassez de espaços públicos de lazer na cidade, como parques equipados, centros culturais e equipamentos do gênero. A cidade de Passo Fundo é extremamente carente nesse aspecto, contando com um único parque urbano, o Parque da Gare, abandonado pelo poder público.

Do ponto de vista formal, esse grande equipamento se impõe de maneira notável na paisagem urbana. As torres em construção, de 18 pavimentos cada, reforçam a verticalização e adensamento da área central, já o embasamento estabelece uma clara relação de ruptura com a rua, caracterizando uma delimitação muito rígida entre o espaço público e o privado. A tipologia característica do *shopping center*, reproduzida fielmente em Passo Fundo, se comparada às galerias comerciais que o antecedem, representa, sem dúvida, um retrocesso, uma recusa à vida na rua e ao espaço público. Enquanto as galerias promovem conexões e priorizam transições graduais entre o espaço público e privado, entre o espaço aberto e o fechado, o *shopping center* se fecha em si mesmo, negando qualquer diálogo com seu entorno imediato.

Em paralelo à consolidação do *Shopping Bella Città* como um referencial urbano, outros dois grandes empreendimentos comerciais foram lançados: o *Hipermercado Bourbon* e o *Shopping Igaí*. O *Bourbon* é um hipermercado que conta também com algumas lojas, praça de alimentação e sala de cinemas, trata-se de uma unidade do grupo Zaffari-Bourbon, com matriz em Porto Alegre, localizado na Avenida Brasil, às margens do Rio Passo Fundo, no bairro Petrópolis (setor 04). Sua estratégia de localização é distinta a do *Bella Città*, nesse caso a proximidade de acessos regionais, aliada à disponibilidade de uma grande área livre para a construção do empreendimento (horizontal) foram determinantes.

Já o *Igaí Shopping*, inaugurado no início da década de 2000, foi implantado na São Cristóvão (setor 12), na Avenida Presidente Vargas, no quarteirão conformado por esta avenida e pelas ruas Aspirante Jenner, Pio XII e Santa Helena, a aproximadamente 3 km a sudoeste do centro. O *Igaí* funcionou como *shopping* por um curto período, passando abrigar um centro de eventos. Esse fato nos permite constatar a importância da localização central para o sucesso de um empreendimento desse porte em Passo Fundo, o que reforça a importância do centro principal.

FIGURA 18: HIPERMERCADO *BOURBON* (2010) E *IGAÍ* EVENTOS (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

4.2.5. A ESPECIALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Conforme demonstrado no capítulo II, a importância regional de Passo Fundo, associada às relações horizontais que o município estabelece com a região que polariza, está vinculada, sobretudo, à oferta de serviços de saúde e educação superior a municípios da região. Na saúde, a repercussão espacial dessa centralidade regional é mais evidente do que na educação, dada a concentração de estabelecimentos de saúde ao noroeste do centro principal, no entorno do Hospital São Vicente de Paulo (HSPV). O HSPV, hospital de abrangência regional, ocupa boa parte do quarteirão delimitado pelas ruas Teixeira Soares, Uruguai, XV de Novembro e Eduardo de Brito, aglutinando em seu entorno uma série de estabelecimentos de saúde como hospitais especializados, consultórios e clínicas médicas, laboratórios, farmácias e centros de diagnósticos.

FIGURA 19: HSPV - ACESSOS PELAS RUAS TEIXEIRA SOARES E XV DE NOVEMBRO (2011)

FONTE: HSPV

Tanto oficialmente (segundo a PMPF), como para a população local, a área onde estão concentrados os serviços de saúde é reconhecida como parte do centro da cidade, no entanto, é necessário destacarmos suas especificidades, que nos permitem caracterizar essa área como uma especialização do centro principal. A principal diferenciação do restante do centro principal em relação à área médica está na diversidade de comércio e serviços. Mesmo havendo continuidade territorial, pode-se assim reconhecer a existência de duas centralidades com características distintas, mas complementares.

A localização dessa aglomeração de serviços de saúde está diretamente relacionada à presença do Hospital São Vicente de Paulo (HSPV), o maior e mais importante da cidade. Embora existam outras instituições de saúde na cidade, com destaque ao Hospital da Cidade – HC, nenhuma delas promoveu a aglomeração de outros estabelecimentos de saúde no seu entorno, como aconteceu com o HSPV. Essa aglomeração deriva da importância que essa instituição desempenha na cidade e região, tanto em função abrangência de atendimentos, como da qualidade e complexidade dos serviços prestados.

O Hospital da Cidade (1914) e o Hospital São Vicente de Paulo (1918) são as duas principais instituições de saúde de Passo Fundo, classificadas como hospitais gerais. Essas instituições foram criadas na década de 1920, num período caracterizado pela disseminação dos planos de saneamento para as cidades brasileiras, que corresponde à elaboração do Plano de Saneamento de Passo Fundo, em 1919, por Saturnino de Brito.

Não dispomos de dados que possam explicar as localizações dessas instituições, no entanto, sabemos que naquele período tratava-se de localizações periféricas em relação ao centro, que até então se concentrava no entorno imediato da estação férrea. O HSPV foi implantado nas imediações da ferrovia, local em que no início do século se instalaram indústrias madeireiras e o quartel.

No entanto, a concentração dos serviços de saúde em torno do HSPV se iniciou somente no final da década de 1960, a partir da instalação da Faculdade de Medicina da UPF na Rua Teixeira Soares, em frente ao HSPV, em 1969. Desde então, uma série de clínicas, laboratórios, farmácias, edifícios de consultórios e recentemente hospitais especializados foram gradativamente se instalando nas imediações do HSPV, inicialmente na Rua Teixeira Soares e na última década na também Rua Uruguai e na Avenida Sete de Setembro (mapa 25, p.102).

MAPA 25

O mapa 25 localiza as principais edificações destinadas exclusivamente aos serviços de saúde, e ainda que haja uma série de outros estabelecimentos distribuídos em edifícios de uso misto, essa amostragem nos permite constatar que até o final da década de 1990 os serviços de saúde se concentraram na Rua Teixeira Soares, uma vez que nesse período foram inaugurados pelo menos cinco edifícios de consultórios (Edifício das Clínicas, 1979; Centro Clínico Oswaldo Cruz, 1985; Edifício Columbia Work Center, 1995; Clínica Kozma, 1993; Edifício João Zanata, 1999) e um centro de diagnóstico (Clínica Kozma; 1993). Até então, um único empreendimento do mesmo porte, o edifício Policlínica, havia sido construído na Rua Uruguai, na esquina com a Rua XV de Novembro. No entanto, a partir de 2000 a expansão da área médica se direciona para o oeste, tendo como eixos principais a Avenida Sete de Setembro e a Rua Uruguai. Na Rua Uruguai, em 2000, é inaugurado o Centro Executivo Unicred, que concentra uma série de consultórios médicos e a sede administrativa da Unimed Planalto Médio; em 2005, é inaugurada a Clínica Médica Pró-Vida, e em 2007, três hospitais especializados passam a funcionar em Passo Fundo, dois na Rua Sete de Setembro, Hospital da Visão e Hospital Ortopédico, e um na Rua Uruguai, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia-IOT. No final da década de 2000, novas clínicas são instaladas: na Rua Teixeira Soares o Serviço de Neurologia e Neurocirurgia – SNN, e na

Avenida Sete de Setembro, a Clínica Genesis. Atualmente, está em construção a nova sede da Unimed Planalto Médio, que irá reunir seus diversos pontos de atendimento na Rua Lava Pés, paralela à Rua Uruguai, onde a instituição funciona atualmente.

Entre as possíveis direções da expansão urbana do setor de saúde, a direção oeste (sentido Boqueirão), com eixo na Rua Uruguai, parece aquela com menores impedimentos, em função de três aspectos principais que não se aplicam às outras direções: disponibilidade, ainda que limitada, de lotes vazios; menor preço da terra se comparado a direção leste – Vila Vergueiro; e permissividade da legislação urbanística para o uso médico e hospitalar³⁵.

FIGURA 20: EDIFÍCIOS DE USO MÉDICO NA RUA URUGUAI (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

³⁵ O trecho da Rua Uruguai, identificado como eixo de expansão do setor de saúde, é classificado pelo PDDI- 2006 como uma zona de transição – ZT. As ZTs fazem parte do grupo de áreas adensáveis, segundo o artigo 100 do PDDI, nessas zonas a taxa de ocupação do lote (TO) deve corresponder a no máximo 60% e o coeficiente de aproveitamento (CA) não deve ultrapassar 2.6. Quanto ao uso, os serviços médicos caracterizados pela permanência eventual de pacientes (CS 27) são tidos como usos conformes; já os serviços hospitalares caracterizados pela internação de pacientes (CS 28) são classificados como usos permissíveis, que dependem de parecer de órgão ou representante do conselho municipal pertinente.

4.3. OS SUBCENTROS DE BAIRROS

“O subcentro consiste [...] numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar.” (VILLAÇA, 2001, p. 293)

De acordo com pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UPF³⁶, há quatro subcentros na cidade de Passo Fundo, três deles consolidados e um em formação, os três primeiros situados nos bairros São Cristóvão, Vera Cruz e Boqueirão, e o último no bairro Petrópolis.

Os quatro subcentros identificados estão localizados junto aos principais eixos viários intra-urbanos, que classificamos aqui como eixos comerciais, as avenidas Brasil, Presidente Vargas e Rio Grande³⁷. A configuração dos subcentros nesses eixos reforça o fato de que a estruturação urbana de Passo Fundo está vinculada ao traçado desses caminhos principais, que situados em cotas elevadas do sítio natural, propiciaram a conformação de grandes avenidas de cumeeira, sendo a mais importante delas a Avenida Brasil (leste-oeste).

Embora não tenhamos traçado uma delimitação mais precisa dos subcentros, os associamos às áreas onde há maior concentração de comércio e serviços ao longo dos eixos comerciais. Nessas vias, ainda que o uso comercial seja predominante em praticamente toda sua extensão, é possível notarmos diferenciamos em relação à concentração e diversidade do comércio, a exemplo da Avenida Brasil.

O uso comercial está presente em praticamente toda a extensão da Avenida Brasil, no entanto, é possível identificarmos diferenciações em alguns trechos: quanto mais se distancia do centro, tanto na direção leste como oeste, o comércio é mais rarefeito e menos diversificado. Na porção oeste dessa avenida, na altura do Boqueirão, por exemplo, há uma grande concentração de revendedoras de automóveis, seguindo em direção à RS-153 (saída para Carazinho) se aglutinam as Revendedoras de Máquinas Agrícolas; já na porção leste da avenida, em direção a UPF, observamos o mesmo tipo de especialização da porção oeste, porém com menor número de estabelecimentos. Nas Avenidas Presidente Vargas e Rio Grande acontecem processos semelhantes, grande concentração de comércio e serviços nas proximidades do centro e pouca densidade nas extremidades. Nessas últimas avenidas, percebemos ainda o uso industrial, já nas proximidades das vias regionais.

³⁶ Pesquisa em andamento, coordenada pela professora Adriana Gelpi e com participação de alunos de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UPF. A identificação dos subcentros se baseia na concentração de equipamentos comunitários (como escolas e igrejas) e estabelecimentos comerciais (como supermercados, lotéricas, farmácias, agências bancárias) em determinada área da cidade.

³⁷ O principal eixo viário da porção norte da cidade tem três denominações ao longo de seu percurso: Rua Teixeira Soares, Rua Moacir da Motta Fortes e por fim Avenida Rio Grande, já no trecho do bairro Vera Cruz. Adotamos a denominação Avenida Rio Grande para designar esse eixo de forma genérica, utilizamos a denominação Rua Teixeira Soares ao nos reportarmos à área onde há concentração de serviços de saúde.

FIGURA 21: REVENDAS DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS NA AVENIDA BRASIL, NO BOQUEIRÃO (2011)

FONTES: DIEGO FERRETTO

A partir dessas diferenciações, procuramos identificar os trechos em que se organizam atividades de comércio e serviços de forma contínua e diversificada, nessas aglomerações coexistem equipamentos institucionais, como escolas ou postos de saúde, supermercados, farmácias, pequenas lojas de vestuário, lotéricas, academias de ginástica, além de escritórios de profissionais liberais.

Os usos identificados nos quatro subcentros são muito similares entre si, em todos eles existem filiais de redes de lojas locais do ramo farmacêutico e mobiliário, assim como de agências bancárias.

Considerando cada um dos subcentros isoladamente, os caracterizamos da seguinte maneira:

- Subcentro I - São Cristóvão: se desenvolve entre as ruas Dorvalino Souza e Rua São Roque, tendo a Avenida Presidente Vargas como eixo viário. Referenciais: Igreja São Cristóvão, agências bancárias Banco do Brasil e SICREDI³⁸, Supermercado Zaffari, Supermercado Scortegagna, Supermercado Di Domênico, Farmácia São João, Farmácia Drogabel, Agência dos Correios;
- Subcentro II - Vera Cruz: se desenvolve entre o Cemitério da Vera Cruz e a Rua Cachoeira, tendo a Avenida Rio Grande como eixo viário. Referenciais: agências bancárias Banco do Brasil e SICREDI, loja Quero Quero, farmácia São João, lotérica, Escola Ernesto Tocchetto;
- Subcentro III - Boqueirão: se desenvolve entre as ruas Livramento e Castanho da Rocha, tendo a Avenida Brasil como eixo viário. Referenciais: agências bancárias Banco do Brasil, Banrisul, SICREDI e Caixa Econômica Federal; Farmácia São João, Farmácia Mais Econômica;
- Subcentro IV - Petrópolis: se desenvolve entre as ruas Castro Alves e Álvares Cabral, tendo a Avenida Brasil como eixo viário. Referenciais: Loja Total, Banco SICREDI, Supermercado Luvisa, Revenda Honda, Farmácia São João;

³⁸ O Sistema Cooperativo de Crédito – SICREDI atua com 119 cooperativas de crédito e está essencialmente vinculado ao setor primário. A presença de unidades SICREDI nos quatro subcentros identificados evidencia a as vinculações de atividades exercidas na cidade com o agronegócio.

FIGURA 22: SUBCENTRO BOQUEIRÃO (2011) E SUBCENTRO VERA CRUZ (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

Assim como ocorre em relação ao centro principal, ressaltamos a dificuldade em atribuir limites rígidos aos subcentros, principalmente por se estruturarem ao longo de eixos comerciais. No entanto, ainda assim sentimos a necessidade de estabelecer recortes territoriais aproximados dos subcentros a fim de destacar sua localização na cidade, e ao mesmo tempo diferenciarmos a ocupação que se dá nos eixos viários estruturadores, que classificamos aqui como eixos comerciais.

Por fim, uma característica comum aos quatro subcentros identificados é a abrangência local, dadas as similaridades entre o comércio e serviços identificados nos quatro subcentros. Cada subcentro atende somente os bairros de seu entorno imediato, ou seja, um morador do Boqueirão não se desloca até a Vera Cruz para suprir determinada necessidade de consumo e vice-versa, uma vez que não há especificidades entre os subcentros que permitam que algum deles se destaque perante a cidade. Podemos afirmar assim que se caracterizam como subcentros de bairros.

CAPÍTULO V

AS ÁREAS INDUSTRIAIS

Nesse capítulo, nosso objetivo é analisar as localizações industriais na cidade de Passo Fundo, procurando evidenciar as lógicas que as determinam e de que maneira repercutem na estrutura urbana ao longo do tempo.

Partimos do pressuposto que a localização industrial é determinada sobretudo pela proximidade de vias regionais, necessárias ao escoamento da produção. Em Passo Fundo, num primeiro momento, que se estende até meados do século XX, caracterizado pela exploração madeireira, inúmeros depósitos e serrarias se instalaram às margens da ferrovia e no entorno da estação ferroviária, na área central; a partir de 1950, período em que se inicia a transição da economia rural para a agroindustrial, as industriais passam a ocupar também as margens das principais rodovias nas saídas da cidade. Na porção sudeste, setores São Cristóvão, Planaltina e Vila Mattos, são instalados os frigoríficos Costi e Planaltina, a indústria de máquinas e implementos agrícolas Semeato, e o Matadouro Mavepal; a sudoeste, no setor Santa Martha, se instalaram as indústrias Bertol e PT Sementes, atuantes no ramo do agronegócio. Em paralelo registra-se também a presença de indústrias³⁹ na porção norte da cidade, sobretudo no Setor Vera Cruz, nas imediações da Avenida Rio Grande, ao longo da BR-285 e da ferrovia.

A partir da década de 1980, as indústrias passam a se concentrar prioritariamente ao norte, tendência que se confirma nas décadas seguintes. A concentração de indústrias nessa área é viabilizada pela proximidade de dois importantes eixos viários regionais, a ferrovia e a BR-285, e legitimada pela legislação urbanística presente nos planos diretores de 1984 e 2006.

Ressaltamos que ao analisar as localizações industriais, optamos por abordar apenas as industriais de maior porte, embora tenhamos conhecimento da existência de inúmeras pequenas indústrias que se distribuem por toda a cidade, e especialmente ao longo das principais vias intra-urbanas⁴⁰. As primeiras, no entanto, refletem com maior clareza as lógicas determinantes às suas localizações.

O mapa 26 (p. 108) mostra uma grande concentração de indústrias na porção noroeste da cidade (setores Vera Cruz e Valinhos), entre a BR-285 e a ferrovia, e também nos distritos industriais, embora existam algumas indústrias remanescentes nas porções sudeste (setores São Cristóvão e Vila Mattos) e sudoeste (Setor Santa Martha).

³⁹ Entre as décadas de 1970 e 1980 a Semeato implantou três unidades na Vera Cruz.

⁴⁰ Conforme demonstrado no Atlas Geográfico de Passo Fundo (2009, p.52-53), organizado por Ana Maria Radaeli da Silva, Juçara Spinelli e Zélia Guareschi Fioreze.

MAPA 26

5.1. INDÚSTRIAS NA ÁREA CENTRAL

A passagem da ferrovia por Passo Fundo, no final do século XX, além de promover o desenvolvimento econômico do município, repercutiu espacialmente na cidade como vetor de atração de diversas atividades, sobretudo a indústria. Entre as atividades econômicas dinamizadas pela integração de Passo Fundo à malha ferroviária gaúcha se destacam a exploração da madeira e a triticultura, cuja resultante espacial na cidade foi o surgimento de inúmeras serrarias e depósitos de madeira, e de moinhos, respectivamente, sendo a maioria localizados às margens da ferrovia e, sobretudo, nas proximidades da estação.

Não há dados precisos sobre as localizações das madeireiras, no entanto, é consenso entre os autores consultados (Tedesco e Sander, 2005; Gosch, 2002; Wentz, 2004; Dal Moro *et al*, 1998) que esses estabelecimentos se instalaram às margens da ferrovia. O Plano Diretor de 1953 afirma que as serrarias, e especialmente os depósitos de madeira foram se localizando ao longo da ferrovia, estando concentrados, até o final da década de 1930, na porção norte da cidade, em frente aos quartéis⁴¹, na atual Rua Teixeira Soares. Em 1953, ano de publicação do plano, os autores registraram o processo de transferência desses depósitos para as proximidades da estação ferroviária principalmente em função das dificuldades de deslocamento (que incluíam a travessia da Avenida Brasil) dos vagões carregados de madeira até o pátio de manobras, localizado junto à estação. A partir desse deslocamento a via de acesso de Pontão e Nonoai (atual Avenida Rio Grande) assumiu importância secundária para indústria madeireira, ao passo que a rodovia com direção a Marau e Porto Alegre (atual Avenida Presidente Vargas), então com melhores condições técnicas, reforça o sentido da atração da indústria. “Como resultante, surgiu, do dia para a noite, o núcleo residencial operário denominado ‘Vila Rodrigues’.” (PD 1953, p.15)

O esgotamento das florestas determinou, em meados da década de 1950, o arrefecimento da exploração madeireira como atividade econômica. Na cidade, as serrarias e depósitos foram gradativamente fechando as portas. Atualmente não há vestígios do uso industrial nas áreas em que a indústria madeireira se concentrou. A Vila Rodrigues, por sua vez, é atualmente um bairro bastante valorizado pela sua proximidade ao centro, ocupado predominantemente por famílias de média e alta renda.

A triticultura, por sua vez, teve grande avanço na região de Passo Fundo entre 1930 e 1950, promovendo assim o estabelecimento de diversos moinhos no meio rural e também na cidade, esses últimos dinamizando inclusive o comércio urbano. Entre os moinhos implantados na cidade, têm destaque os moinhos Rio Grandense, São Luiz e Santa Lúcia, todos localizados às margens da ferrovia, na atual Avenida Sete de Setembro (figura 23, p.110).

⁴¹ Os edifícios do Quartel do Exército foram construídos entre 1922 e 1926, tendo sido utilizados para esse fim até 2000. Atualmente os edifícios comportam algumas secretarias da Prefeitura Municipal, entre outras atividades.

FIGURA 23: MOINHOS RIO GRANDENSE E SÃO LUIZ (1965)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

Além disso, nesse mesmo período, o Plano de 1953 menciona a presença de setores industriais na área que denomina como o “pé da encosta norte da coxilha grande”. A coxilha grande corresponde a uma área plana de cota elevada onde se formou o centro da cidade, seu limite ao sul é a estação ferroviária e ao norte a Avenida Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, a encosta norte correspondia a uma área acidentada, onde havia ocupação operária, em função da presença da Cervejaria Serrana e de alguns depósitos e serrarias que não se deslocaram para o entorno da estação ferroviária.

A Cervejaria Serrana foi fundada em meados da década de 1910 pela família Bearbieax, tendo funcionado sob propriedade da mesma família até 1975, quando foi comprada pela Brahma. A Cervejaria Brahma operou até 1997. (Projeto Passo Fundo) Atualmente, funciona no local a Faculdade Anhanguera (figuras 24 e 25, p.111).

Assim como a Vila Rodrigues, não há vestígios de uma ocupação operária no entorno da antiga cervejaria. A encosta norte da Avenida Brasil, tida como uma área insalubre até meados do século passado, atualmente é uma das áreas mais valorizadas da cidade, estando incorporada ao centro principal.

FIGURA 24: CERVEJARIA SERRANA (DATA NÃO IDENTIFICADA)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

FIGURA 25: ANTIGA CERVEJARIA, OCUPADA ATUALMENTE PELA FACULDADE ANHANGUERA

FONTE: AUTOR DESCONHECIDO⁴²

5.2. INDÚSTRIAS NOS SETORES SUDESTE E SUDOESTE

Se no início do século XX a urbanização de Passo Fundo seguiu o traçado da ferrovia, sendo este fator determinante à localização das indústrias madeireiras e moinhos, a partir do final da década de 1940, novas áreas, localizadas nas saídas da cidade junto às rodovias, passaram a ser utilizadas para fins industriais. Entre o final da década de 1940 e meados dos anos de 1980 foram instaladas indústrias na porção sudeste, na RS-324 (saída para Marau), atuais setores urbanos São Cristóvão, Planaltina e Vila Mattos; sudoeste, na RS-153 (saída para Ernestina), Setor Santa Martha; e também a norte, no Setor Vera Cruz, que se consolidaria, nas décadas seguintes, como a área onde há maior concentração de indústrias.

⁴² Foto disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409639>

No sudeste têm destaque os frigoríficos Z.D. Costi (1948) e Planaltina (1956); o Matadouro Mavepal (1970), comprado pela Frangosul em 1986; e a Semeato (1985), indústria pioneira na fabricação de máquinas e implementos agrícolas. No sudoeste, entre as décadas de 1970 e 1980 instalaram-se duas agroindústrias às margens da RS-153, a Berthol e a PT Sementes. A Bertol, processadora de soja, foi comprada pela Bungue em 2002, que se mantém em funcionamento no mesmo local. Em paralelo, a empresa diversificou suas atividades, criando uma fábrica nas imediações da primeira unidade, voltada à produção de embalagens metálicas para óleos vegetais. Nas antigas instalações da PT Sementes, funciona atualmente um depósito de recebimento de grãos da BSBIOS, indústria instalada no Distrito Industrial João Menegaz (Invernadinha), na porção norte da cidade.

As localizações das indústrias nas saídas sudeste e sudoeste foram definidas, prioritariamente, pela proximidade das rodovias, mas possivelmente também pela oferta de área livre em áreas ainda não urbanizadas, uma vez que o centro nesse período já não comportava mais o uso industrial.

Por ora nos interessa destacar a concentração de indústrias na porção sudeste da cidade, que contribuíram para a estruturação urbana dos setores São Cristóvão, Planaltina e Vila Mattos.

O Bairro São Cristóvão, onde se instalaram os frigoríficos Costi e Planaltina e a indústria Semeato não passava de uma área praticamente desabitada, sem nenhuma infra-estrutura e distante do centro. O desenvolvimento do bairro, então denominado Exposição⁴³, só se inicia na década de 1950, a partir da instalação dos frigoríficos Costi e Planaltina. O mesmo processo ocorre com a instalação do Matadouro Mavepal, na década de 1970, que está relacionado à formação do Loteamento Maggi De César, junto a Vila Mattos. Vejamos as especificidades de cada caso a seguir.

▪ OS FRIGORÍFICOS COSTI E PLANALTINA

Tedesco *et al* (2005) observam que a instalação de frigoríficos em Passo Fundo, a partir da década de 1950,

“está relacionada à posição estratégica que ocupava o município, pois o mesmo possibilitava acesso à matéria-prima e comercialização da mesma, disponibilizava a mão-de-obra necessária para o trabalho industrial e também ao conhecimento e capital adquirido anteriormente pelos proprietários nas refinarias de banha, nos matadouros, nos frigoríficos da região ou como comerciantes de suínos. [Os frigoríficos de Passo Fundo] estiveram relacionados à indústria da banha e não ao charque ou gado bovino como as primeiras indústrias gaúchas. A banha tornou-se um dos principais produtos de exportação do Estado e nas colônias aumentava-se a criação de suínos.” (p. 279)

Entre as décadas de 1950 e 1980, a indústria frigorífica apresentou grande dinamismo econômico para Passo Fundo, movimentando o setor comercial e as exportações. Dois estabelecimentos se destacaram nesse processo, os frigoríficos Z.D. Costi e Planaltina.

⁴³ Capella (2007) observa que a origem do nome “Bairro Exposição” surgiu a partir de um galpão destinado a feiras de animais, localizado na Rua Albino Lazaretti, local onde atualmente se encontra o Clube Recreativo Industrial.

FIGURA 26: INDÚSTRIAS NO BAIRRO SÃO CRISTÓVÃO (2007)

BASE: GOOGLE EARTH

O frigorífico Z.D. Costi (Z.D. Costi & Cia. Ltda.), pioneiro nesse ramo de atividades, foi inaugurado em 1948, tendo sido construído às margens da então Avenida Mauá, atual Presidente Vargas, antigo Bairro Exposição, denominado a partir de 1967, São Cristóvão (setor urbano 12). Costi e Ribeiro (2003) afirmam que na área ainda não havia infra-estrutura urbana nem incentivos públicos para a instalação de indústrias, atrativos eram a disponibilidade de matéria-prima (criação de suínos na região), e principalmente a presença da estrada para Marau-Porto Alegre (atual RS-324), que permitia o escoamento da produção para o mercado consumidor de Porto Alegre e outros estados, seguindo por Vacaria. Outro empecilho era a escassez de mão-de-obra, que exigiu que se recrutassem moradores do meio rural dispostos a viver na cidade. A localização do frigorífico naquele momento era bastante periférica e de difícil acesso, devido a escassez de transporte público, em função disso o proprietário, Zeferino Demétrio Costi, optou pela construção de uma vila operária, com intuito de fixar os trabalhadores do frigorífico em suas imediações. Estruturou-se, assim, o primeiro e único núcleo fabril de Passo Fundo, composto por matadouro, frigorífico, prédio administrativo, residência do diretor e por dois conjuntos de casas de operários.

A indústria, que chegou a empregar mais de mil funcionários, se destacou a partir da fabricação de produtos e subprodutos suínos (banha, salame, couro, sabão), atendendo a mercado regional e também exportando para países como Estados Unidos, Chile, Grécia e Bélgica. O frigorífico prosperou até meados da década de 1980 quando a crise econômica, entre outros fatores, ocasionou a falência da empresa, em 1993. (Tedesco *et al*, 2005, p. 291, 292) Exigências legais impediram a venda do frigorífico e o núcleo fabril permaneceu como um patrimônio inerte até 2007, caracterizando um grande vazio urbano na porção sudeste da cidade. Em 2007, por decisão judicial a área foi posta a leilão e adquirida por um empresário local, que pretende implantar ali um complexo de condomínios residenciais e verticais, estando já em fase de construção a primeira etapa do empreendimento. (Jornal O Nacional, 24/06/2010)

FIGURA 27: FRIGORÍFICO COSTI – VISTA ÁEREA (1950), FACHADA (DÉC. 2000)

FONTES: ARQUIVO DA FAMÍLIA COSTI

O frigorífico Planaltina (Indústrias Reunidas Planaltina S/A) foi inaugurado em 1956, a partir do desligamento de um dos sócios do Frigorífico Costi, Félix Sana, que passou a integrar a sociedade anônima das Indústrias Reunidas Planaltina, que se dedicava, sobretudo, ao abate e beneficiamento de suínos. Diferentemente do frigorífico Costi, houve um incentivo financeiro à instalação da indústria por parte do poder municipal. (Tedesco *et al*, 2005, p.293,294)

O frigorífico Planaltina foi instalado a menos de um quilômetro de distância do frigorífico Costi, também as margens da Avenida Presidente Vargas. As instalações do Planaltina, no entanto, se restringiram aos prédios destinados a produção propriamente dita (abate, refrigeração, cortume), não foram construídas residências operárias. Tedesco *et al* (2005, p.294) observam que “no final de 1960, nas proximidades do frigorífico, localizavam-se poucas residências e já estava instalado o Curtume Ciplame, o que chama atenção para a concentração desse tipo de indústrias nessa parte da cidade.”

Capella (2007) observa que o frigorífico Planaltina foi o responsável direto pelo surgimento e desenvolvimento do bairro Planaltina, área até então destinada ao uso rural, pertencente ao bairro São Cristóvão. O Estado foi outro agente importante na configuração do bairro, a partir da instalação, entre 1967 e 1968, de um núcleo habitacional com 52 casas, construído pela COHAB, que foi ocupado, sobretudo, por funcionários do frigorífico.

O frigorífico Planaltina entrou em concordata em 1983, pelos mesmos motivos que levaram a falência do frigorífico Costi. Os edifícios ocupados pelo frigorífico entre as décadas de 1950 e 1980 encontram-se abandonado atualmente. Não temos acesso a informações sobre a situação legal do patrimônio material do antigo frigorífico.

FIGURA 28: FRIGORÍFICO PLANALTINA (2007)

FONTES: DIEGO FERRETTO

▪ A SEMEATO

Fundada em 1965, a Semeato, então denominada Mecânica Agrícola Rossato Ltda, é a primeira indústria passo-fundense a atuar no ramo da fabricação de máquinas e implementos agrícolas. Esse setor se desenvolveria nas décadas seguintes, contribuindo para a configuração de um complexo agroindustrial na região, no qual Passo Fundo se insere como cidade de apoio, conforme discutimos no capítulo II.

Do ponto de vista urbano, assim como os frigoríficos Costi e Planaltina, a empresa contribuiu para a urbanização do bairro São Cristóvão, a partir da década de 1960. A indústria possui outras três unidades na cidade, todas localizadas na porção norte, no setor urbano 03 – Vera Cruz, nas proximidades da Vila Industrial, instaladas entre as décadas de 1970 e 1980.

FIGURA 29: UNIDADE DA SEMEATO NA SÃO CRISTÓVÃO

FONTE: SEMEATO

▪ A DOUX-FRANGOSUL E O LOTEAMENTO MAGGI DE CESARO

Na década de 1970, a indústria avícola começa a se desenvolver em Passo Fundo. O Matadouro de Aves Passo Fundense (MAVEPAL) inicia suas atividades em 1970, instalando-se na Vila Matos (setor urbano 14 – Maggi de César), extremo sudeste da cidade. Em 1978, o matadouro já havia se tornado um frigorífico, passando a funcionar em instalações mais modernas. Em 1986, a Mavepal é adquirida pela Frangosul, que em 1998, é adquirida pelo grupo francês Doux – a empresa passa a se chamar Doux-Frangosul. (MOGNON, 2005)

Do ponto de vista espacial, a consolidação da indústria determinou à urbanização do Loteamento Maggi de César, que faz divisa com a indústria, e conservou características de uma ocupação rural até meados da década de 1980, período em que a Frangosul adquire o matadouro e passa a se expandir até ser comprada pelo Grupo Doux. (figura 30, p.116)

FIGURA 30: DOUX-FRANGOSUL E O LOTEAMENTO MAGGI DE CESARO

BASE: GOOGLE EARTH (2007)

5.3. INDÚSTRIAS NO SETOR NORTE

A porção norte da cidade, incluindo os setores Petrópolis, Vera Cruz e Valinhos, se caracteriza atualmente como a área onde há maior concentração de indústrias em Passo Fundo, distribuídas em distritos industriais, e nas proximidades da ferrovia e da BR-285.

Em meados da década de 1950, em paralelo à instalação de indústrias no sul, já havia na porção norte da cidade indícios de que essa área poderia vir a se consolidar como de uso industrial. Prova disso é a criação do Loteamento Vila Industrial, ainda na década de 1950, localizado no atual setor urbano Valinhos, junto à BR-285. Entre as indústrias mais antigas instaladas na área, destacamos a segunda unidade da Semeato, implantada em 1972, na Avenida Rio Grande.

Nos últimos anos, a concentração de indústrias no norte da cidade tem se intensificado em função dos investimentos da PMPF na área, que além de promover melhorias de infra-estrutura, tem buscado, através da doação de lotes e incentivos fiscais, atrair a instalação de indústrias na cidade.

Assim, do ponto de vista econômico, a diversificação da econômica municipal tem promovido o fortalecimento do complexo agroindustrial regional, assim como a dinamização do setor terciário. A repercussão espacial dessa dinâmica econômica é evidente a partir da crescente instalação de indústrias na porção norte da cidade, em especial nos distritos industriais e no setor Valinhos, a noroeste.

Nos dois últimos planos diretores, as maiores concentrações de zonas industriais estão na porção norte da cidade, conforme mostra o mapa 28. O PDDU (1984) embora delimite zonas industriais nas saídas sudeste e sudoeste, direciona o uso industrial também para o norte, demarcando zonas industriais no entroncamento da BR-285 com a RS-324 (setor Valinhos) e no setor Petrópolis, área onde

foi implantado o primeiro distrito industrial de Passo Fundo na década de 1980, na área então conhecida como Invernadinha⁴⁴.

O PDDI (2006) limita o uso industrial no sudeste, o proibindo nos setores São Cristóvão e Planaltina, porém o preservando na Vila Mattos, área onde funciona a Doux-Frangosul. Na porção sudoeste, onde estão instaladas as indústrias Bertol, Bungue e o Depósito da Bsbios, o plano preserva o uso industrial ao longo da RS-153 e o expande na direção norte ao longo da RS-324 em direção a BR-285. Ao norte, amplia as áreas destinadas ao uso industrial, criando mais um distrito industrial ao lado do já existente Distrito Industrial João Menegaz, e outros dois a noroeste, no setor Valinhos, onde são delimitadas também áreas de uso logístico (mapa 27, p.118).

Nesse contexto, há uma grande concentração de áreas industriais na porção noroeste da cidade, que se diluem na direção sul ao longo das rodovias RS-324 e RS-153. Os distritos industriais 1 e 2, ao norte, no setor Petrópolis, embora isolados desse eixos, concentram diversas indústrias. No entanto, analisando os usos permissíveis nas áreas caracterizadas pelo PDDI como áreas de produção urbana, percebemos que a porção norte, onde estão os distritos industriais (DI), as zonas industriais (ZI), as zonas logísticas (ZL), e as zonas industriais e logísticas (ZIL) difere das zonas de produção urbanas (ZPU) por se restringirem ao uso industrial e logístico, enquanto a última admite também os usos residencial e comercial.

A mesma afirmação que fizemos em relação à verticalização da área central, no capítulo III, é válida nesse momento, ou seja, os planos urbanos refletem demandas reais, nesse caso atreladas ao uso industrial. Conforme descrevemos ao longo desse capítulo, as áreas industriais sempre foram determinadas pela proximidade de vias regionais, primeiro a ferrovia e depois às rodovias, os planos, por sua vez, incorporaram esses usos aos respectivos zoneamentos urbanos. No entanto, na última década, aliados ao zoneamento, há uma série de investimentos públicos no norte do município, a partir da construção de distritos industriais e melhorias em lotes já existentes que caracterizam de fato essa área como prioritária ao uso industrial.

Por fim, associando a distribuição das áreas industriais à distribuição socioespacial da população, questão que será discutida no capítulo VI, observamos que a concentração de zonas industriais na porção noroeste e ao longo das rodovias RS-153 e RS-324 corresponde às áreas onde há maior concentração de população de baixa renda.

⁴⁴ A lei nº 2004, de 27 de setembro de 1982, denominou de João Menegaz a área industrial da Invernadinha, criando assim o Distrito Industrial João Menegaz, em homenagem a um dos industriais pioneiros de Passo Fundo.

II PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO - II PDDU (1984)

■ ZONAS INDUSTRIAIS (ZI)

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO
PDDI (2006)

■ DISTRITO INDUSTRIAL (DI)
■ ZONA INDUSTRIAL (ZI)

■ ZONA INDUSTRIAL E LOGÍSTICA (ZIL)
■ ZONA DE PRODUÇÃO URBANA (ZPU)

PASSO FUNDO
ÁREAS DE USO INDUSTRIAL
(II PDDU/PDDI)

— PERÍMETRO URBANO
— VIAS ESTRUTURAIS
— FERROVIA

0 500 1500 3000m

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: ZONEAMENTO URBANO - II PDDU (1984) / PDDI (2006)

CAPÍTULO VI

AS ÁREAS RESIDENCIAIS

Certamente uma das características mais marcantes da estrutura territorial das cidades brasileiras deriva das importantes desigualdades entre as condições de moradia da população, que expressam diferentes níveis de inserção urbana, com destaque à acessibilidade ao centro, ao acesso à infraestrutura, equipamentos comunitários e espaços públicos de lazer. As diferenciações entre as áreas residenciais constituem-se num dos traços mais característicos da cidade capitalista, que em última análise resultam do brutal desnível de renda da população. Esse processo, denominado segregação socioespacial, se manifesta em todas as cidades com maior ou menor intensidade, daí a importância de investigá-lo enquanto um processo relevante à compreensão da estrutura interna de nossas cidades.

Diante desse contexto, nosso objetivo principal nesse capítulo consiste em analisar de que maneira as classes sociais se espacializam na cidade de Passo Fundo e de que forma a segregação socioespacial das áreas residenciais se manifesta na estrutura urbana. Não avançaremos num debate teórico sobre a segregação, no entanto destacamos duas abordagens complementares como subsídio à interpretação empírica desse processo.

Para Côrrea (2005)

“A segregação residencial é, em realidade, um processo que origina a tendência a uma organização espacial em áreas de ‘forte homogeneidade social interna e de forte disparidade entre elas’, conforme aponta Castells (1983). É um produto da existência de classes sociais, sendo a sua espacialização no urbano. Sua origem remonta ao próprio aparecimento das classes sociais e da cidade, que se verificaram de modo simultâneo.” (CORREA, 2005, p.60)

Corrêa (2005) observa ainda que a segregação residencial tem duas dimensões: a auto-segregação, praticada pelas camadas de alta renda que elegem as localizações que lhe forem mais convenientes; e a segregação induzida, imposta aos pobres tanto pelo mercado como pelo Estado.

Villaça (2001) chama atenção para o poder estruturador da segregação socioespacial nas metrópoles brasileiras, demonstrando que as concentrações de camadas de alta renda em determinados setores das metrópoles influencia em processos como, por exemplo, a formação de novas centralidades para atender suas necessidades de consumo, assim como a construção de obras viárias para otimizar o gasto de tempo em seus deslocamentos. Os mecanismos exercidos pela classe dominante na produção da cidade se manifestam através do controle do Estado (legislação urbanística e investimentos públicos) e do mercado (produção imobiliária).

Assim, nesse capítulo investigaremos os fatores que determinam as localizações residenciais em Passo Fundo, os agentes que as produzem, e a forma como repercutem na estrutura urbana. Organizamos a abordagem em três partes: primeiro, apresentamos uma leitura da distribuição socioespacial da população, promovendo assim uma visão de conjunto; posteriormente apresentamos dois recortes que versam sobre os processos históricos de constituição dos bairros residenciais por classe de renda.

6.1. DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA POPULAÇÃO

Estruturamos nossa abordagem sobre a distribuição socioespacial da população de Passo Fundo utilizando dois recortes espaciais: o primeiro se baseia na divisão da cidade em 22 setores urbanos, oficializados pela PMPF em 2005; o segundo considera os setores censitários, instituídos pelo IBGE para a realização dos censos demográficos. Nos dois casos, consideramos os índices relativos aos níveis de rendimento da população, referentes aos censos de 2000 e 2010. Ponderamos que os recortes territoriais são distintos em função de o IBGE até o momento ter divulgado apenas os resultados preliminares de rendimento do censo 2010 em nível de setor urbano e não por setores censitários; por outro lado, os dados relativos ao censo 2000 estão organizados somente por setor censitário, já que não existia, em 2000, uma classificação oficial dos setores urbanos de Passo Fundo.

Dessa maneira, os recortes territoriais dos censos de 2000 e 2010 não são diretamente comparáveis até o momento, no entanto, são complementares, uma vez que a partir dos 22 setores urbanos podemos traçar um perfil geral da distribuição de renda na cidade, e a partir dos dados relativos aos setores censitários, por representarem unidades territoriais menores, visualizar especificidades internas de cada setor.

Num primeiro nível de análise, baseado na renda mediana⁴⁵ da população por setores urbanos, constatamos uma clara gradação decrescente dos níveis de renda do centro para a periferia. O mapa 28 (p.121) mostra que o setor I – Centro (que abarca o centro propriamente dito e a Vila Vergueiro, bairro estritamente residencial) é o setor cuja população residente tem a maior renda mediana, equivalente a R\$ 3.000,00 mensais. Em seguida, localizados ao sul da área central, aparecem os setores Lucas Araújo e Rodrigues, em que a população residente tem renda mediana entre R\$ 2.000,00 e 2.500,00 mensais. Num terceiro nível, com renda mediana entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.000,00, classificam-se 11 setores: Fátima, Vera Cruz, Petrópolis, Boqueirão, Luiza, São Cristóvão, Santa Maria, Cruzeiro, Nenê Graeff, Planaltina e Vila Mattos. Por fim, com renda mediana de até R\$ 1500,00 mensais estão os oito setores restantes: Santa Martha, Integração, Roselândia, São Luiz Gonzaga, São José, Valinhos, Victor Issler e Zacchia. Assim, os setores de mais alta renda estão concentrados no centro-sul da cidade (Centro, Rodrigues e Lucas Araújo), enquanto os de menor renda compõem a periferia. Entre os setores periféricos, os de menor renda são o Zacchia, Santa Martha e Integração, onde a renda mediana da população corresponde, respectivamente, a 1100, 1180 e 1210 reais mensais.

⁴⁵ Até o momento, foram divulgados pelo IBGE somente os dados de renda mediana relativos ao Censo 2010.

MAPA 28

Analisando a composição da renda da população por salários mínimos (tabela 20, p.122), constatamos que 47.01% da população tem rendimentos mensais de até 2 s.m., 23.60% entre 2 e 10 s.m., e somente 2.26% recebem mais de 10 s.m., a população sem rendimentos chega a 27.39%. Associamos esses extratos de renda respectivamente, a classes de baixa, média e alta renda. No setor centro a classe de renda média é predominante⁴⁶, em todos os demais predomina a baixa renda. A classe de alta renda não é predominante em nenhum dos setores, embora esteja distribuída em vários deles. Entre os 20 setores urbanos em que predominam as classes de baixa renda, em 14 deles (Vera Cruz, São Luiz Gonzaga, Santa Martha, Integração, Victor Issler, São José, Santa Rita, Vila Mattos, Zacchia, Valinhos, Luiza, Santa Maria, Exposição e Dona Júlia) mais de 50% da população recebe até 2 s.m. mensais, os

⁴⁶ Considerando as três classes de renda (baixa, média e alta) entendemos por predominante a faixa de renda que representar mais de 1/3 do total.

casos onde há maior concentração de baixa renda são os setores Vila Mattos, Santa Martha, Zacchia e Victor Issler.

Relativo às camadas de alta renda, entre as 3519 pessoas que recebem mais de 10 s.m., 58.37% vivem no setor centro, 7.73% no Lucas Araújo, 7.02% no Boqueirão, 6.28% no setor Rodrigues e 4.29% no setor Fátima.

PASSO FUNDO: DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA POPULAÇÃO POR SETORES URBANOS (2010)										
SETOR URBANO	RENDIA MEDIANA (R\$)	PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS POR CLASSE DE RENDIMENTO, EM SALÁRIOS MÍNIMOS (S.M.)								
		TOTAL	< 2 S.M.		2 A 10 S.M.		> 10 S.M.		SEM RENDIMENTO	
				%		%		%		%
1 - CENTRO	3 000,00	23351	6311	27,03	9884	42,33	2054	8,80	5098	21,83
2 - BOQUEIRÃO	2 000,00	17139	7810	45,57	4497	26,24	247	1,44	4585	26,75
3 - VERA CRUZ	1 590,00	17027	9062	53,22	3321	19,50	102	0,60	4542	26,68
4 - PETRÓPOLIS	1 780,00	10361	4942	47,70	2475	23,89	142	1,37	2802	27,04
5 - SÃO LUIZ GONZAGA	1 300,00	8965	4910	54,77	1033	11,52	11	0,12	3011	33,59
6 - CRUZEIRO	1 800,00	2182	1005	46,06	512	23,46	24	1,10	641	29,38
7 - LUCAS ARAÚJO	2 300,00	7639	3220	42,15	2316	30,32	272	3,56	1831	23,97
8 - SANTA MARTHA	1 210,00	4379	2535	57,89	410	9,36	9	0,21	1425	32,54
9 - INTEGRAÇÃO	1 180,00	6285	3423	54,46	545	8,67	16	0,25	2301	36,61
10 - VICTOR ISSLER	1 300,00	3160	1812	57,34	356	11,27	2	0,06	990	31,33
11 - SÃO JOSÉ	1 500,00	7069	3921	55,47	1237	17,50	23	0,33	1888	26,71
12 - SÃO CRISTÓVÃO	1 864,50	9678	4626	47,80	2368	24,47	99	1,02	2585	26,71
13 - SANTA RITA	1 490,00	1235	697	56,44	180	14,57	1	0,08	357	28,91
14 - VILA MATTOS	1 700,00	1269	737	58,08	235	18,52	2	0,16	295	23,25
15 - FÁTIMA	2 000,00	5198	2269	43,65	1376	26,47	151	2,90	1402	26,97
16 - JOSÉ A. ZACCHIA	1 100,00	2665	1529	57,37	174	6,53	0	0,00	962	36,10
17 - VALINHOS	1 300,00	3407	1950	57,24	376	11,04	4	0,12	1077	31,61
18 - LUIZA	1 600,00	6952	3561	51,22	1381	19,86	72	1,04	1938	27,88
19 - RODRIGUES	2 510,00	4607	1693	36,75	1495	32,45	221	4,80	1197	25,98
20 - SANTA MARIA	1 530,00	3981	2088	52,45	828	20,80	23	0,58	1042	26,17
21 - ESPOSIÇÃO	1 560,00	5519	2801	50,75	1046	18,95	38	0,69	1634	29,61
22 - NENÊ GRAEFF	1 530,00	3691	1978	53,59	650	17,61	4	0,11	1059	28,69
PASSO FUNDO	1 790,00	155759	73217	47,01	36766	23,60	3519	2,26	42662	27,39

TABELA 20

FONTE: IBGE (CENSO 2010)

Com o objetivo de destacar as diferenciações internas de cada setor urbano, recorreremos à distribuição da população por classes de renda por setores censitários, segundo o Censo 2000. Nesse caso consideramos oportuno apresentar cinco ao invés de três classes de renda visando justamente destacar as especificidades de cada setor urbano. Assim, temos a seguinte classificação, que segue no mapa 29 (p.123).

MAPA 29

A população de alta renda (com renda média superior a 15 s.m.) está concentrada no setor urbano 1 – Centro, e mais especificamente na Vila Vergueiro, que corresponde à boa parte da mancha vermelha do mapa. A população com renda média-alta (entre 10 e 15 s.m. - mancha laranja) está concentrada na área central e em trechos dos setores Rodrigues, Fátima e Lucas Araújo. A população com renda média (entre 5 e 10 s.m. – mancha amarela), se concentra nos setores Boqueirão, Petrópolis, Lucas Araújo e São Cristóvão. Já a população de renda média-baixa (2 a 5 s.m. – mancha cinza escuro) se distribui em todos os demais setores urbanos, sendo exclusiva nos setores Victor Issler, Nenê Graeff, Vila Mattos, e predominante nos setores Vera Cruz, São Luiz Gonzaga, Cruzeiro, Santa Maria, Santa Rita e São José. Por fim, a população de baixa renda, que tem renda média de até 2 salários mínimos (mancha cinza claro) está concentrada nos setores Zacchia, Valinhos, Santa Martha, Integração, São Luiz Gonzaga e Planaltina.

Nesse contexto, a distribuição socioespacial da população passo-fundense obedece claramente à clássica dicotomia centro-periferia, em que centro e os bairros de seu entorno imediato são ocupados pelas camadas de média e alta renda, enquanto a periferia abriga o restante da população. Há uma clara predominância de bairros de classe média na direção sudeste, com destaque aos setores Lucas Araújo e São Cristóvão, assim como parte dos setores Boqueirão (oeste) e Petrópolis (leste). A maior concentração de camadas de baixa renda está na porção oeste da cidade, nos setores Santa Martha, Integração, Valinhos e Zacchia.

A valorização e o prestígio social da área central estão vinculados à importância do centro principal (conforme vimos no capítulo IV), como local onde se concentra a imensa maioria dos empregos e dos estabelecimentos de comércio e serviços, assim como as moradias de média e alta renda. Embora os deslocamentos centro-periferia não envolvam grandes distâncias, a proximidade do centro significa acesso facilitado aos empregos e aos bens e serviços em geral.

Desde o início da aglomeração urbana essa lógica prevalece, tendo em vista que a expansão urbana que ocorreu em todo o século XX esteve associada à implantação de loteamentos de baixa renda na periferia, enquanto o centro e os bairros de seu entorno imediato se mantiveram ocupados pela elite. Para os loteamentos populares, a implantação periférica continua uma constante, tanto aquela empreendida pelo mercado, como pelo Estado que, aliás, vem atuando na produção da periferia urbana a partir da implantação de conjuntos habitacionais há mais de 40 anos na cidade.

Analisaremos, nos itens seguintes aspectos da formação histórica das áreas residenciais, a fim de compreender os processos que resultaram na atual configuração socioespacial.

6.2. OS SETORES DE ALTA RENDA

6.2.1. O CENTRO E A ALTA RENDA

Conforme vimos no capítulo IV, já no início do século XX, a elite passo-fundense se estabeleceu no centro da cidade, ocupando casas na Avenida Brasil e principalmente em torno da Praça Marechal Floriano, nas ruas Moron, Bento Gonçalves, General Netto, Independência, entre outras. No centro se estabeleceram também seus locais de convívio, como os clubes, cinemas e teatros.

FIGURA 31: CASARÃO NO CENTRO (1915) / CASARÕES NA RUA GENERAL NETTO (1940)

FONTE: PROJETO PASSO FUNDO

O adensamento e a expansão do centro ocorreram durante todo o século XX com a permanência das camadas de alta renda. Essa população se adaptou inclusive à verticalização da área central, que se inicia na década de 1960 e se intensifica a partir do final dos anos de 1970, configurando uma nova paisagem urbana e ditando uma nova forma de morar.

A notável verticalização do centro (processo discutido no capítulo III) resulta de uma grande investida do mercado imobiliário em que as classes média e alta foram o público alvo, sendo a grande maioria dos edifícios de uso misto, com térreo comercial e torres residenciais. O dinamismo desse segmento de mercado se expressa atualmente na oferta crescente de novos empreendimentos residenciais de alto padrão localizados na área central. Nas figuras 32 e 33 apresentamos quatro tipologias de edifícios residenciais no centro, os dois primeiros das décadas de 1960 e 1990 (figura 32, p.126), e os dois últimos em fase de lançamento (2011). Nos empreendimentos atuais percebemos uma tipologia bastante recorrente, caracterizada por um embasamento robusto composto pelo pavimento térreo comercial, mais dois pavimentos de garagem e por fim a torre residencial. Essa tipologia difere das primeiras principalmente em função da grande área destinada às vagas de garagem, que se tornou um requisito fundamental para a valorização dos imóveis. Associamos essa tipologia residencial à tipologia do *shopping center* (que descrevemos no capítulo IV), sendo que nos dois casos os edifícios se impõe de forma marcante na paisagem urbana com seus imensos paredões que acabam desenhando a cidade.

FIGURA 32: EDIFÍCIO PLANALTO (2011) / EDIFÍCIOS EM FRENTE À PRAÇA TOCCHETO (2010)

FONTE: DIEGO FERRETTO

FIGURA 33: EMPREENDIMENTOS RESIDENCIAIS NO CENTRO (2011)

FONTE: IMOBILIÁRIAS COLIGADAS

6.2.2. OS BAIRROS DE ALTA RENDA

As classes de média e alta renda, além de ocuparem a área central, se distribuem também por bairros residenciais no entorno do centro, como a Vila Rodrigues e a Vila Vergueiro, e por áreas um pouco mais afastadas, como a Vila Fátima e partes da Lucas Araújo. No entanto, há outras áreas que embora não se destaquem no mapa de renda⁴⁷, podemos classificar⁴⁸ como ocupações de alta renda (mapa 30, p.128).

Classificamos essas ocupações em três níveis: áreas consolidadas, áreas em processo de formação e empreendimentos em fase de lançamento. Ressaltamos que em nenhuma dessas situações há exclusividade de população de alta renda, mas sim predominância, com exceção dos bairros “em formação”, que por estarem em processo de consolidação ainda apresentam bastante diversidade socioeconômica entre a população residente.

As “áreas consolidadas” correspondem aos bairros onde há grande homogeneidade social, estando inseridos na malha urbana com limites relativamente claros, como a Vila Vergueiro, parte da Vila Rodrigues, o Bosque Lucas Araújo, as Vila Simon e Vila Carmen (essas junto ao Bosque Lucas Araújo), e o Loteamento Morada da Colina (junto à Escola Menino Deus). A Vila Rodrigues, loteada na década de 1920 como bairro operário às margens da ferrovia, é atualmente ocupada por famílias de alta renda, principalmente nas imediações da Praça Santa Terezinha. A Vila Vergueiro, loteada na década de 1940, é o primeiro bairro de Passo Fundo destinado às elites, e assim como a Vila Rodrigues está localizada no entorno do centro da cidade. Já o Bosque Lucas Araújo, as vilas Carmem, Simon, e o Loteamento Morada da Colina são ocupações mais recentes e se localizam em áreas mais periféricas em relação ao centro. A Vila Vergueiro, o Bosque Lucas Araújo / vilas Simon e Carmem, e o Loteamento Morada da Colina são ocupados predominantemente por residências unifamiliares, já a Vila Rodrigues, inicialmente com a mesma característica, vem sendo verticalizada nos últimos anos, a partir da construção de edifícios de alto padrão. Esse processo se deve a dois fatores: primeiro, à proximidade do centro, e em segundo lugar à legislação urbanística, que incentiva a verticalização da área⁴⁹.

Caracterizamos como “áreas em formação” ou “bairros emergentes” aqueles onde já existem ocupações de alta renda, porém sem limites claros e que estão em processo de transformação, expresso pela substituição dos edifícios existentes e da gradativa valorização fundiária e imobiliária. Nessa categoria classificamos a Vila Fátima e a porção nordeste da Petrópolis, conhecida como Altos da Petrópolis. A Vila Fátima, em especial, tem experimentado nos últimos anos um intenso processo de valorização fundiária e imobiliária, tornando-se um dos bairros mais caros da cidade, suas transformações se evidenciam através da substituição das edificações pré-existentes por outras de padrão mais elevado.

⁴⁷ Algumas áreas de alta renda não se destacam no mapa por fazerem parte de setores censitários pouco homogêneos socioeconomicamente. É o caso do Bosque Lucas Araújo, que juntamente ao Loteamento Dom Rodolfo (de classe média-baixa) compõe um setor censitário. Isso faz com que os níveis de renda média da população caiam.

⁴⁸ Efetuamos essa classificação a partir de levantamento *in loco* e da observação de aerofotos, a fim de distinguir o padrão construtivo das residências e o tamanho dos lotes.

⁴⁹ Classificada como Zona de Ocupação Intensiva 2 (ZOI-2) – ver anexo I – Zoneamento Urbano (PDDI-2006).

empreendimentos. No entanto, há algumas distinções importantes entre essas duas áreas, que derivam sobretudo de suas diferentes localizações na cidade.

A Vergueiro é o primeiro bairro residencial de Passo Fundo destinado à alta renda, sua ocupação se inicia na década de 1940, numa grande gleba de terra de propriedade de Nicolau de Araújo Vergueiro⁵⁰ e se estende até hoje mantendo as mesmas características. A proximidade do centro principal permite que se estabeleça uma ocupação de alta renda contínua em relação ao centro. Grande parte do bairro é ocupada por residências unifamiliares (figura 34, p.129), havendo, no entanto, uma pequena concentração de edifícios de alto padrão na porção oeste do bairro, junto à Avenida Sete de Setembro (figura 35, p.129).

FIGURA 34: RUA E RESIDÊNCIA NA VILA VERGUEIRO (2007)

FONTE: AUTOR DESCONHECIDO⁵¹

FIGURA 35: EDIFÍCIOS NA VILA VERGUEIRO, LOCALIZADOS NA AVENIDA SETE DE SETEMBRO (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

O Bosque é uma ocupação mais recente, iniciada na década de 1980. Sua localização periférica está associada à inserção numa área de preservação ambiental, com grande presença de vegetação nativa, que provavelmente tenha se constituído seu principal diferencial. O Bosque é composto única e exclusivamente por residências unifamiliares e seu maior atrativo continua sendo a proximidade da vegetação nativa, tendo em vista que a cidade de Passo Fundo não conta com atrativos naturais.

⁵⁰ Essa área já aparece delimitada no mapa de 1922, conforme vimos no capítulo III.

⁵¹ Foto disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409639>

FIGURA 36: RUA E RESIDÊNCIA NO BOSQUE LUCAS ARAÚJO (2007)

FONTE: AUTOR DESCONHECIDO⁵²

No II PDDU (1984) a Vergueiro e o Bosque foram tratados da mesma maneira, sendo classificados como ZR-5⁵³; já no PDDI (2006) receberam tratamento diferenciado, sendo a Vergueiro enquadrada como área residencial e o Bosque como área de preservação ambiental, estando localizados respectivamente na Zona Residencial 2 (ZR-2), e na Zona de Ocupação Controlada 2 (ZOC-2). No Bosque, devido a presença de mata nativa e à proximidade de uma Zona de Proteção de Mananciais (ZPM), a TO dos lotes é de apenas 20%, com CA de 0.4, na Vergueiro a TO chega a 40% e o CA 0.8. Os baixos coeficientes de aproveitamento conferem um perfil horizontal aos bairros, onde não é permitido o uso residencial multifamiliar vertical. Na Vergueiro, no entanto, o controle de usos é mais rígido, tolerando somente o uso residencial, já no Bosque são permissíveis alguns usos comerciais (padarias, cafeterias, salões de beleza, etc.), além de serviços de profissionais autônomos, serviços médicos, religiosos e equipamentos culturais. Embora no Bosque os índices urbanísticos sejam mais restritivos devido à vulnerabilidade ambiental da área, a Vila Vergueiro recebe um tratamento diferenciado pelo atual plano diretor, sendo o único bairro exclusivamente residencial de Passo Fundo.

Com relação aos “bairros emergentes” de Passo Fundo, representados pela Vila Fátima pelos Altos da Petrópolis, consideramos que os principais fatores que lhes conferem atualmente certo grau de valorização estão atrelados à sua proximidade de bairros e equipamentos urbanos de prestígio na cidade. A Vila Fátima faz divisa ao sul com a Vergueiro, que por sua vez está conectada ao centro; já a porção nordeste da Petrópolis, que engloba os Altos da Petrópolis e também o Loteamento Cidade Universitária, embora não esteja tão próxima do centro, está próxima à UPF, um dos mais importantes referenciais urbanos de Passo Fundo. Outro fator de destaque, comum as duas áreas, diz respeito ao fato de estarem situadas em partes altas da cidade. O setor imobiliário tem inclusive explorado essa característica não só na Petrópolis, mas também na Vila Fátima, frequentemente denominada pelo setor como “Altos da Fátima”. Além do *marketing* imobiliário, a localização desses bairros em cotas elevadas permite, de fato, visadas interessantes em direção ao centro da cidade (figura 37, p.131).

⁵² Foto disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=409639>

⁵³ Zonas residenciais que admitem TO de 45% e IA=1, permitindo usos residenciais unifamiliar e multifamiliar, alguns tipos de comércio varejista, serviços de educação (creches e escolas maternas) e cultura (auditórios, teatros, etc.) e áreas com instalações permanentes para atividades recreativas.

FIGURA 37: VISTA DO CENTRO A PARTIR DA VILA FÁTIMA E ALTOS DA PETRÓPOLIS (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

No zoneamento urbano do PDDU (1984), boa parte da Vila Fátima e a porção nordeste da Petrópolis foram definidas como Zona Residencial 4 (ZR-4), admitindo uso residencial horizontal e vertical, comercial e de serviços, com $IA=1$, que freava a verticalização desses bairros. Porém, o entorno da Rua Dona Eliza, na Vila Fátima foi classificado como ZR-1, admitindo IA de até 2.4 e usos mais variados.

Em 2006, com o PDDI, a Vila Fátima recebeu o mesmo tratamento dado ao entorno do centro, a Vila Rodrigues, por exemplo, e ao entorno da Avenida Brasil, nas direções leste e oeste. Classificada como ZOI-2, a Vila Fátima faz parte das zonas adensáveis, em que é permitido um CA de 3.6, e taxa de ocupação de 60% a 80% do lote, o que significa que essa área é passível de adensamento e verticalização. Os usos permitidos são residencial unifamiliar e multifamiliar vertical e comercial. Já o nordeste da Petrópolis é definido como Zona de Ocupação Extensiva (ZE), onde se permite os usos residencial unifamiliar e multifamiliar (horizontal e vertical) e alguns usos comerciais. Na ZE o CA é 0.8 e a TO 60%.

Diante desses índices, a tendência é que a Vila Fátima venha, nos próximos anos, se adensar e verticalizar, o que justifica a valorização dos lotes e o grande interesse do setor imobiliário. A área conhecida como Altos da Petrópolis, no entanto, tende a manter um padrão de ocupação mais horizontal e menos denso, porém também em crescente valorização devido à proximidade da UPF e também ao fácil acesso à Avenida Brasil.

6.3. OS SETORES DE BAIXA RENDA

Os bairros residenciais das camadas de baixa renda se distribuem por toda a cidade, em especial na periferia. No entanto, assim como a porção centro-norte da cidade se destaca como local de moradia da elite passo-fundense, percebe-se uma maior concentração de bairros de baixa renda a oeste, nos setores urbanos Santa Martha, Integração, Valinhos, embora haja também ocupações com as mesmas características nos setores Zacchia, ao norte, e nos setores São José e São Luiz Gonzaga, a leste.

As localizações dos setores de baixa renda na cidade resultam basicamente da impossibilidade de escolha de onde morar pelas famílias pobres, que acabam ocupando as áreas menos valorizadas, rejeitadas pelas classes média e alta. Já a formação desses setores resulta basicamente de três processos, que podem ocorrer simultaneamente, mas têm naturezas distintas, estando vinculados, no primeiro caso à produção privada de loteamentos; no segundo à produção de conjuntos habitacionais pelo Estado, e no terceiro às ocupações irregulares, caracterizadas pelas invasões de áreas públicas ou privadas. No capítulo III, definimos a produção de loteamentos periféricos privados, a partir da década de 1950, como fator determinante à consolidação do modelo de segregação centro-periferia; a partir daqui destacaremos a atuação do Estado como agente promotor de habitação de interesse social, e também as ocupações irregulares, estruturadas à margem do mercado e do Estado, como processos complementares ao primeiro, que se estruturam de forma complementar.

6.3.1. OS CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL

Observando o mapa 31 (p. 132), constatamos que a maioria dos conjuntos habitacionais estão localizados na porção oeste da cidade, nos setores Boqueirão, Integração, Santa Martha e Zacchia, os últimos três já caracterizados anteriormente como áreas predominantemente ocupadas por camadas de baixa renda.

Barbosa (2010) observa que os investimentos em habitação social em Passo Fundo sempre estiveram vinculados a programas federais, executados de forma articulada com os governos estadual e municipal. A produção de conjuntos habitacionais se inicia na década de 1960, e se estende até os dias de hoje. Até 1990 essa produção esteve vinculada a COHAB-RS, passando posteriormente a ser encampada pela PMPF, atualmente a produção tem se dado no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV. A seguir, abordaremos as especificidades dessa produção, considerando os diferentes programas e agentes operadores.

PASSO FUNDO HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

— PERÍMETRO URBANO
— VIAS ESTRUTURAIS
— FERROVIA

0 500 1500 3000m

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR
DADOS: PMPF; PLHIS; KALIL (2003)

COHAB-RS

1. NH LUCAS ARAÚJO (1966)
2. NH VILA PLANALTINA (1972)
3. NH EDMUNDO TREIN (1979/1981)
4. NH LUIZ SECCHI (1983)
5. NH JOSÉ ALEXANDRE ZACCHIA (1984)

PROGRAMA DE ARRENDAMENTO RESIDENCIAL - PAR

1. PAR PETRÓPOLIS (2004)
2. PAR BOQUEIRÃO (2005/2006)
3. PAR HÉLIO TOLDO (2006)
4. PAR VERA CRUZ (2007)

PROGRAMAS MUNICIPAIS

1. NH JABOTICAL/ALVORADA (1993)
2. NH MANOEL DA SILVA CORRALO (1996)
3. VILA BOM JESUS (1996)
4. NH LEÃO XIII (1998)
5. NH SCHISLER (2000)
6. VILA DONÁRIA (2006)
7. PARQUE DO SOL (2007)
8. RECREIO (2007)
9. LOTEAMENTO BOM JESUS* (EM ANDAMENTO)

* SOMENTE URBANIZAÇÃO DE LOTES

PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA - PMCMV

1. DONÁRIA II (2010)
2. RECANTO PLANALTINA (EM ANDAMENTO)
3. JARDINS NATIVOS
BOSQUE DAS CEREJAS (EM ANDAMENTO)
BOSQUE DAS PITANGAS (EM ANDAMENTO)
4. BOM JESUS
5. LOTEAMENTO CANAÃ

MAPA 31

■ A PRODUÇÃO DA COHAB-RS

A COHAB-RS construiu, entre 1966 e 1990, mais de 2000 unidades habitacionais em Passo Fundo, sendo a atuação da companhia bastante expressiva nas décadas de 1970 e 1980.

“Em Passo Fundo, diversos empreendimentos habitacionais tiveram a participação direta da Cohab-RS por meio do escritório regional aqui sediado e mesmo em períodos anteriores à década de 1960. Em sua maioria, trata-se de núcleos habitacionais na modalidade tradicional, com projeto-padrão e construção por empreiteiras, posteriormente financiados pelo BNH para mutuários anteriormente cadastrados.” (KALIL, 2003, p.4)

PASSO FUNDO: PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL - COHAB-RS						
PROGRAMA/NÚCLEO HABITACIONAL (NH)	ANO	UNIDADES			RENDA	RECURSOS
		CASA	APTO	TOTAL		
1. NH LUCAS ARAÚJO	1966	51	0	51	2 A 5 S.M.	FED (BNH)
2. NH VILA PLANALTINA	1972	52	0	52	2 A 5 S.M.	FED (BNH)
3. B-T.P. IV primeira etapa	1977	37	0	37	*	FED (BNH)
4. Diversos FICAM I	1978	40	0	40	*	FED (BNH)
5. Diversos FICAM II	1979	48	0	48	*	FED (BNH)
6. NH Edmundo Trein	1979/81	550	224	774	2 A 5 S.M.	FED (BNH)
7. NH Luiz Secchi	1983	312	0	312	2 A 5 S.M.	FED (BNH)
8. NH José Alexandre Zacchia	1984	620	0	620	0 A 3 S.M.	FED (BNH)
9. Unidades isoladas FICAM	1987	114	0	114	*	FED (BNH)
10. FICAM V	1990	47	0	47	*	FED (BNH)
TOTAL				2095		

TABELA 21

FONTE: KALIL (2003)

* DADO INDISPONÍVEL

Os conjuntos Edmundo Trein, Luiz Secchi e José Alexandre Zacchia são os maiores núcleos habitacionais construídos pela COHAB, caracterizando-se como importantes vetores de expansão urbana nas direções oeste e norte da cidade, a partir da década de 1980.

Os conjuntos Edmundo Trein e Luiz Secchi, ainda conhecidos popularmente como COHAB I e COHAB II, respectivamente, estão localizados no setor 2 – Boqueirão. Esses conjuntos contemplaram populações da mesma faixa de renda, de 2 a 5 salários mínimos, resultando assim num padrão construtivo e socioeconômico semelhante.

O Edmundo Trein é o maior conjunto da COHAB (774 unidades) e o único em que foram implantados também edifícios de apartamentos. Os 224 apartamentos, todos de dois dormitórios, se distribuem em 14 blocos de 4 pavimentos; as 550 casas ocupam lotes de 236 a 303m², e se caracterizam por 3 tipologias distintas - 2 dormitórios (31m²), 3 dormitórios (42m²) e 4 dormitórios (52m²). As casas de 2 dormitórios representavam 82.54 % do total de unidades. O núcleo habitacional Luiz Secchi é horizontal e se caracteriza por residências unifamiliares, construídas de acordo com duas tipologias: 2 dormitórios (36m²) e 3 dormitórios (42m²). As casas de 2 dormitórios perfazem 88.46% do total. (KALIL, 2003, p. 6)

No início da década de 1980, as localizações desses conjuntos eram consideradas periféricas em relação ao centro, atualmente os conjuntos estão totalmente incorporados à malha urbana e são bem servidos

de infra-estrutura e equipamentos urbanos. A comparação das figuras 38 (p.135) e 39 (p.136) nos permite constatar que os vazios urbanos no entorno da COHAB I foram quase que totalmente ocupados, tendo havido também adensamento e expansão da malha urbana na direção oeste do conjunto (setor Nenê Graeff). Já o entorno do bairro Secchi ainda permanece pouco urbanizado, sendo uma das últimas áreas lindeiras à Avenida Brasil ainda livres. Do ponto de vista legal, não há nenhum impedimento que impeça a ocupação da área, uma vez que o PDDI a classifica como ZE – Zona de Ocupação Extensiva, sendo permitidos os usos habitacional, comercial (varejista) e de serviços e alguns tipos de usos industriais. Possivelmente essa área constitui-se num vazio urbano especulativo.

FIGURA 38 – CONJUNTOS HABITACIONAIS COHAB I E II (1984)

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR | BASE GOOGLE EARTH (2007)

FIGURA 39 – CONJUNTOS HABITACIONAIS COHAB I E II (2007)

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR | BASE GOOGLE EARTH (2007)

Na porção noroeste da cidade, o Bairro José Alexandre Zacchia, setor 16, implantado na margem norte da BR 285, em 1984, é até hoje um dos bairros mais carentes de Passo Fundo. Com 620 casas, é o segundo maior conjunto da COHAB em número de unidades e talvez o mais emblemático exemplo da institucionalização da segregação dos pobres por parte do poder público. O Zacchia, destinado à população que recebia até 3 salários mínimos, fez parte do Programa de Erradicação da Subabitação – PROMORAR, implementado pela COHAB, que tinha por objetivo realocar a população removida de ocupações irregulares na cidade. (KALIL, 2003, p.8)

As 620 unidades entregues eram do tipo embrião, composto por um banheiro e mais um cômodo, com área construída variando entre 18.97m² e 20.12m². Ampliações posteriores foram deixadas a cargo dos mutuários, que as fizeram majoritariamente em regime de auto-construção, dadas suas escassas possibilidades econômicas.

FIGURA 40 – ZACCHIA: UNIDADES HABITACIONAIS TIPO “EMBRIÕES” (1988)

FONTE: KALIL (2003)

O Zacchia foi implantado em área rural, somente vindo a ser incorporado ao perímetro urbano com o PDDI (2006), sendo sua localização extremamente periférica associada à baixíssima qualidade das edificações e às carências de infra-estrutura e equipamentos urbanos. Para Kalil (2003, p. 9)

“O núcleo, isolado e distante do centro urbano, ocupado massivamente por população de baixa renda removida de seus locais de origem, criou um processo de marginalização e conflitos internos e externos que estigmatizaram o local e seus habitantes.”

O Bairro José Alexandre Zacchia se expandiu e se urbanizou nas últimas décadas, principalmente por intermédio das reivindicações populares em prol de infra-estrutura e equipamentos urbanos. No entanto, ainda que tenha recebido alguns investimentos públicos importantes nos últimos anos⁵⁴, as carências materiais persistem e se manifestam nos altos índices de criminalidade do bairro⁵⁵. Diferentemente dos conjuntos Edmundo Trein e José Sechi, no Boqueirão, a inserção periférica do Zacchia permanece como um empecilho a sua efetiva integração ao restante da cidade, tanto que o Zacchia é o único bairro da cidade que compõe sozinho um setor urbano, os demais são compostos por um conjunto de bairros e vilas.

A condição de isolamento do bairro é sensivelmente agravada pela presença da BR-285, rodovia de fluxo intenso, que caracteriza uma ruptura de difícil transposição entre o bairro e o restante da cidade. Além disso, há também o problema das ocupações irregulares no entorno do bairro, questão que discutiremos no item 6.3 desse capítulo.

FIGURA 41: JOSÉ ALEXANDRE ZACCHIA – VISTA AÉREA (2010)

FONTE: RONALDO CZAMANSKI

⁵⁴ Em 2008 foi inaugurada uma unidade básica de saúde no bairro.

⁵⁵ Desde novembro de 2011, o Zacchia e o setor Integração têm sido alvo do programa Territórios da Paz, vinculado à Secretaria Estadual de Segurança Pública. “Com o programa, espera-se amenizar problemas de drogadição, tráfico e pequenos delitos nestes locais. As ações já estão atingindo uma comunidade de aproximadamente 20 mil pessoas nesses dois bairros”. (Jornal O Nacional, 16/01/12)

■ A PRODUÇÃO MUNICIPAL

Segundo Kalil (2003), desde a década de 1960 a PMPF vem atuando de forma complementar na produção de habitação social. Até a década de 1980, período em que predominou a produção da COHAB, a atuação da prefeitura esteve relacionada principalmente à doação de lotes e oferta de infraestrutura urbana. No entanto, a partir da década de 1990 a questão habitacional passa a ser uma prioridade da gestão municipal⁵⁶.

Dessa maneira, a partir da década de 1990 os programas municipais de provimento de habitação social passam a ser implementados pela PMPF, que produziu, desde então, 733 novas unidades habitacionais, urbanizou 100 lotes, construiu 141 unidades emergenciais e efetuou 110 melhorias. Ainda assim, a produção municipal corresponde a aproximadamente 50% da produção da COHAB, que construiu 2095 unidades habitacionais entre 1966 e 1990.

PASSO FUNDO: PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL - PMPF							
PROGRAMA/NÚCLEO HABITACIONAL (NH)	ANO	UNIDADES			RENTA	RECURSOS	
		ISOLADAS	EMERGENCIAIS	MELHORADAS	TOTAL		
NH JABOTICABAL/ALVORADA	1993	73	48	65	186	*	EST/MUN
PROGRAMA HABITAR BRASIL	1994	200	0	0	200	1 A 4 S.M.	FED
PRÓ-MORADIA - NH MANOEL DA SILVA CORRALO	1996	58	0	0	58	1 A 3 S.M.	FED
PRÓ-MORADIA - LOTES ISOLADOS	1996	49	0	0	49	*	FED /MUN
PRÓ-MORADIA - VILA BOM JESUS	1996	55	0	45	100	*	FED
EMERGENCIAL - VILA ENTRERIOS	1996	0	45	0	45	*	MUN
PRÓ-MORADIA - NH LEÃO XIII	1998	34	0	0	34	*	FED
HABITAR BRASIL II - NH RUA DA BRIGADA MILITAR	1998	56	0	0	56	*	FED
HABITAR BRASIL - NH SHISLER	2000	32	0	0	32	*	FED
VILA DONÁRIA	2006	20	0	0	20	*	FED /MUN
PARQUE DO SOL	2007	100	0	0	100	ATÉ 3 S.M.	FED (PAC)
RECREIO	2007	30	0	0	30	*	FED /MUN
LOTEAMENTO BOM JESUS**	2008	100	0	0	100	*	FED (PAC)
PULVERIZADAS***	2007/09	26	0	0	26	*	FED /MUN
TOTAL					1036		

TABELA 22

FONTE: KALIL (2003), PLHIS (2009)

* DADO INDISPONÍVEL ** SOMENTE URBANIZAÇÃO DE LOTES *** CASAS DISTRIBUIDAS EM VÁRIOS BAIRROS

⁵⁶ A questão habitacional é apontada como uma das prioridades municipais na Lei Orgânica de 1990; e em 1993 é aprovada pela Câmara de Vereadores a lei nº 2 862, de 30 de abril, que cria o Conselho Municipal de Habitação e do Bem-Estar Social - CMHBES - e o Fundo Municipal de Habitação e do Bem-Estar Social - Fumhbes. Em 2001 foi criada a Secretaria de Habitação da PMPF – SEHAB, como parte de uma reestruturação das secretarias do governo municipal. (KALIL, 2003, p. 13)

Kalil (2003, p. 14) observa que os “programas habitacionais municipais têm se localizado em áreas periféricas de propriedade do governo municipal ou por ele adquiridas, ou beneficiam áreas de risco possíveis de reurbanização e melhoramentos.”

Na década de 1990, através do programa Habitar Brasil, do governo federal, a PMPF viabilizou a construção de 200 unidades habitacionais dispersas pela cidade, cujo requisito era possuir um lote urbanizado e renda entre 1 e 4 salários mínimos. A prefeitura forneceu materiais de construção e apoio técnico à execução do projeto de um módulo funcional básico, de 30.84m², com possibilidade de ampliação.

Os núcleos Jaboticabal/Alvorada, Bom Jesus e Leão XIII foram implantados em áreas já ocupadas irregularmente. Nesses casos a PMPF promoveu a realocação de populações que moravam em área de risco para novas habitações situadas nas imediações das áreas invadidas. No Jaboticabal, o programa construiu embriões (sala, cozinha e banheiro), com 28.73m², pelo sistema de mutirão. Nos conjuntos Bom Jesus e Leão XIII as casas têm, respectivamente, 30.37m² e 38.70m² e contam com dois dormitórios.

Na década de 2000, entre os maiores investimentos está a construção de 100 casas populares no Loteamento Parque do Sol, no setor Integração, nas proximidades da rodovia RS-324, com tipologia padrão de 49.76m² (figura 42). Embora mantenha a mesma lógica locacional periférica dos demais conjuntos, as unidades habitacionais construídas no Parque do Sol apresentam avanços relativos às técnicas construtivas se comparadas aos demais conjuntos até então implantados. As casas foram construídas em concreto leve polimerizado, a partir da modelagem *in loco* de todas as paredes em uma única etapa, modeladas em formas que reservam espaço para tubulações, esquadrias e armaduras. Essa técnica, além de minimizar o tempo de execução, proporciona melhor desempenho térmico-acústico às edificações, e incorporar princípios de sustentabilidade como, por exemplo, a diminuição de resíduos sólidos da obra. (GELPI, KALI, 2010)

FIGURA 42: PARQUE DO SOL (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO / RENATO PEQUENO

■ PROGRAMA DE ARRENDAMENTO RESIDENCIAL - PAR

O PAR é um programa habitacional federal vinculado ao Ministério das Cidades, operacionalizado pela Caixa Econômica Federal, e financiado com recursos do Fundo de Arrendamento Residencial - FAR⁵⁷. O programa se destina às capitais dos estados e cidades com população urbana de pelo menos 100.000 habitantes, contemplando a população com faixa de renda de até 6 salários mínimos. Nesse programa, a Caixa Econômica Federal é proprietária dos imóveis por 15 anos⁵⁸, período em que os arrendatários devem pagar uma prestação mensal para no final desse prazo adquirir o título de propriedade do imóvel. Ao poder público cabe prover infra-estrutura básica, facilitar os trâmites legais, apontar áreas prioritárias à construção dos conjuntos e selecionar as famílias beneficiárias.

Na década de 2000, através do PAR, foram construídos cinco conjuntos habitacionais em Passo Fundo, perfazendo 836 unidades. A produção é restrita a apartamentos de dois dormitórios, com 37m² de área construída e, em todos os casos, a PMPF fez a doação dos lotes e selecionou os beneficiários. As obras ficaram ao encargo de construtoras privadas, contratadas diretamente pela Caixa Econômica Federal.

PASSO FUNDO: PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL - PAR						
	ANO	UNIDADES			RENDAS	RECURSOS
		CASA	APTO	TOTAL		
PAR PETRÓPOLIS	2004	0	96	96	*	FED
PAR BOQUEIRÃO I	2005	0	180	180	2 A 5 S.M.	FED
PAR BOQUEIRÃO II	2006	0	180	180	2 A 5 S.M.	FED
PAR HÉLIO TOLDO	2006	0	200	200	1,5 A 3 S.M.	FED
PAR VERA CRUZ	2007	0	180	180	2 A 5 S.M.	FED
TOTAL				836		

TABELA 23

FONTE: PLHIS (2009)

* DADO INDISPONÍVEL

Embora não apresentem projeto urbanístico e arquitetônico satisfatórios, os conjuntos do PAR avançam em relação às localizações, estando melhor distribuídos pela cidade, e em áreas menos periféricas se comparados aos conjuntos construídos pela COHAB e pela PMPF. Os “PAR”, como são conhecidos pela população, estão situados próximos a vias estruturais e dentro do anel viário principal⁵⁹, em áreas urbanizadas, nos setores Petrópolis (PAR Petrópolis), São Luiz Gonzaga (PAR Hélio Toldo), Boqueirão (PAR Boqueirão) e Vera Cruz (PAR Vera Cruz).

Os conjuntos PAR se inseriram de forma marcante na paisagem, por constituírem áreas verticais em bairros predominantemente horizontais, tornando-se assim referenciais urbanos, sendo também responsáveis pelo adensamento dessas áreas, que recebem um incremento populacional considerável.

⁵⁷ Recursos transferidos do OGU – Orçamento Geral da União, de acordo com a estimativa do déficit habitacional urbano para as famílias com renda até R\$ 1.600,00, considerando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, referente ao ano de 2008.

⁵⁸ No entanto, depois dos 5 primeiros anos de prestações pagas, os arrendatários têm a possibilidade de quitar o restante do saldo devedor, tornando-se assim proprietários do imóvel.

⁵⁹ Conformado pelas rodovias RS-324 (perimetrais oeste e sul), perimetral leste e BR-285 (norte).

FIGURA 43: PAR BOQUEIRÃO (2011) E PAR VERA CRUZ (2011)

FONTE: DIEGO FERRETTO

Após a execução desses quatro empreendimentos, o PAR deixou de ser aplicado em Passo Fundo, cedendo lugar aos financiamentos vinculados ao Programa Minha Casa Minha Vida - PMCMV. Segundo o superintendente⁶⁰ regional da Caixa Econômica Federal, o fato de a Caixa permanecer como proprietária dos imóveis por pelo menos cinco anos, a obrigava a gerir os condomínios, por meio de contratação de empresas administradoras. Pelo PMCMV, a figura do arrendatário deixa de existir e as responsabilidades pelo condomínio passam a ser de imediato dos proprietários. A seguir, veremos a produção de habitação social vinculada ao PMCMV.

▪ PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA - PMCMV

O Programa Minha Casa Minha Vida, lançado pelo governo federal em março de 2009 (regulamentado pela lei 11.977 de 07/07/2009) tem objetivo de construir dois milhões de unidades habitacionais até 2014, para famílias com renda bruta de até 5.000 reais mensais. Em Passo Fundo, o programa têm tido grande repercussão e aquecido o mercado imobiliário, em 2011 foram fechados 1.224 contratos, envolvendo 73.2 milhões de reais. (Jornal O Nacional, 28/12/2011)

Há duas modalidades do programa destinadas à produção de habitação de baixa renda, com rendimento mensal de até três salários mínimos. A primeira delas, PMCMV - Recursos FAR, é viabilizada como recursos do Fundo de Arrendamento Residencial – FAR (o mesmo recurso utilizado no programa PAR), em que a execução das obras é realizada por uma construtora contratada pela Caixa Econômica Federal. A segunda modalidade, denominada PMMV – Entidades, utiliza recursos do Fundo de Desenvolvimento Social – FDS, sendo a obra executada por uma cooperativa ou entidade sem fins lucrativos. Em Passo Fundo há empreendimentos enquadrados nas duas modalidades.

⁶⁰ Sr. Ruben Valter Grams, em matéria publicada no Jornal Diário da Manhã, em 07/10/2010.

PASSO FUNDO: PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL - PMCMV					
PMCMV-RECURSOS FAR					
SETOR URBANO / BAIRRO / EMPREENDIMENTO	ANO CONCLUSÃO	UNIDADES			RENDA
		CASA	APTO	TOTAL	
SETOR PLANLATINA - PLANALTINA - RES. RECANTO PLANALTINA	EM ANDAMENTO	0	220	220	0 A 3 S.M.
SETOR SANTA MARTHA - DONÁRIA - DONÁRIA II	2010	58	0	58	0 A 3 S.M.
SANTA MARTHA - DONÁRIA - BOSQUE DAS CEREJAS	EM ANDAMENTO	24	0	24	0 A 3 S.M.
SETOR SANTA MARTHA - DONÁRIA - BOSQUE DAS PITANGAS	EM ANDAMENTO	24	0	24	0 A 3 S.M.
PMCMV-ENTIDADES					
SETOR PLANALTINA - BOM JESUS	EM ANDAMENTO	100	0	100	0 A 3 S.M.
SETOR SÃO JOSÉ - LOTEAMENTO CANAÃ	EM ANDAMENTO	100	0	100	0 A 3 S.M.

TABELA 24

FONTE: PLHIS (2009), CONSTRUTORA PRIORI

No momento, com recursos do programa MCMV-FAR, há três empreendimentos na cidade voltados à baixa renda, um já entregue e os outros em andamento. Em 2010 foram entregues 58 casas na Vila Donária, construídas pela Construtora Priori, em terreno doado pela PMPF. Também em terreno doado pela prefeitura, devem ser entregues até julho de 2012, 220 apartamentos na Vila Planatina, em condomínio denominado Recanto Planaltina, construído pela construtora Konkretus, de São Leopoldo. Os 220 apartamentos da Planaltina têm área construída de 37.03m² e dois dormitórios.

FIGURA 44: DONÁRIA II E RECANTO PLANALTINA

FONTE: RENATO PEQUENO/ ARQUIVO JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ

Ainda com recursos FAR, porém em lotes próprios⁶¹, a construtora Priori deverá entregar, nos próximos meses, 48 casas⁶², sendo 24 unidades no Condomínio Bosque das Cerejas, e as outras 24 no Condomínio Bosque as Pitangas. Esses condomínios fazem parte de um empreendimento maior, denominado Jardins Nativos, onde está prevista a construção de 1000 unidades habitacionais, em 16 condomínios. Segundo informações da Construtora Priori, das 1000 unidades, 215 serão viabilizadas com recursos FAR, para população com rendimento de até 3 salários mínimos; 115 unidades serão construídas com recursos do FGTS, para população com renda entre 4 e 10 salários mínimos; e 670 unidades (distribuídas em edifícios de dois pavimentos) ainda não têm destinação certa referente à faixa de renda beneficiada e

⁶¹ Nesse caso é responsabilidade da PMPF efetuar as obras de infra-estrutura necessárias e indicar as famílias beneficiárias do programa a partir de cadastro da SEHAB.

⁶² Geminadas, com dois dormitórios e área construída de 50.45m².

origem dos recursos. O prazo de construção das 1000 unidades habitacionais é de 2 anos e o sistema construtivo utilizado é o Tecnometla, com paredes de concreto leve moldadas *in loco*.

Dentro do PMCMV- Entidades há pelo menos dois projetos em andamento em Passo Fundo. Na Vila Bom Jesus (Setor Planaltina) estão em construção 100 casas em lotes urbanizados pela PMPF com recursos federais do PAC (tabela 24). Trata-se de um projeto piloto do programa no município, que vem sendo executado pela cooperativa habitacional Bom Fim, de São Leopoldo. O projeto está vinculado ao Movimento Nacional da Luta pela Moradia – MNLM. As casas tem 72m² e 3 dormitórios.

Junto ao loteamento Leonardo Ilha (Setor São José) está prevista a construção de 210 casas em um novo loteamento (a ser construído) denominado Canaã . O empreendimento, encampado pelo Grupo de Mulheres Unidas Venceremos⁶³, ocupará uma área de 9.5 ha e o custo estimado é de 10 milhões de reais. As casas terão 42m² e dois dormitórios.

6.4. OCUPAÇÕES IRREGULARES

Caracterizamos as ocupações irregulares como uma terceira modalidade de produção de habitação para baixa renda, juntamente à implantação de loteamentos pelo setor privado e à produção de habitação social empreendida pelo Estado. As ocupações irregulares de baixa renda⁶⁴, no entanto, não seguem as lógicas do mercado, pelo menos do mercado formal, e nascem à margem de qualquer planejamento ou legislação municipal. Para Corrêa (2005, p. 30)

“É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade.”

Sobre as ocupações irregulares encontramos pouco material de referência para que pudéssemos traçar seu perfil evolutivo, como fizemos, por exemplo, para os conjuntos habitacionais. Assim, organizamos nossa abordagem a partir de levantamentos recentes realizados pela PMPF, pelo IBGE e pelo grupo de trabalho Cidade de Todos, que investiga o problema habitacional na beira-trilho.

⁶³ O Grupo “Mulheres Unidas Venceremos” foi fundado em 1999 para atender as demandas sociais do Loteamento Leonardo Ilha. O Grupo construiu uma creche, que atualmente atende 45 crianças, se dedica também à alfabetização de adultos e cursos de capacitação profissional, e a partir de 2006 tem trabalhado com projetos voltados à provisão de habitação social, primeiramente o grupo obteve um financiamento junto ao governo federal para ser empregado em melhorias de 40 casas, e desde 2009 vem trabalhando para a viabilização do Loteamento Canaã. O projeto foi aprovado pelo Ministério das Cidades, através do PMCMV-Entidades em 19/12/2011. (Jornal Diário da Manhã, 27/12/2011)

⁶⁴ Sabemos que em algumas cidades as ocupações irregulares de alta renda são uma constante, estando frequentemente associadas à implantação de loteamentos ou condomínios fechados em áreas ambientalmente frágeis, como encostas de morros ou mangues. Em Passo Fundo, no entanto, não tomamos conhecimento de nenhum caso do gênero, portanto nos deteremos nas ocupações irregulares de baixa renda.

Destacamos, entre os levantamentos existentes, o Plano Local de Habitação de Interesse Social - PLHIS⁶⁵, elaborado por consultoria externa sob encomenda da PMPF, por trazer um diagnóstico completo e aprofundado da questão habitacional em Passo Fundo.

Ressaltamos, no entanto, que dada a diversidade de fontes e critérios utilizados nos levantamentos, os resultados não são diretamente comparáveis, mas ainda assim, se analisados de forma complementar são capazes de nos fornecer uma visão de conjunto dos problemas habitacionais de Passo Fundo.

Organizamos nossa abordagem em duas partes: em primeiro lugar, estabelecemos uma primeira aproximação quantitativa e qualitativa do déficit habitacional; em segundo lugar, abordamos sua repercussão espacial na cidade, destacando suas localizações na estrutura urbana.

6.4.1. DÉFICIT E INADEQUAÇÃO HABITACIONAL

A partir de dados da Fundação João Pinheiro - FJP (tabela 25, p.145), o PLHIS aborda os problemas habitacionais de Passo Fundo de acordo com dois conceitos: o déficit habitacional⁶⁶, caracterizado pela necessidade de construção de novas moradias; e a inadequação de domicílios urbanos, que indica condições indesejáveis de habitabilidade, porém sem significar necessidade de construção de novas moradias. Para a inadequação habitacional pode haver sobreposição de variáveis, diferentemente do déficit habitacional.

Segundo essa classificação, a FJP aponta, a partir de dados do censo 2000, um déficit habitacional urbano de 6.44% dos domicílios passo-fundenses, que corresponde a 3.097 unidades. Assim como se dá na microrregião, no estado e no país, o problema mais recorrente é a coabitação, que ocorre em 91.35% dos domicílios que compõem o déficit.

Já a inadequação habitacional atinge 33.731 domicílios, 40.17 % do total, em 2000, índice preocupante frente ao estado e ao país, que tem respectivamente, 64.33% e 58.87% dos domicílios adequados. A carência de infra-estrutura é o principal problema de inadequação habitacional, abarcando 56.45% desses domicílios. Nesse aspecto, Passo Fundo e microrregião apresentam índices expressivos frente ao estado e ao país. O PLHIS aponta que “Segundo gestores municipais, o principal problema de carência de infra-estrutura em Passo Fundo, está relacionado ao sistema de esgotamento sanitário.” (2009, p.56)

⁶⁵ O PLHIS foi elaborado pela empresa Latus – Consultoria, Pesquisa e Assessoria de Projetos Ltda, com sede em Porto Alegre, entre 2009 e 2010. “Elaborado em consonância com a Política Nacional, [o PLHIS], juntamente com o Conselho e o Fundo Local de Habitação, é requisito básico para que um município possa ter acesso a recursos financeiros do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social”. (PLHIS, 2009, p.16)

⁶⁶ Há três componentes do déficit habitacional: domicílios rústicos (não apresentam paredes de alvenaria ou madeira aparelhada, o que resulta em desconforto para seus moradores e risco de contaminação por doenças); domicílios improvisados (locais destinados à fins não residenciais, mas que servem de moradia); coabitação familiar (compreende a soma das famílias conviventes secundárias que vivem junto à outra família em um mesmo domicílio e das que vivem em cômodos, cedidos, alugados ou próprios). (PLHIS, 2009, p. 48)

PASSO FUNDO: PROBLEMAS HABITACIONAIS (2000)								
DÉFICIT HABITACIONAL URBANO BÁSICO								
	IMPROVISADO	%	COHABITAÇÃO	%	RÚSTICO		TOTAL	%
PASSO FUNDO	129	4.17	2.829	91.35	139	4.49	3.097	6.44
MICRORREGIÃO	175	4.07	3.974	92.33	155	3.60	4.304	6.31
RIO GRANDE DO SUL	6.094	3.60	149.327	88.28	13.730	8.12	169.151	6.74
BRASIL	11.08	3.52	3.243.863	78.35	750.551	18.13	4.140.088	13.15
INADEQUAÇÃO HABITACIONAL URBANA								
	INADEQUAÇÃO FUNDIÁRIA		ADENSAMENTO EXCESSIVO		DOMICÍLIO SEM BANHEIRO		CARÊNCIA DE INFRA-ESTRUTURA	
	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%
PASSO FUNDO	3.118	6.48	1.768	3.67	1.686	3.50	27.159	56.45
MICRORREGIÃO	4.135	6.06	2.005	2.94	2.200	3.23	37.610	55.15
RIO GRANDE DO SUL	249.135	9.92	102.810	4.07	119.798	4.77	669.027	26.64
BRASIL	2.173.068	5.82	2.839.170	7.6	3.215.997	8.61	11.992.535	32.09

TABELA 25

FONTE: PLHIS (A PARTIR DE DADOS DA FJP)

Analisando a composição do déficit e da inadequação habitacional por classes de renda (tabela 26, p.145) o PLHIS demonstra que tanto em nível municipal, quanto estadual e nacional, a maior concentração de problemas habitacionais está entre as famílias que recebem até três salários mínimos. Analisando o caso específico de Passo Fundo, a única exceção diz respeito aos domicílios improvisados, em que há maior concentração entre as classes de média-alta renda, para essa peculiaridade o plano não encontrou nenhuma explicação, no entanto. Já a inadequação de infra-estrutura chama atenção não só pelos altos índices, mas também por caracterizar-se como um problema habitacional também para as famílias de alta renda.

PASSO FUNDO: PROBLEMAS HABITACIONAIS POR CLASSE DE RENDA (2000)				
DÉFICIT HABITACIONAL URBANO BÁSICO				
	ATÉ 3 S.M. (%)	3- 5 S.M. (%)	5-10 S.M. (%)	MAIS DE 10 S.M. (%)
DOMICÍLIOS IMPROVISADOS	30.23	10.85	58.14	0.78
FAMÍLIAS CONVIVENTES	69.55	16.58	10.19	3.68
CÔMODOS	65.68	24.26	10.06	
INADEQUAÇÃO HABITACIONAL URBANA				
	ATÉ 3 S.M. (%)	3- 5 S.M. (%)	MAIS DE 5 S.M. (%)	
INADEQUAÇÃO FUNDIÁRIA	46.15	22.35	31.49	
ADENSAMENTO EXCESSIVO	60.86	21.21	17.93	
DOMICÍLIOS SEM BANHEIRO	87.13	8.36	4.51	
CARÊNCIA DE INFRA-ESTRUTURA	38.57	21.56	39.87	

TABELA 26

FONTE: PLHIS (A PARTIR DE DADOS DA FJP)

Segundo a PMPF, de acordo com cadastramento efetuado pela Secretaria da Habitação, em setembro de 2009, o déficit habitacional de Passo Fundo estaria em 4.264 domicílios, e a inadequação habitacional em 1.171 domicílios. O déficit habitacional se aproxima daquele levantado pela FJP, e atualizado pelo PLHIS, já a inadequação habitacional para a PMPF contempla um número bem menos expressivo que aquele apontado pela FJP, em funções dos critérios adotados.

6.4.2. A LOCALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS HABITACIONAIS NA CIDADE

Para definir as localizações das ocupações irregulares, que representam os principais problemas habitacionais de Passo Fundo, nos utilizamos de três fontes de informação: o cadastro de ocupações irregulares da PMPF, o estudo “Beira Trilhos”, e a classificação dos aglomerados subnormais do censo 2010, do IBGE.

Segundo Secretaria de Habitação da PMPF, em setembro de 2009 havia pelo menos 27 ocupações irregulares na cidade (tabela 27, p.147). Entre elas, tem destaque às ocupações na Vila Bom Jesus, Victor Issler, Vila Ipiranga e Entre Rios, por agruparem as maiores quantidades de lotes. Três das cinco maiores resultam da ocupação de áreas verdes.

Embora não tenhamos tido acesso a um mapa com a localização precisa das ocupações, segundo informações da SEHAB, a maioria delas corresponde às ZEIS, delimitadas no PDDI (2006). A partir do mapa 32, observamos grande concentração de ZEIS nos setores Integração e Santa Martha, porção oeste da cidade, no setor Zacchia, ao norte, e também ao longo da ferrovia, nas porções norte (setores Vera Cruz, Valinhos e Victor Issler) e sudoeste (setor São Luiz Gonzaga) da cidade. Há ZEIS também nos setores Cruzeiro, Petrópolis, Lucas Araújo e Exposição. Observando a foto aérea⁶⁷ constatamos que muitas ZEIS correspondem efetivamente a ocupações irregulares, caracterizadas pela inexistência de padrões urbanísticos, enquanto outras delimitam áreas ainda desocupadas, para as quais a PMPF reserva para algum projeto futuro.

⁶⁷ Base Google Earth (2007)

PASSO FUNDO: OCUPAÇÕES IRREGULARES				
	VILA/BAIRRO	SETOR URBANO	Nº LOTES	DESCRIÇÃO
1	VILA IPIRANGA	9 – INTEGRAÇÃO	123	INVASÃO EM ÁREA VERDE
2	BAIRRO Nª SENHORA APARECIDA	8 - SANTA MARTHA	32	INVASÃO
3	ENTRE RIOS	5 - SÃO LUIZ GONZAGA	100	ÁREA PRIVADA ALAGADIÇA
4	LOT. JARDIM DO SOL	4 - PETRÓPOLIS	56	ASSENTAMENTO
5	PERIMETRAL SUL	12 - SÃO CRISTÓVÃO	25	RUA CAMILO RIBEIRO
6	VILA JARDIM	18 - LUIZA	50	ÁREA FUNCIONAL DAER
7	BAIRRO SÃO JOSÉ	11 - SÃO JOSÉ	6	RS 135 - FUTURO TREVO
8	LOT. SÃO MIGUEL	21 - NENÊ GRAEFF	12	INVASÃO EM ÁREA VERDE
9	LOT. VICTOR ISSLER	10 - VICTOR ISSLER	200	INVASÃO EM ÁREA VERDE
10	PETRÓPOLIS	4 - PETRÓPOLIS	40	LEITO DA RUA MORON
11	VILA BOM JESUS	21 - EXPOSIÇÃO	200	INVASÃO EM ÁREA VERDE
12	LOT. ISAFÁ	12 - SÃO CRISTÓVÃO	36	INVASÃO - RUA CLAUDINO TOLDO
13	LOT. SÃO JOSÉ	11 - SÃO JOSÉ	50	INVASÃO - RUA SERGIPE
14	LOT. SÃO JOSÉ	11 - SÃO JOSÉ	67	RUA GUILHERME BOOR - RUA A. PASQUAL
15	BAIRRO CRUZEIRO	6 - CRUZEIRO	180	ÁREA ADQUIRIDA - ANTIGOS TRILHOS
16	VILA UNIÃO	2 - BOQUEIRÃO	60	ASSENTAMENTO
17	VILA GRAEFF	21 - NENÊ GRAEFF	8	INVASÃO E ASSENTAMENTO
18	VILA ALICE	6 - CRUZEIRO	32	INVASÃO EM ÁREA VERDE
19	LOT. PROFª SCHISSLER	9 - INTEGRAÇÃO	32	ASSENTAMENTO
20	BAIRRO VALINHOS	17 - VALINHOS	33	ASSENTAMENTO - QUADRA 144 - VERA CRUZ
21	VILA ISABEL	5 - SÃO LUIZ GONZAGA	30	INVASÃO EM ÁREA VERDE
22	LOT. LEÃO XIII	3 - VERA CRUZ	35	ASSENTAMENTO
23	VILA LUIZA	18 - LUIZA	30	ASSENTAMENTO - RUA IZA DIPP
24	LOT. SGARBI	12 - SÃO CRISTÓVÃO	12	INVASÃO EM ÁREA VERDE
25	VILA VERA CRUZ	3 - VERA CRUZ	8	INVASÃO TRAVENIDA JARI
26	LOT. 20 DE SETEMBRO	8 - SANTA MARTHA	18	INVASÃO EM ÁREA VERDE
27	BAIRRO SÃO LUIZ GONZAGA	5 - SÃO LUIZ GONZAGA	45	INVASÃO E ASSENTAMENTO

TABELA 27

FONTE: PMPF

MAPA 32

No setor 16 – Zacchia, um dos bairros mais carentes de Passo Fundo, as ZEIS demarcam três áreas privadas ocupadas (figura 45, p.149). A ocupação 1 se iniciou em 2005, hoje abriga cerca de 250 famílias em área da Companhia Riograndense de Saneamento – Corsan. A ocupação 3, iniciada em 2008, reúne 110 famílias, estabelecidas em terreno privado, desapropriado e adquirido pela PMPF, que prevê a regularização da área. A população residente no local até então não tinha acesso à água encanada.

FIGURA 45: OCUPAÇÕES IRREGULARES NO ZACCHIA

FONTE: GOOGLE (2007)

Já as ZEIS delimitadas nos setores Santa Martha e Integração estão relacionadas à preservação de grandes áreas livres para a futura implantação de conjuntos habitacionais e/ou equipamentos urbanos, tendo em vista que esses setores foram definidos pela PMPF como prioritários à expansão e adensamento (conforme veremos no capítulo VII).

As ZEIS demarcadas ao longo da ferrovia, nos setores Valinhos, Vera Cruz, Victor Issler e São Luiz Gonzaga, delimitam um dos principais problemas habitacionais de Passo Fundo: a ocupação irregular da “beira-trilho”, que vem sendo objeto de estudo do Projeto Cidade para Todos⁶⁸. Segundo o diagnóstico produzido pelo grupo, nos 15 km de extensão da ferrovia em perímetro urbano, há 792 unidades habitacionais situadas em área de risco, por estarem da faixa de domínio da ferrovia. Segundo contagem da equipe responsável pela elaboração do plano, há 1410 unidades habitacionais nas imediações da ferrovia. A população que ocupa as margens da ferrovia é predominantemente de baixa-renda, sendo que 75% dos entrevistados pelo grupo de trabalho Cidade de Todos recebia auxílio Bolsa-família e 81.52% das famílias recebem no máximo até três salários mínimos.

⁶⁸ O projeto Cidade de Todos vem sendo desenvolvido em áreas de risco na Beira Trilho no município de Passo Fundo a partir de parcerias entre organização de direitos humanos, órgãos públicos municipais e instituições de ensino superior. O grupo aplicou questionários entre fevereiro de 2007 e junho de 2008.

FIGURA 46: OCUPAÇÕES IRREGULARES NA BEIRA-TRILHO

FONTE: DIEGO FERRETTO

Por fim, a caracterização mais recente a que tivemos acesso, relativa aos problemas habitacionais de Passo Fundo, se baseia identificação de aglomerados subnormais⁶⁹, levantados pelo Censo 2010, do IBGE. Foram identificados cinco aglomerados subnormais em Passo Fundo, que perfazem 1611 domicílios (ver demarcação no mapa 33). São eles:

- Bairro Integração (Setor 09): Loteamento Xangri-Lá; Loteamento Ipiranga; Loteamento Jabuticabal. Total de 393 Domicílios.
- Bairro Vera Cruz (Setor 03): Beira dos Trilhos; Valinhos. Total de 172 domicílios.
- Bairro Petrópolis (Setor 04): Entre Rios; Loteamento Umbú. Total de 250 domicílios.
- Bairro Cruzeiro (Setor 06): Baixada Cruzeiro. Total de 596 domicílios.
- Bairro Lucas Araújo (Setor 07): Buraco Quente (Entre as ruas São Lázaro, junto à sanga). Total de 200 domicílios.

Dos aglomerados subnormais identificados pelo IBGE, novamente a questão “beira-trilho” foi destacada, sobretudo na porção norte da cidade, no setor Vera Cruz; além disso, o censo identificou aglomerados subnormais nos bairros Cruzeiro (Baixada Cruzeiro), Petrópolis (Entre Rios) e Lucas Araújo (Buraco Quente). No levantamento da SEHAB (2007) essas ocupações já apareciam em destaque.

⁶⁹ Um aglomerado subnormal consiste num “conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa.” (IBGE, 2011)

CAPÍTULO VII

NOVOS VETORES DE EXPANSÃO URBANA E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

A cidade de Passo Fundo passa atualmente por um momento de intenso dinamismo econômico, associado por um lado à industrialização da economia, viabilizada pela instalação de grandes empresas multinacionais atuando no setor do agronegócio; e por outro lado, ao crescimento do setor terciário, resultado da gradativa abrangência regional dos serviços de saúde e educação superior.

Na cidade, o crescimento econômico se evidencia através da dinâmica atuação do setor imobiliário na produção de edifícios na área central, loteamentos e condomínios fechados na periferia. Em paralelo à produção privada, o Estado busca atender a velhas e novas demandas por infra-estrutura urbana e por habitação social, planejando grandes investimentos para os próximos anos.

Buscando compreender a recente atuação desses agentes, mercado e Estado, reservamos o último capítulo da pesquisa para destacar processos que evidenciam tendências futuras relativas ao crescimento de Passo Fundo. Abordaremos três fatos recentes: o projeto da PMPF de adensamento do sudoeste da cidade, setores Santa Martha e Integração; a implantação do Loteamento Cidade Nova na porção norte da cidade (setor Victor Issler), grande empreendimento imobiliário de uso misto voltado às classes de média e alta renda; e por fim a construção de condomínios de luxo na periferia, junto às rodovias. Entre os três novos processos identificados, classificamos os dois primeiros como vetores de expansão urbana, nas direções sudoeste e norte respectivamente, porque se caracterizam efetivamente como tal, dado sua escala territorial e abrangência populacional, e o último como um vetor de dispersão da alta renda (mapa 33, p.152).

No primeiro caso o Estado visa, a partir de investimentos em infra-estrutura e equipamentos urbanos, promover o adensamento da porção sudoeste da cidade, área caracterizada por ocupações de baixa renda, sendo a primeira vez que a PMPF encampa um projeto de qualificação urbanística em grande escala; nos demais, embora a atuação do setor imobiliário se realize em larga escala sobretudo a partir da década de 1950, quando se proliferam os loteamentos privados e a terra urbana parece ser assumida definitivamente como um mercado rentável para o setor imobiliário, a implantação do Loteamento Cidade Nova, assim como dos condomínios periféricos traz algumas novidades: primeiro, a escala do Loteamento Cidade Nova e a diversidade de usos previstos (comercial, residencial e logístico); segundo, a introdução de uma nova tipologia habitacional, o condomínio fechado periférico, ainda não difundida em Passo Fundo. Vejamos, a seguir, as especificidades de cada caso.

MAPA 33

7.1. VETOR SUDOESTE: SETORES SANTA MARTHA E INTEGRAÇÃO

FIGURA 47

FONTE: GOOGLE EARTH (2007)

O vetor de expansão sudoeste corresponde à área urbana que compreende os setores Integração e Santa Martha, situados na porção sudoeste da cidade de Passo Fundo, e definidos pela PMPF como direção prioritária da expansão e adensamento urbanos⁷⁰. Além da presença de grandes vazios propícios à ocupação⁷¹, os setores Integração e Santa Martha, que juntos abrigam 13.184 habitantes (Censo 2010), caracterizam-se pela predominância de famílias de baixa renda e por uma série de carências em termos de infra-estrutura e equipamentos urbanos. Nos dois setores mais de 30% da população com mais de 10 anos não tem rendimentos, e do restante, mais de 50% recebe até dois salários mínimos.

Segundo a PMPF,

“A ocupação urbana dessa região ocorreu a partir da década de 30, com o loteamento de grandes propriedades localizadas no entorno da área central, e se expandiu de forma crescente. A maioria destes loteamentos apresenta ocupação antiga, com deficiência de infra-estrutura – ausência de redes coletora de esgotamento sanitário e grande número de vias sem pavimentação, carência de equipamentos sociais, praças e áreas de lazer. Muitas residências ocupam margens de córregos e arroios, sob o risco de inundações.” (PRODIN, 2010, p.2)

⁷⁰ O PDDI (2006) prevê zonas de adensamento urbano, no entanto não incorpora ao zoneamento urbano as diretrizes de expansão à sudoeste. Atualmente o PDDI encontra-se em processo de revisão, visando incorporar essa e outras alterações.

⁷¹ A densidade média desses setores é de aproximada de 1000 hab/km², uma das mais baixas entre os 22 setores urbanos de Passo Fundo.

O objetivo da PMPF é, a partir do desenvolvimento de um plano urbanístico local, prover o reordenamento espacial desses setores criando assim condições para o seu adensamento e expansão. A prefeitura estima que seja possível abrigar 60.000 pessoas na área, quase cinco vezes mais que o total de habitantes, em 2010. Para tanto, são previstas as seguintes ações:

“construção de praças, equipamentos comunitários e sociais, melhoria nas condições de infraestrutura local e a consolidação de um sistema de áreas verdes de lazer, através do planejamento e construção de um corredor verde linear, conectando esta região ao centro da cidade. Contempla, ainda, ações de requalificação urbana como a conversão da estrada que corta o bairro numa via com qualidades urbanas de perfil adequado, calçamento, mobiliário e arborização. Critérios de prioridade para a área, desenvolvidos no Plano, serão utilizados para definir obras e ações para a região, a serem executadas no âmbito do programa.” (PRODIN, 2010, p.4)

O projeto será viabilizado a partir da utilização de parte dos recursos oriundos de um financiamento obtido junto ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Em 2010⁷², o município de Passo Fundo solicitou um financiamento de US\$ 9.800.000,00 (nove milhões e oitocentos mil dólares) ao programa PROCIDADES, que consiste num mecanismo de crédito a pequenos e médios municípios, com financiamento do BID. Ao empréstimo, soma-se uma contrapartida local de mesmo valor, o que totaliza o montante total de US\$ 19.600.000,00 (dezenove milhões e seiscentos mil dólares) a serem investidos em Passo Fundo no prazo de quatro anos.

O objetivo principal do programa⁷³ consiste em promover a melhoria das condições de vida da população passo-fundense através das seguintes ações: melhorias nas condições de trânsito e mobilidade na área urbana e de acesso e circulação na área rural; melhorias condições urbanísticas, sociais, ambientais e de saneamento nos bairros da Região Sudoeste/Perimetral Sul; melhorias do ambiente de negócios e das condições competitivas do município; e modernização da gestão municipal. Diante desses objetivos, o programa foi estruturado em quatro componentes: I – transporte e mobilidade urbana; II – desenvolvimento urbano e estruturação de áreas verdes; III – desenvolvimento econômico e local; IV – fortalecimento institucional. O plano urbanístico do setor sudoeste insere-se no componente II do programa.

Destacamos que as ações previstas nos componentes I e II terão repercussões espaciais diretas na estrutura intra-urbana. Entre as intervenções previstas no componente I, que contemplam melhorias nas condições de trânsito e mobilidade, tem destaque o projeto de um Anel Viário Central, cujo objetivo consiste em descentralizar os fluxos viários a partir da criação de binários viários visando promover conexões inter-bairros. No anel viário central serão investidos cerca de 11 milhões de reais, o processo licitatório já foi concluído e as obras estão previstas para o ano de 2012. Já o plano urbanístico local da região sudoeste está atualmente em fase de diagnóstico, não havendo ainda projeto nem data prevista para sua execução. Ressaltamos assim a prioridade dada às obras viárias.

É difícil estabelecermos algum tipo de argumentação diante de uma situação ainda não concretizada, no entanto, consideramos oportuno ressaltar que o adensamento dos setores Integração e Santa Martha, caracterizados como os setores de maior pobreza urbana de Passo Fundo, precisa ser tratado com muita cautela pelo poder público. Além da elaboração de um plano urbanístico que dê conta de equipar a área e integrá-la efetivamente à cidade, é preciso garantir a sua execução, tarefa árdua no campo da política

⁷² O contrato com o BID foi assinado em 16 de julho de 2010.

⁷³ Especificado no projeto de nº BR-L1163, intitulado PRODIN – Programa de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo, publicado no Diário Oficial da União (DOU), em 19 de abril de 2010.

urbana, em que as prioridades oscilam a cada mudança de governo e frequentemente atendem a interesses privados dos grupos dominantes. E ainda assim, caso os investimentos se concretizem, é preciso garantir ainda que as melhorias sejam efetivamente absorvidas pela população local, evitando assim que a área se consolide unicamente como uma nova frente de atuação do mercado imobiliário. Observamos que mesmo sem nenhuma obra em andamento, o processo de adensamento do Setor Santa Martha já está em curso a partir da construção de habitação de interesse social vinculada ao PMCMV, conforme vimos no capítulo VI. Para os próximos dois anos estão previstas a construção de 1000 unidades habitacionais vinculadas a uma única construtora de Passo Fundo.

Nesse sentido, é certo que o adensamento dos setores Integração e Santa Martha precisa ser direcionado por políticas públicas que garantam a inclusão social da população historicamente ali segregada, caso contrário, se entregue aos interesses de mercado é provável que se produza a periferia da periferia, a partir da expulsão da população carente que não se caracteriza como um demanda solvável para o mercado.

7.2. VETOR NORTE: LOTEAMENTO CIDADE NOVA

O Loteamento Cidade Nova está sendo implantado no setor 10 – Victor Issler, num dos poucos vazios urbanos aptos à ocupação na porção norte da cidade. Os limites do loteamento são: ao norte, a BR-285; a oeste, o setor 3 - Vera Cruz (Vila Vera Cruz, Vila 1º Centenário e Loteamento Associação Atlética Banco do Brasil - AABB); ao sul, o setor 15 – Fátima (Vila Dona Eliza), e finalmente, a sudeste, a Vila Victor Issler, no próprio setor 10 (figura 48, p.155).

FIGURA 48 - LOTEAMENTO CIDADE NOVA

FONTE: RONALDO CZAMANSKI

Noticiado como um dos maiores empreendimentos imobiliários do interior do estado, o Loteamento Cidade Nova ocupa uma área de 817.000m² e conta com 702 lotes, cujos usos, previsto no plano de ocupação⁷⁴ (mapa 34, p.156) e também no PDDI (2006) são os seguintes: logístico, junto à BR-285; comércio e serviços, incluindo um *shopping center* e torres comerciais; residencial (uni e multifamiliar), incluindo a reserva de uma área para condomínio horizontal. Em relação ao uso residencial a diversidade de tamanhos e preços de lotes, assim como de tipologias, evidencia que o loteamento é direcionado para famílias de média e alta renda.

MAPA 34

⁷⁴ Conforme folder da empresa incorporadora - Bolsa Construções e Incorporações.

Desde o seu lançamento oficial⁷⁵, em junho de 2011, o empreendimento tem dinamizado o mercado imobiliário de Passo Fundo, sendo que até o momento 60% dos lotes já foram vendidos.

A promoção comercial do loteamento, encampada pelos promotores imobiliários e reproduzida na mídia local, evidencia as estratégias de *marketing* do setor imobiliário, pautadas em alguns pontos fundamentais que destacamos a seguir.

- Uma nova centralidade

“Surge um novo pólo urbano de desenvolvimento que vai transformar Passo Fundo”. “O Bairro Cidade Nova proporcionará um novo pólo de desenvolvimento para Passo Fundo, descentralizando suas atividades econômicas e possibilitando uma maior interação entre a principal rodovia federal (BR-285) e a cidade.”⁷⁶

A expressão “novo pólo de desenvolvimento”, sugere a formação de uma nova centralidade junto ao Loteamento Cidade Nova. A afirmação está pautada na diversidade de usos do loteamento, que destina vários lotes ao uso comercial, incluindo a reserva de uma grande área à construção de um *shopping center*.

- Localização privilegiada e acessibilidade

Quando o assunto é a localização do empreendimento, o discurso do novo não é suficiente, é preciso enfim estabelecer um diálogo com a “cidade pré-existente”. Nesse caso, são valorizados dois pontos: a proximidade de áreas nobres e de equipamentos de grande prestígio, como a UPF; e a acessibilidade a vias importantes, sejam elas intra-urbanas ou regionais. Sobre o primeiro ponto, é destacada a proximidade do loteamento à Vila Fátima e a Vila Vergueiro, ao sul. Os bairros populares do entorno, Victor Issler e 1º Centenário, são omitidos. A figura 49 (p.158), reproduzida a partir do encarte publicitário, evidencia essa estratégia.

⁷⁵ Segundo jornais locais Uirapuru, o Nacional e Diário da Manhã, edições de 17 de junho de 2011.

⁷⁶ Essas frases estampam o encarte publicitário do empreendimento, incorporado pela empresa “Bolsa Construções e Incorporações”.

FIGURA 49 - LOTEAMENTO CIDADE NOVA (ENCARTE PUBLICITÁRIO)

FONTE: BOLSA CONSTRUÇÕES E INCORPORAÇÕES

Sobre esse último ponto, ressaltamos que para garantir a conexão do loteamento à malha existente foram necessários investimentos pesados em infra-estrutura viária, sendo o mais oneroso a construção de um viaduto sobre a ferrovia, que corresponde ao limite sul do loteamento. Esse viaduto viabilizou a interligação do loteamento ao setor 15 – Fátima e consequentemente ao centro da cidade, através de um percurso de menos de dois quilômetros, seguindo pelas ruas Fagundes dos Reis ou Bento Gonçalves, perpendiculares à Avenida Brasil.

Destacáramos por fim que embora o Loteamento Cidade Nova seja direcionado às camadas de média e alta renda, e os empreendedores se utilizem de diversas estratégias de *marketing* para valorizar seus diferenciais, o programa misto de usos, ao reservar lotes para uso logístico em lotes lindeiros à BR-285, revela uma especificidade desse empreendimento frente a outros empreendimentos de mesmo padrão. A reserva de áreas para logística está associada sobretudo a força do agronegócio na região, cujas atividades ligadas à armazenagem e distribuição de mercadorias constituem uma das demandas urbanas do setor, conforme vimos no capítulo II.

O loteamento, vendido a partir do discurso do novo, já começa a apresentar os primeiros sinais de valorização pela elite passo-fundense. O Sindicato da Indústria e do Comércio – SINDUSCON irá se transferir para o Loteamento Cidade Nova, a partir da construção de uma nova sede, um edifício de 10 pavimentos com aproximadamente três mil metros de área construída, já em fase de execução⁷⁷. A iniciativa do Sinduscon, entidade de grande prestígio político na cidade, de certa forma dá o aval para que outras entidades e mesmo órgãos públicos passem a se instalar na área, caracterizando assim de fato a formação de uma nova centralidade. Desenvolveremos essa hipótese no item 7.4.

⁷⁷ Segundo Jornal O Nacional, edição de 05/08/2011.

7.3. OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E A DISPERSÃO DA ELITE

A implantação de condomínios fechados destinados à população de alta renda é um processo recente em Passo Fundo. A partir de 2009 foram lançados três empreendimentos do gênero pelo setor imobiliário e outros dois já foram aprovados pela PMPF, porém ainda não foram lançados.

Antes disso, já existia um condomínio em Passo Fundo, denominado Morada Além do Horizonte, remanescente do início da década de 1980, porém com características distintas dos empreendimentos lançados recentemente, que expressam a introdução tardia, se comparada a outras cidades médias, de um novo segmento do mercado imobiliário destinado às camadas de alta renda. Dos seis condomínios, somente dois estão no perímetro urbano (Vivenda das Palmeiras e Bosque *Village*), os demais estão localizados em área rural e sua aprovação pela PMPF foi viabilizada através da criação de Zonas de Uso Especial (ZUE)⁷⁸, previstas pelo PDDI-2006. Em área, se destaca o condomínio ainda sem denominação a ser implantado em área rural, junto a RS-135, ocupando 130 ha, seguido pelo Condomínio Urbanístico Cidade Nova, com 40 ha.

PASSO FUNDO: CONDOMÍNIOS FECHADOS				
NOME	LANÇAMENTO	LOCALIZAÇÃO	ÁREA (HA)	Nº LOTES
MORADA ALÉM DO HORIZONTE	1984	RS-324 (ÁREA RURAL - SAÍDA PARA MARAU)	24.8	310
VIVENDA DAS PALMEIRAS	2009	ESTRADA DO TRIGO, 1215 (SETOR 11 - SÃO JOSÉ)	15	149
VILLA PALLADIO	2010	RS-324 KM 106 (ÁREA RURAL - ZUE)	18.8	115
BOSQUE <i>VILLAGE</i>	2010	RS-324 - PERIMETRAL SUL, 1900 (SETOR 07 - LUCAS ARAÚJO)	11.2	46
CIDADE NOVA	2010 ***	BR-285 (ÁREA RURAL - ZUE)	40	*
"SEM DENOMINAÇÃO"	2010 ***	RS-135 (ÁREA RURAL - ZUE)	130	*

TABELA 28

FONTE: CONSULTA AOS EMPREENDEDORES

* DADO INDISPONÍVEL

** DADO APROXIMADO

*** EMPREENDIMENTO APROVADO / AINDA NÃO LANÇADO

Corrêa (2010) classifica esse tipo de empreendimento, que chama de condomínios exclusivos, como uma das inovações espaciais urbanas, que juntamente aos *shopping centers* e às vias expressas, propiciam a formação de “setores seletivos, dotados de amenidades e apropriados pela classe média alta e pela elite”. (p.149) As inovações no espaço urbano estariam relacionadas à produção de novas formas, e também à refuncionalização de formas antigas, que se constituem no suporte material para transformações do espaço social, marcadas pelas relações de dominação/subordinação entre as classes sociais.

⁷⁸ Segundo o Art. 103 do PDDI (2006), na ZUE os usos e edificações “obedecerão a regime urbanístico próprio a ser definido em lei, com o parecer favorável dos conselhos municipais pertinentes.”

Para Corrêa, as inovações

“constituem um dos meios pelos quais o capitalismo garante condições de sua própria sobrevivência e reprodução. [...] O produto da inovação, o novo, é considerado como sinônimo de progresso e bem-estar, tornando-se, graças à massiva publicidade, o mais importante e genérico objetivo de consumo.” (2010, p.150)

A introdução dessas novas formas espaciais na cidade, expressas pelos condomínios e loteamentos fechados, repercute na estrutura urbana a partir da emergência de novas relações centro-periferia, à medida que a periferia passa a ser ocupada também pela classe de alta renda.

No caso de Passo Fundo, os condomínios estão localizados nas porções sudeste e noroeste da cidade às margens das rodovias⁷⁹; na porção oeste, que apresenta a maior concentração de camadas de baixa renda, não há nenhum empreendimento previsto. Suas localizações são definidas pelas condições de acessibilidade ao centro da cidade, que ainda concentra a maioria dos empregos e dos locais de lazer e consumo dessa população. No entanto, a proximidade de grandes equipamentos e bairros de prestígio também é valorizada: a UPF, no caso do Condomínio Vivenda das Palmeiras (figura 52, p.162); e o Bosque Lucas Araújo, no caso do Condomínio Bosque *Village*, que faz alusão ao bairro em sua denominação.

A localização do Condomínio Urbanístico Cidade Nova⁸⁰, embora também periférica e às margens da rodovia, se diferencia das demais em função da proximidade do Loteamento Cidade Nova, que deverá se configurar como uma nova centralidade. Nesse caso a acessibilidade ao centro principal, embora também facilitada, teria um papel secundário, uma vez que o comércio e os serviços a serem implantados no Loteamento Cidade Nova deverão suprir grande parte das necessidades de consumo de bens e serviços dessa população.

Ressaltamos que o Condomínio Morada Além do Horizonte, inaugurado em 1984 em área rural, às margens da RS-324 (saída para Marau), possui características distintas dos empreendimentos atuais. Segundo Aresi e Fioresi (2011) antes da implantação desse condomínio, funcionou no local um balneário⁸¹, de 1970 até o início da década de 1980, momento em que a área é transformada em condomínio fechado, a partir da iniciativa de um grupo de empresários do município de Marau. As autoras destacam que o empreendimento, embora destinado inicialmente à população de alta renda, atualmente é ocupado majoritariamente pela classe média, sendo que a metade dos proprietários os utiliza como residências de veraneio ou finais de semana.

⁷⁹ BR-285, RS-135 (saída para Coxilha), RS-324 (saída para Marau).

⁸⁰ Lei Complementar nº 267, de 22 de dezembro de 2010.

⁸¹ Balneário Chiaparini, “construído a partir das escavações deixadas pelas atividades da Cerâmica São João, que retirava barro do local para a fabricação de tijolos, formando três lagos naturais, irrigados pela água que brota no local.” (ARESÍ; FIORESI, 2011, p.144)

FIGURA 50: CONDOMÍNIO MORADA ALÉM DO HORIZONTE (2007)

FONTE: GOOGLE EARTH (2007)

Já os outros empreendimentos recentes nascem como produtos imobiliários claramente direcionados à população de alta renda, como opção de moradia permanente. As estratégias de *marketing* desses empreendimentos vendem um “novo estilo de morar” geralmente associado à exclusividade, segurança, e à proximidade da natureza.

FIGURA 51: CONDOMÍNIO VILLA PALLADIO (2011)

FONTE: VILLA PALLADIO

FIGURA 52: CONDOMÍNIO VIVENDA DAS PALMEIRAS (2007)

BASE: GOOGLE EARTH (2007)

7.4. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM PASSO FUNDO: NOVOS PROCESSOS

Conforme vimos no capítulo III, a expansão periférica de Passo Fundo promovida pelo mercado e pelo Estado através da implantação de loteamentos privados e de conjuntos habitacionais, sobretudo a partir de 1950, caracterizou um típico modelo de segregação centro-periferia, que ditou em última análise a concentração de investimentos públicos e privados na área central, em paralelo a formação de uma periferia carente. Nesse início de século, a emergência de novos vetores de expansão urbana nos remete à identificação de permanências e rupturas no processo de produção da cidade.

O vetor sudoeste, que indica a adoção dos setores Integração e Santa Martha como prioritários ao adensamento e expansão urbana deverá, ainda que receba investimentos de vulto em urbanização, ratifica a concentração de camadas de baixa renda na periferia. Por outro lado, os outros dois vetores, caracterizados pela implantação do Loteamento Cidade Nova na porção norte, e de condomínios de alta renda na periferia, denotam a emergência de um processo de reestruturação urbana.

Associamos o Loteamento Cidade Nova à emergência de dois processos:

- a formação de uma nova centralidade na porção norte da cidade, em função das dimensões e do programa de usos misto previsto pelo empreendimento, que contempla além do uso residencial unifamiliar e multifamiliar, um *shopping center* e torres comerciais e de serviços, que no discurso dos promotores imobiliários resultarão na conformação de um “pólo de desenvolvimento urbano”;

- a confirmação e expansão de um eixo de segregação das camadas de média e alta renda na direção norte da cidade, incluindo as vilas Vergueiro e Fátima, o Loteamento Cidade Nova e o Condomínio Cidade Nova;

Ainda que a implantação de condomínios periféricos na periferia expresse a dispersão da elite, acreditamos que um processo não anula o outro, uma vez que há demanda solvável para os dois empreendimentos.

Nesse sentido, a concentração de população de média e alta renda na porção norte da cidade não exclui o surgimento de condomínios em outras direções, até porque a localização periférica desses empreendimentos é otimizada pelas boas condições de acessibilidade oferecidas por estarem situados às margens de rodovias. No entanto, a diferença essencial entre esses dois processos, para nós, está na associação de concentração de camadas de alta renda à formação de uma nova centralidade junto ao Loteamento Cidade Nova, que embora não signifique o abandono do centro principal, deverá ocasionar uma diferenciação entre esses dois centros, de acordo com o nível de renda de seus freqüentadores. Assim, a centralidade junto ao Loteamento Cidade Nova seria produzida e apropriada pelas camadas de mais alta renda, que vivem em suas imediações. Nesse caso, a segregação da alta renda nesse setor ocasionaria alterações importantes na estrutura urbana, redefinindo os papéis do centro principal, e promovendo uma reestruturação dos fluxos cotidianos em virtude da formação de um novo pólo de empregos terciários, podendo atrair inclusive a implantação de novos condomínios nas suas proximidades.

Além da proximidade de bairros de alta renda, destacamos também a localização estratégica do Loteamento Cidade Nova, em que se destaca: a proximidade da BR-285, que garante lhe garante acessibilidade regional; a proximidade da UPF (via BR-285); e a facilidade de acesso ao centro principal (via Capitão Eleutério ou Fagundes dos Reis).

Nesse sentido, estaria em curso em Passo Fundo o mesmo processo observado nas metrópoles e também em algumas cidades médias, caracterizado pela concentração de camadas de alta renda em um determinado setor da cidade. Em seus estudos sobre o espaço intra-urbano metropolitano, Villaça (2001) observa que a segregação das camadas de alta renda se dá sempre por setores, a exemplo dos setores sudoeste, em São Paulo, e sul, no Rio de Janeiro. A conformação dessas áreas resulta de um lento processo histórico que envolve os interesses das camadas de alta renda e do setor imobiliário, legitimados pelo Estado.

Se até o momento nossa análise a respeito da distribuição socioespacial da população e da formação das áreas residenciais por classes de renda buscou associar o modelo de segregação centro-periferia ao importante papel que o centro desempenha na estrutura urbana, tanto do ponto de vista funcional como também simbólico, ponderamos que fatos concretos denotam a emergência de novas dinâmicas, que precisam necessariamente ser investigadas.

Ressaltamos, por fim, que as idéias apresentadas nesse capítulo estão baseadas em hipóteses, que naturalmente só poderão ser comprovadas nos próximos anos. Ainda assim, acreditamos que tanto em função do tamanho demográfico, como do dinamismo econômico, e da marcante atuação do setor imobiliário, a exemplo do Loteamento Cidade Nova, novas lógicas de uso e apropriação do espaço urbano deverão ser gradativamente introduzidas na cidade, seja pela consolidação de um setor de segregação de alta renda, pela formação de uma nova centralidade ou por outros processos aqui não identificados.

REFLEXÕES FINAIS

Como um último esforço de análise e de síntese, iremos retomar os resultados mais importantes dessa pesquisa, destacando a questão central a qual nos propomos responder inicialmente: como se estrutura o espaço intra-urbano de uma cidade média gaúcha que desempenha funções regionais e de apoio ao agronegócio? Para tanto, procuraremos evidenciar os traços gerais dos processos intra-urbanos à luz das dinâmicas regionais e das funções urbanas desempenhadas pela cidade. Além disso, a título de comparação, exploraremos algumas especificidades dos processos observados em Passo Fundo, frente a outras cidades médias estudadas pela RECIME, e também às dinâmicas metropolitanas.

▪ FUNÇÕES URBANAS E INSERÇÃO REGIONAL X ESTRUTURAÇÃO INTRA-URBANA

Reconhecendo a necessidade de uma sobreposição de escalas analíticas como princípio de método, apontada nos estudos da RECIME como recurso fundamental à compreensão das cidades médias no período atual, buscamos por meio de diversos recortes espaciais não somente descrever, mas explicar a natureza dos processos espaciais intra-urbanos, forjados à luz de demandas regionais e mesmo globais às quais a cidade está constantemente submetida. Nesse sentido, procuramos avaliar em que medida a base econômica do município, assim como sua inserção regional repercutem em sua estruturação intra-urbana.

Observamos a partir das teorias de Milton Santos e do recorte metodológico de Oscar Sobarzo (2010) que a cidade de Passo Fundo responde a uma série de demandas regionais, ao mesmo tempo em que se insere em circuitos econômicos globais relacionados à produção de alimentos, como cidade de apoio ao agronegócio, situando-se numa “encruzilhada entre as horizontalidades e as verticalidades”. Ao mesmo tempo em que se destaca como a cidade mais importante da porção norte do estado do Rio Grande do Sul, tanto em termos demográficos como econômicos, fato que lhe confere relevância na rede urbana gaúcha, a cidade de Passo Fundo desempenha também funções de apoio ao agronegócio, estando sujeita às demandas do mercado global.

Os processos socioeconômicos, embora estruturados sob escalas e interesses distintos, geram demandas urbanas, que permitem Sobarzo (2010) caracterizar Passo Fundo como uma “cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio”. As funções comerciais e de serviços são expressas pelo comércio urbano diversificado, que contempla entre outros estabelecimentos, um *shopping center* e um hipermercado; pela oferta de serviços de saúde distribuídos em inúmeros consultórios médicos, clínicas e hospitais especializados; pela presença de dez instituições de ensino superior que conferem a Passo Fundo o *status* de cidade universitária com cerca de 25 mil alunos matriculados no ensino superior, onde se destaca a UPF; já as demandas do agronegócio se expressam na cidade pela existência de comércio especializado em insumos e maquinário agrícola, pelo desenvolvimento de ensino e pesquisa aplicados ao agronegócio, e pela implantação de agroindústrias. As funções regionais aliadas às demandas do agronegócio dinamizam a economia urbana e sobretudo nesse momento resultam no expressivo desenvolvimento econômico do município, perceptível através do crescimento do setor terciário, e da intensa produção imobiliária, tanto na área central como na periferia, com destaque aos condomínios periféricos de alto padrão.

Nesse sentido, é certo que as dinâmicas econômicas regionais e mesmo globais relacionadas ao agronegócio condicionam o desenvolvimento da cidade, ditando períodos de maior incremento populacional, como ocorreu a partir da década de 1950 em Passo Fundo, em função da reestruturação

produtiva da agricultura; períodos de estagnação; ou períodos de grande desenvolvimento, a exemplo do momento atual, proporcionado pela industrialização da economia municipal. O reconhecimento desses processos nos permite inserir a cidade num contexto mais amplo, a partir da identificação do motor de determinados processos que vão se manifestar na cidade. No entanto, o reconhecimento dos macro-processos econômicos, assim como das dinâmicas regionais não dão conta de explicar o arranjo territorial da cidade, que embora também esteja vinculado a interesses econômicos, exige uma aproximação empírica da escala local, visando identificar agentes e processos não perceptíveis em outras escalas.

Recorrendo novamente a Villaça (2001, p.44) observamos que a questão central está em identificar as forças sociais que atuam nas mediações entre os macro-processos socioeconômicos e o espaço social em questão, no caso o espaço intra-urbano.

Nesse sentido, os resultados das pesquisas da RECIME corroboram com a hipótese levantada por Villaça, uma vez que têm demonstrado que independentemente da base econômica do município, de sua inserção em circuitos econômicos regionais ou mesmo globais, o processo de urbanização das cidades médias dinâmicas, denominadas por Milton Santos como pontos luminosos do território, tem resultado, via de regra, no agravamento das desigualdades socioespaciais.

▪ ESTRUTURAÇÃO INTRA-URBANA: PROCESSOS, PERÍODOS E AGENTES

A partir das reflexões de Villaça (2001), analisamos a estrutura territorial urbana de Passo Fundo com base em três recortes, definidos pelo autor como os elementos principais da estrutura urbana: o centro, as áreas residenciais e as áreas industriais. Analisamos a evolução histórica das localizações desses elementos, destacando as relações estruturais que estabelecem entre si. Visando extrapolar as descrições das formas urbanas, buscamos empregar dialeticamente as quatro categorias analíticas propostas por Milton Santos (2005) para toda e qualquer análise espacial: forma, função, estrutura e processo. Assim, foi possível evidenciarmos uma série de processos, que estando ou não vinculados a demandas externas, repercutem espacialmente na cidade de Passo Fundo e explicam, em última análise, seu arranjo interno.

Identificamos três períodos na estruturação intra-urbana de Passo Fundo, e percebemos que todos os momentos que caracterizaram rupturas com os períodos precedentes estão relacionados a acontecimentos regionais. O surgimento da aglomeração urbana, nas primeiras décadas do século XIX deriva do traçado de uma rota comercial, o caminho dos tropeiros ou Estrada das Tropas, responsável direto pelo surgimento de diversas cidades gaúchas. Até o final do século XIX a expansão urbana se estruturou linearmente ao longo desse caminho nas direções leste-oeste, quando outro caminho regional, a ferrovia, implantada em 1898, passa a se caracterizar como novo vetor da urbanização, responsável pelo crescimento da cidade também nas direções norte e sul e pela formação do centro em torno da estação ferroviária; por fim, o último período identificado, que corresponde ao crescimento periférico da cidade, está novamente atrelado a acontecimentos regionais, nesse caso associados ao intenso processo de urbanização que se desenvolve a partir de então em função da reestruturação produtiva da agricultura, processo que resulta num intenso êxodo rural, em que a cidade de Passo

Fundo, na qualidade de centro regional, se torna o principal destino regional das migrações campo-cidade.

Dessa maneira, podemos afirmar que até a metade do século XX as direções da expansão urbana de Passo Fundo foram determinadas sobretudo por caminhos regionais, que se tornariam os principais eixos viários intra-urbanos: a antiga Estrada das Tropas, atual Avenida Brasil, até hoje caracterizada como o principal eixo viário da cidade; e as avenidas Rio Grande e Presidente Vargas, antigas estradas que conectavam Passo Fundo aos seus distritos rurais, hoje municípios independentes, nas direções norte e sul, respectivamente.

Se por um lado os eixos viários caracterizaram-se como indutores da urbanização, a expansão da ocupação se deu em todas as direções, do centro à periferia, uma vez que não havia nenhum obstáculo ou amenidade natural que justificasse o crescimento urbano em determinada direção.

No processo de crescimento periférico, intensificado a partir de 1950, a implantação de loteamentos de baixa renda é acompanhada pela valorização, expansão e verticalização da área central, caracterizando assim um modelo de crescimento urbano desigual, apoiado na dicotomia centro rico x periferia pobre.

O centro da cidade estruturado no início do século XX entre a estação férrea e a Avenida Brasil se mantém até hoje como elemento estruturador da ocupação urbana, tanto pelo papel funcional que desempenha, ao concentrar a grande maioria dos empregos, bens e serviços, como pelo seu valor simbólico e prestígio social, expressos pela permanência das camadas de alta renda. Também é no centro da cidade que se espacializam as demandas regionais voltadas à oferta de comércio e serviços de saúde; expressas pela presença do *Shopping Bella Città* e pela concentração dos serviços de saúde em torno do HPSV, que caracterizamos como uma especialização do centro.

A partir dessa distinção centro x periferia foi possível constatar a atuação de diferentes agentes sociais na produção desse modelo de cidade. Na produção dos loteamentos periféricos destaca-se a atuação do setor imobiliário, regulada pelas lógicas de mercado e legitimada pelo Estado, que passa a implantar inúmeros conjuntos habitacionais na periferia, em áreas mal servidas de infra-estrutura e equipamentos urbanos.

Assumindo a década de 1950 como um divisor de águas na estruturação urbana de Passo Fundo, podemos afirmar que é a partir de então que são forjados muitos dos problemas que persistem até hoje, com destaque à questão habitacional e à carência de infra-estrutura na periferia urbana.

Os bairros de baixa renda, embora estejam distribuídos em toda periferia urbana, se concentram na porção oeste da cidade, com destaque aos setores urbanos 8 – Integração e 9 – Santa Martha. Nesses setores está a maior concentração de conjuntos habitacionais de Passo Fundo, que vêm sendo construídos pelo Estado desde a década de 1960, de forma descontínua à malha urbana existente e geralmente mal servidos de infra-estrutura e equipamentos urbanos básicos.

Por fim, identificamos novos vetores de expansão urbana que, se por um lado, denunciam a permanência de determinadas lógicas de produção da cidade, por outro apontam novos processos que poderão ocasionar alterações importantes na estrutura urbana. A implantação de condomínios fechados na periferia urbana, ainda que não signifique diretamente deslocamento das camadas de alta renda do centro e imediações, denuncia a emergência de uma nova forma de produção da cidade, já recorrente nas metrópoles e em outras cidades médias. O Loteamento Cidade Nova repercute mais claramente na estrutura urbana uma vez que resultará, caso os usos previstos realmente se consolidem, numa nova centralidade, sobretudo destinadas às classes de média e alta renda. Além do uso

residencial, comercial (inclusive com a implantação de um *shopping center*) e de serviços, está previsto também o uso de logística, nos lotes lindeiros a BR-285, fato que expressa a importância do agronegócio na cidade.

Embora o Loteamento Cidade Nova não se direcione exclusivamente às camadas de alta renda, sendo em partes também direcionado à classe média, defendemos que sua localização estratégica, dotada de acessibilidade regional (BR-285) e próxima de bairros de prestígio na cidade como as Vilas Fátima e Vergueiro, poderá resultar na configuração de um setor de segregação da alta renda em Passo Fundo, conformado pelo próprio loteamento, pelo Condomínio Urbanístico Cidade Nova, aprovado para ser implantado na margem norte da BR-285, em frente ao Loteamento Cidade Nova, e conectado ao centro da cidade por um eixo que passa pelas Vilas Fátima e Vergueiro, a primeira em evidente processo de valorização e apropriação por camadas de alta renda, e a segunda já consolidada como tal.

▪ AS ESPECIFICIDADES DE PASSO FUNDO

Comparando as dinâmicas intra-urbanas observados em Passo Fundo a outras cidades médias, destacaríamos duas especificidades, que na verdade são partes de um mesmo processo: a existência de uma única centralidade como elemento mais importante da estrutura urbana; e a conseqüente permanência do modelo de segregação centro x periferia. A título de comparação⁸², confrontaremos o caso de Passo Fundo às cidades de Presidente Prudente (SP) e Mossoró (RN), por serem elas objetos de estudos da RECIME, e por apresentarem populações urbanas relativamente próximas a Passo Fundo⁸³ e ainda por estarem inseridas de maneira semelhante no espaço regional, sendo caracterizadas pelos papéis de intermediação que exercem na rede urbana. Para tanto, nos utilizaremos dos estudos realizados por Sobarzo (2004) e Elias e Pequeno (2010), respectivamente, sobre Presidente Prudente e Mossoró.

Conforme discutimos ao longo da dissertação, em Passo Fundo não há nenhuma outra expressão da centralidade que concorra com o centro principal. A área central, além de estruturar os fluxos cotidianos, a partir da concentração de empregos e estabelecimentos de comércio e serviços, constitui-se também local de moradia das camadas de média e alta renda, sendo uma área dotada de grande prestígio social e objeto de investidas constantes do mercado imobiliário, sobretudo a partir da década de 1980 quando se intensifica o processo de verticalização da área. Além disso, a implantação do *Shopping Bella Città*, em 1998, assim como a concentração de serviços de saúde no centro, reforçam sobremaneira essa centralidade, tanto na escala intra-urbana como regional.

⁸² O que apresentamos aqui como uma comparação entre a estrutura urbana de Passo Fundo, Presidente Prudente e Mossoró tem caráter puramente exploratório, uma vez que uma comparação do gênero exigiria um estudo comparativo aprofundado, que extrapola os objetivos dessa pesquisa. No entanto, achamos oportuno apresentar essa abordagem exploratória na conclusão visando confrontar, ainda que superficialmente, o caso de Passo Fundo a outras cidades médias. A análise comparativa, assim como fez Villaça (2001) para as metrópoles brasileiras, tem maior poder explicativo do que as análises isoladas, nesse sentido essa empreitada se coloca como um desafio de pesquisa futuro.

⁸³ A cidade de Presidente Prudente tem população urbana de 203.375 habitantes, Mossoró conta com 237.241 habitantes vivendo na cidade, e Passo Fundo tem população urbana de 180.120 habitantes.

Defendemos que a força do centro de Passo Fundo como elemento estruturador resulta de dois processos que se auto-alimentam: a permanência das elites e a valorização imobiliária da área. A presença das classes média e alta renda no centro não é uma novidade, no entanto as investidas do mercado imobiliário e a verticalização da área central se intensificam sobretudo a partir da década de 1980, com o devido aporte legal do zoneamento urbano expresso no II PDDU, que definiu altos coeficientes de aproveitamento para a área. A produção de edifícios de apartamentos no centro sempre foi voltada as classes média e alta, que “compraram” esse novo estilo de morar e de certa maneira alimentam esse processo. Além disso, a implantação do *shopping* no centro favoreceu a permanência dessa população, que dispõe também de espaços diferenciados de consumo.

Essa característica difere de outras cidades médias, a exemplo de Presidente Prudente e Mossoró, onde a construção de *shopping centers*⁸⁴ em bairros de alta renda caracterizou a formação de novas centralidades a partir desses grandes equipamentos comerciais, que associados à implantação de loteamentos e condomínios fechados promoveram a formação de setores de segregação das classes de alta renda: em Mossoró, na porção oeste da cidade foram implantados quatro dos seis loteamentos fechados existentes na cidade, nos bairros Nova Betânia e Dix-Sept Rosado; e em Presidente Prudente, na porção centro sul da cidade (a oeste do centro), nas proximidades do Parque do Povo, do campus da UNESP, e do *Prudenshopping* foram implantados oito dos nove loteamentos fechados existentes na cidade, havendo uma maior concentração ao sul da rodovia Raposo Tavares. No caso de Presidente Prudente, a produção de loteamentos fechados se inicia na década de 1970.

No entanto, observamos que Passo Fundo vive um momento de transformações em sua estrutura territorial, sobretudo a partir implantação do Loteamento Cidade Nova e da emergência de condomínios fechados periféricos. A hipótese de formação de uma nova centralidade junto ao Loteamento Cidade Nova, que contempla um *shopping center*, torres comerciais e de serviços e o uso residencial, voltado às classes de média e alta renda, caracterizaria, a nosso ver, a emergência de um setor de segregação social das elites na direção norte, partindo do centro, passando pelas Vilas Vergueiro e Fátima. Já os condomínios periféricos, por estarem distribuídos ao longo das rodovias expressam a dispersão das elites, rompem pela primeira vez com o modelo de segregação centro x periferia reproduzido até então. Ou seja, a partir dessas hipóteses, apresentadas no Capítulo VII como “novos vetores de expansão urbana” sugerimos que está em curso uma reestruturação ou complexificação da estrutura estrutural, processo que se comparado a outras cidades médias, a exemplo de Presidente Prudente e Mossoró, pode ser considerado tardio.

▪ CIDADES MÉDIAS X METRÓPOLES

No Brasil, a predominância da pesquisa urbana metropolitana tem nos condicionado a assumir a metrópole como referência nesse campo de estudos. Embora a cidade média não se constitua propriamente um campo novo, os estudos urbanos metropolitanos encontram-se num estágio mais desenvolvido. Um dos desafios dos pesquisadores que tem a cidade média como objeto de estudo é avançar, não na construção de uma teoria específica sobre as cidades médias, como alerta Sposito, mas

⁸⁴ Em Mossoró, o *Mossoró West Shopping* (2007), localizado no Bairro Nova Betânia; e em Presidente Prudente, o *Prudenshopping* (1990), localizado no Bairro Jardim Marupiara.

sim na identificação dos processos que lhes são específicos, evitando assim a reprodução automática de conceitos e categorias resultantes das análises metropolitanas.

A partir de nossas constatações em relação a Passo Fundo arriscamos afirmar que a natureza dos processos intra-urbanos observados nas metrópoles e nas cidades médias é a mesma, o que varia é a intensidade e a complexidade com que esses processos se desencadeiam e se espacializam na cidade. De forma simplificada, diríamos que Passo Fundo vive atualmente, do ponto de vista intra-urbano, processos semelhantes aqueles que ocorreram nas metrópoles brasileiras em décadas anteriores. O espraiamento da mancha urbana e a formação de uma periferia pobre; a verticalização da área central e a derrubada do patrimônio histórico edificado; a priorização do transporte individual; a emergência dos *shopping centers* e o abandono do espaço público; o agravamento das questões ambientais frente a uma ocupação predatória; a segregação socioespacial da elites em setores da cidade e em condomínios fechados na periferia (processo novo em Passo Fundo).

Em última análise, observamos que a natureza desses processos que se reproduzem em escalas e intensidades distintas deriva da lógica capitalista de produção das cidades brasileiras, em que a cidade é assumida como mercadoria, estando entregue às lógicas do mercado como um produto imobiliário. A atuação do Estado nesse processo, tanto nas metrópoles como nas cidades médias, tem sido, via de regra, condicionada aos interesses do mercado e de grupos hegemônicos, representados pelos grandes proprietários fundiários e pelas elites políticas e econômicas locais. Esse jogo de interesses se evidencia na concentração de investimentos públicos em determinadas áreas da cidade, que correspondem aos setores de alta renda e às novas frentes de expansão do mercado imobiliário.

Destacaríamos ainda que embora os problemas urbanos das metrópoles sejam de conhecimento da população brasileira em geral, seu modelo equivocado de crescimento continua sendo reproduzido nas cidades médias por muitos gestores urbanos. Grande parte da população residente em cidades médias, no entanto, influenciada pelos padrões de consumo impostos pela mídia e já disseminados nas metrópoles passa a valorizar e almejar determinado “estilo de vida” que se materializa na cidade a partir da construção de grandes equipamentos de consumo como o *shopping center*, ou nas novas formas de morar, expressas pelos condomínios exclusivos. A imposição de padrões se imprime na cidade anulando em certa medida sua identidade. Em Passo Fundo, a grande concentração de edifícios na área central é um exemplo claro disso, sendo tomada como um sinal de progresso, que indica que a cidade está se desenvolvendo e já expressa “ares de metrópole”.

No entanto, embora as cidades médias venham reproduzindo o modelo de desenvolvimento urbano metropolitano existe, paradoxalmente, a crença de que nessas cidades a população tem melhor “qualidade de vida” do que em cidades maiores, pois os problemas observados nas metrópoles seriam menos freqüentes nas cidades médias. Ainda que os problemas urbanos nas cidades médias sejam menos latentes do que nas metrópoles sua natureza é a mesma, estando atrelados principalmente ao equivocado modelo de desenvolvimento urbano, que em última análise reflete os traços fundamentais da formação social brasileira, caracterizada pelos gritantes desigualdades de poder político e econômico que tão claramente se manifestam na cidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, José Antônio Fialho. A persistência das desigualdades regionais no RS: velhos problemas, soluções convencionais e novas formulações. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 33, n.4, p. 101-114, mar. 2006.
- ALONSO, José Antônio Fialho; BENETTI, Maria Domingues; BANDEIRA, Pedro Silveira. **Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul** : Causas e Perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994.
- ALVES, Flamarion Dutra; SILVEIRA, Vicente Celestino Pires. Evolução das desigualdades regionais no Rio grande do Sul: espaço agrário, imigração e estrutura fundiária. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.9, n.26, p.1-15, jun. 2008.
- ARANTES, Pedro Fiori. Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos 1970. **Novos Estudos CEBRAP** (Impresso), v. 83, p. 103-127, 2009.
- BARBOSA, Iuri Daniel. **Espacialização da desigualdade social na cidade média de Passo Fundo-RS**. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. Crise Práxis e Autonomia: Espaços de resistência e de esperanças, 2010.
- _____. **Problemas habitacionais em uma cidade média dinâmica: o caso de Passo Fundo**. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando en una América Latina en transformación, 2009.
- BATISTELA, Alessandro; KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Antologia do município de Passo Fundo: a cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII E XIX. In: **Passo Fundo, sua história: indígenas, caboclos, escravos, operários, latifúndios, expropriações, território, política, poder, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia impressa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade** . Passo Fundo: Méritos, 2007. 1 v. – (Coleção Passo Fundo e sua história). p. 29-64.
- BEUX, Paulo Ivan Schütz. **Articulação histórica da agricultura com o advento da agroindústria em Passo Fundo: considerações sobre a constituição e a consolidação de um complexo agroindustrial – 1960 a 1980**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003
- BITENCOURT, L.; Gengnagel, C. L.; SPINELLI, J. **Analogias intra-urbanas na cidade média: análise socioeconômica e espacial do bairro São José e dos loteamentos Coronel Massot, Dom Rodolfo e Dona Elisa - Passo Fundo, RS**. In: 12º Encontro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Anais do 12º Encontro de Geógrafos de América Latina, 2009. v. 1.
- BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. **Projeto e relatórios: saneamento de Santa Maria, Cachoeira, Passo Fudno, Rosário e Cruz Alta** (Obras completas de Saturnino de Brito; v. 11). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- CAPELLA, Terezinha Edite. **Indústrias Reunidas Planaltina Ltda e o Bairro Planaltina de Passo Fundo – RS, estudo da relação de dependência**. Monografia . Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processo, escalas e desafios**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 4. ed. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CORAZZA, Jaqueline. **Rios urbanos e o processo de urbanização: o caso de Passo Fundo / RS**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-34.
- _____. Inovações espaciais urbanas – algumas reflexões. In: **Revista Cidades**. São Paulo: Expressão Popular, v. 7, n.11, 151-162, 2010.
- _____. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

- COSTI, Marilice; RIBEIRO, Celi Maria Costi. Frigorífico Z.D. Costi & Cia Ltda, Passo Fundo – RS. **História de um núcleo fabril**. In: VII Encontro de Teoria e História da Arquitetura do Rio Grande do Sul. 2003
- DAL'MORO, Selina; RUCKERT, Aldomar Arnaldo. A agricultura no processo de desenvolvimento do Planalto Médio rio-grandense. In: **Estudos de geografia regional: o urbano, o rural e o rurano na região de Passo Fundo**. Passo Fundo: EDUPF, 2004. p. 26-68.
- DAL MORO, Selina; KALIL, Rosa Maria Locatelli; TEDESCO, João Carlos. (orgs) **Urbanização, exclusão e resitência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo**. Passo Fundo: UPF, 1998.
- DIEHL, Astor Antônio (org.) **Passo Fundo: uma história, várias questões**. Passo Fundo: EDUPF, 1998.
- ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 101-283.
- ELIAS, Denise. Agricultura e produção de espaços urbanos não-metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In: **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- _____. **Globalização e agricultura**. A região de Ribeirão Preto. São Paulo: EDUSP, 2003.
- FREITAG, Bárbara. **Teorias da Cidade**. Campinas: Papirus, 2006.
- FRITZ FILHO, Luiz Fernando; MIGUEL, Lovois de Andrade. . **A Importância do Estado na Evolução da Agricultura no Planalto Médio do Rio Grande do Sul**. In: 4 Encontro de Economia Gaúcha, 2008, Porto Alegre - RS: PUCRS/FEE. Anais de 4 Encontro de Economia Gaúcha, 2008. p. 1-29.
- FRITZ FILHO. Luiz Fernando. **Análise das trajetórias das unidades de produção agrícolas do município de Passo Fundo-RS**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- GOSCH, Luis Roberto Medeiros. **Passo Fundo, de Saturnino de Brito ao Mercosul: projetos e imagens urbanas**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HEXEL, Conrado Augusto; GÁRATE, Héctor Eduardo. **Comércio Século XX Passo Fundo**. Passo Fundo: Sincomércio, 2002.
- IBGE. **Regiões de Influência das cidades – REGIC (2007)**. Rio de Janeiro, 2008.
- IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**, v.1, 1990.
- JANKE, Neuza Regina. **Vilas operárias no Rio Grande do Sul: uma breve reflexão sobre o Bairro da Balsa em Pelotas, Bairro São Cristovão em Passo Fundo e Galópolis em Caxias do Sul**. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 320-339.
- KALIL, Rosa Maria Locatelli. **Habitação social em Passo Fundo: evolução histórica e situação atual**. In: VII Encontro de Teoria e História da Arquitetura do Rio Grande do Sul, 2003, Passo Fundo. Anais do VII Encontro de Teoria e História da Arquitetura do Rio Grande do Sul. Passo Fundo : EDUPF, 2003. v. 1CD.
- KALIL, Rosa Maria Locatelli (et. al.). **Passo Fundo e o processo de integração regional: a questão ferroviária**. In: X Seminário de História das Cidades e do Urbanismo, 2008, Recife. Anais do X Seminário de História das Cidades e do Urbanismo. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, 2008. v. 1. p. 1-17.
- KALIL, R. M. L.; WAIHRICH, Lorena Postal ; FRANDOLOSO, M. A. L. ; COLET, J. ; FIOREZE, C.; GELPI, Adriana. **Cidade de Todos: diagnóstico sobre situação habitacional da Beira Trilho**. In: XIII Encuentro de la Red Universitaria Latino Americana de Cátedras de Vivienda, 2007, Valparaíso, Chile. Anales del XIII Encuentro de la Red Universitaria Latino Americana de Cátedras de Vivienda. Santiago, Chile : Instituto de la Vivienda, 2007.
- KNACK, Eduardo Roberto Jordão. **Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico: Passo Fundo**, RS. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

- KUJAWA, Henrique Aniceto. Formação étnica de Passo Fundo e região. In: **Passo Fundo: uma história, várias questões**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 53-62.
- LECH, Osvandré; CZAMANSKI, Deoclides; CZAMANSKI, Ronaldo. **Passo Fundo: memória e fotografia**. 2.ed. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MACHADO, Ironita P. MIRANDA; Fernando B. Severo de. **Passo Fundo: presentes da memória**. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2005.
- MASCARÓ, Juan José; OLIVEIRA, Lucimara Albieri de. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, abr./jun. 2007, p. 59-69.
- MOGNON, Dave Gislaine. Transformações do espaço urbano em Passo Fundo: relação indústria de aves e Loteamento Maggi de César. Monografia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.
- MOREIRA JÚNIOR, Orlando. **Cidade partida: segregação induzida e auto-segregação urbana. Caminhos de Geografia**. Uberlândia v. 13, n. 33, p. 1 – 10, mar. 2010.
- OLIVERIA, Francisco Antonino Xavier. Annaes do município do Passo Fundo. Coord. Por Marília Mattos | e outros|. Passo Fundo, Gráfica e Ed. Universidade de Passo Fundo, 1990. 3 v. ilust.
- O NACIONAL. **Anuário 2008 – 2009: Passo Fundo Gigante do Norte**. Passo Fundo, 2009.
- O NACIONAL. **Anuário 2009 – 2010: Passo Fundo Gigante do Norte**. Passo Fundo, 2010.
- O NACIONAL. **Anuário 2010 – 2011: Passo Fundo Gigante do Norte**. Passo Fundo, 2011.
- PAIVA, Edvaldo. *et al.* **Passo Fundo: Plano Diretor**. Passo Fundo, 1953.
- PARIZZI, Marilda Kirst. **Passo Fundo sua: sua história e evolução**. Passo Fundo: Berthier, 1983.
- Passo Fundo. **LEI N.º 2.133**, de 13 de dezembro DE 1984. Aprova o II Plano Diretor De Desenvolvimento Urbano De Passo Fundo; dispõe sobre as normas do I Plano Diretor da cidade que permanecerão vigentes; e dá outras providências.
- Passo Fundo. **LEI COMPLEMENTAR N.º 170**, de 09 de outubro de 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado – PDDI do município de Passo Fundo.
- **Plano Local de Habitação de Interesse Social – PLHIS**. Elaborado por Latus Consultoria, Pesquisa e Assessoria de Projetos. 2009, 2010.
- PIMENTEL, Rodrigo. **Passo Fundo: muitas histórias, uma versão**. Passo Fundo: Clío Livros, 2005.
- RODIGHIERI, Marissandra; GEHM, Eduardo; BITENCOURT, Luciane. As transformações espaciais do território do município de Passo Fundo – 1857 -1992.. In: **Estudos de geografia regional: o urbano, o rural e o rurano na região de Passo Fundo**. Passo Fundo: EDUPF, 2004. P. 69-99.
- ROMANINI, Anicoli. **Planejamento urbano e equipamentos comunitários: o caso de Passo Fundo/RS**. Dissertação (Mestrado, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.
- RÜCKERT, Aldomar A. **Metamorfoses do território: a agricultura de trigo/soja no planalto médio rio-grandense 1930/1990**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.
- _____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

- _____. **Manual da geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. **Por uma economia política da cidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SILVA, Ana Maria Radaelli da; SPINELLI, Juçara; FIOREZE, Zélia Guareschi. (orgs) **Atlas geográfico de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos; IMED, 2009.
- SILVA, Ana Maria Radaelli. *et al.* **Estudos de geografia regional: o urbano, o rural e o rurano na região de Passo Fundo**. Passo Fundo: UPF, 2004.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues; UEDA, Vanda. Cidades médias e modernização do território no Rio Grande do Sul. In: **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 379-412.
- SPINELLI, J. ; SILVA, Ana Maria Radaelli da ; BITENCOURT, Luciane Rodrigues de ; BONATTO, Daltro ; CARVALHO, Paula Terres ; FRAGOMENI, Luiz Paulo ; JORGE, Marcia da Silva . **Análise das Condicionantes Socioeconômicas para Definição de Critérios a Instalação de Distritos Industriais no Município de Passo Fundo/RS - Considerações Teórico-Preliminares**. In: XXVI Encontro Estadual de Geografia - A Metrópole e sua Multiterritorialidade, 2006, Porto Alegre. Anais do XXVI Encontro Estadual de Geografia - A Metrópole e sua Multiterritorialidade. Porto Alegre :Divultec, 2006. p. 32-33.
- SOUZA, Sirlei de Fátima de. **Tradição x modernização no processo produtivo rural: os Clubes 4-S em Passo Fundo (1950-1980)**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Loteamentos fechados em cidades médias paulista. In: **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.175-198.
- _____. **A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana**. In: Encontro Nacional da ANPEGE, 2, 1997. Resumos. Rio de Janeiro. v. 1. p. 44-45.
- _____. **Capitalismo e urbanização**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. (org.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Sposito *et al.* O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.
- SOBARZO, Oscar. **Os Espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.
- _____. Passo Fundo: cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio. In: **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 29-100.
- TEDESCO, João Carlos. *et al.* **Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo 1960-1980**. Porto Alegre: EST, 2005.
- TEDESCO, João Carlos; SANDER, Roberto. **Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)**. 2.ed. Passo Fundo: UPF, 2005.
- TOMIO. Fabrício Ricardo de Limas. A criação de municípios após a Constituição de 1988. **Revista brasileira de ciências sociais**. v. 17, n.48, p. 61-89.

- TOPALOV, Christian. Fazer a história da pesquisa urbana: a experiência francesa desde 1965. Trad. de Regina Silvia Pacheco. **Revista Espaço & Debates**, São Paulo, n. 23, 1988, p. 5-29.
- TOURINHO, Andréa de Oliveira: **Do Centro aos centros: bases teórico-conceituais para o estudo da centralidade em São Paulo**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- VILLAÇA, Flávio. **As ilusões do Plano Diretor**. 2005. Disponível em <http://flaviovillaça.arq.br>
- _____. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. In: **Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo: CEDESP, 1999, p.221 -26.
- _____. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP. Lincoln Institute, 2001.
- _____. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, 25 (71), 2011.
- _____. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: **O processo de urbanização do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004, p.169 -244.
- WENTS, Liliane Irma Mattje. **Madeireiros na região norte do Rio Grande do Sul: perfil socioeconômico e articulações de classe (1902-1950)**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2004.